

FRANCINALDO DE SOUZA LIMA

**BÍBLIA, VULGO “PALAVRA DE DEUS”: O PROJETO  
TRADUTÓRIO DE BÍBLIAS VULGATAS BRASILEIRAS**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Simoni

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Moura Schäffer

FLORIANÓPOLIS, SC

MARÇO 2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lima, Francinaldo de Souza

Bíblia, vulgo "Palavra de Deus" : o projeto tradutório de bíblias vulgatas brasileiras / Francinaldo de Souza Lima ; orientadora, Karine Simoni, coorientadora, Ana Maria de Moura Schäffer, 2019.

128 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução bíblica. 3. Bíblia vulgata. 4. Projeto Tradutório. I. Simoni, Karine. II. Schäffer, Ana Maria de Moura. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

FRANCINALDO DE SOUZA LIMA

BÍBLIA, VULGO “PALAVRA DE DEUS”: O PROJETO  
TRADUTÓRIO DE BÍBLIAS VULGATAS BRASILEIRAS

Dissertação julgada adequada para a obtenção do título de

MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Área de concentração: Processos de Retextualização  
Linha de Pesquisa: Estudos Literários da Tradução e da Interpretação

Aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em  
Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, em  
25/03/2019.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dirce Waltrick do Amarante  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Karine Simoni (PGET-UFSC) – Orientadora e Presidente

---

Prof. Dr. Mauri Furlan (DLLV-UFSC) – Examinador

---

Profa. Dra. Rosvitha Friesen Blume (PGET-UFSC) – Examinadora



## AGRADECIMENTOS

A CAPES, pelo financiamento imprescindível à realização desta pesquisa;

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela oportunidade de crescer em conhecimento na área através das aulas, eventos os mais diversos e recursos bibliográficos que disponibiliza há tanto tempo aos estudiosos da Tradução ao redor do mundo;

As professoras Martha Pulido, Andréa Cesco, Andréia Guerini e Alinne Fernandes pelas contribuições valiosas que suas aulas deram ao meu desenvolvimento enquanto Mestre e, em especial, a esta pesquisa;

Particularmente, agradeço a Profa. Karine Simoni por ter acolhido esta pesquisa, mesmo ciente das diferenças entre nossas linhas de pesquisa. Sua generosidade e exemplo de pesquisadora disposta a desbravar novos horizontes não serão esquecidos;

A Profa. Ana Maria de Moura Schäffer pela atenção a mim dispensada desde que nos conhecemos e por toda a colaboração que forneceu para o andamento da pesquisa;

Ao Prof. Mauri Furlan por ter afinado o meu senso crítico e colaborado tão prontamente com este trabalho, a Profa. Rosario Igoa por ter renovado meu entusiasmo e por suas pertinentes indicações de melhorias no andamento da pesquisa, bem como a Profa. Rosvitha Blume por suas relevantes orientações no encerramento desta dissertação;

As professoras Carmen Verônica Nóbrega e Sinara Branco da Universidade Federal de Campina Grande, grandes incentivadoras de meu progresso na caminhada junto à PGET/UFSC;

A minha rede de suporte psicológico, emocional e espiritual formada por familiares, amigos e irmãos em Cristo que me deram todo o apoio necessário durante o percurso;

Aquele que em tudo e por meio de todos acima mencionados esteve mostrando Sua graça, misericórdia e providência divinas para comigo. *Soli Deo Gloria.*



*“Enquanto alguns procuram erros na Bíblia e engano nas traduções, um homem sincero, com uma Bíblia aberta, sem dúvida encontrará bem depressa o que há de errado consigo mesmo.”*

*A. W. Tozer*





## RESUMO

Este trabalho trata de uma pesquisa descritiva, qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, cujo objetivo é descrever o projeto tradutório de três bíblias vulgatas brasileiras: a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2000), a *Bíblia Judaica Completa* (2010) e a *Nova Bíblia Pastoral* (2014). Primeiro, foram elencadas características comuns aos projetos tradutórios das referidas bíblias, a partir das informações contidas nos elementos paratextuais. Depois, o texto-fonte e o texto-alvo na passagem de *Romanos*, capítulo 5, foram confrontados para analisar as estratégias tradutórias empregadas. As bases teóricas e metodológicas foram: Geisler e Nix (2006), Giraldi (2013) e Raupp (2015), sobre o histórico da tradução bíblica; Schleiermacher ([1813], 2010), sobre os métodos de tradução; Nida (1964), Simms (1997), Lutero ([1530] 2006) e Konings (2006, 2009), sobre as reflexões teóricas provenientes da tradução bíblica. Constatou-se que desde a Idade Média há uma preocupação em tornar o texto bíblico acessível ou em linguagem vernacular. No Brasil, há pelo menos dez traduções bíblicas vulgatas, caracterizadas por apresentar registro linguístico acessível a pessoas com diferentes níveis de instrução, aplicação do método de equivalência dinâmica, com foco no leitor, fornecendo-lhe recursos de natureza hermenêutica, teológica e/ou tradutológica. Dentre as estratégias tradutórias destacam-se a clarificação de ideias do texto, a ordenação do discurso e modificações estruturais para facilitar a leitura.

**Palavras-chave:** Tradução bíblica. Bíblia vulgata. Brasil. Projeto tradutório.



## ABSTRACT

This work is a descriptive, qualitative, bibliographic and documentary study, that aims to describe the translation project of three Brazilian vulgate bibles: *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (The New Translation in Today's Language, 2000), *A Bíblia Judaica Completa* (The Complete Jewish Bible, 2010) and *Nova Bíblia Pastoral* (New Pastoral Bible, 2014). First, the characteristics common to the translational projects of these three bibles were listed based on the information incorporated in the paratextual elements. Second, the source text and the target text in the passage from *Romans*, Chapter 5, were confronted to analyze the translation strategies employed. The theoretical and methodological bases were: Geisler and Nix (2006), Giraldi (2013) and Raupp (2015), on the history of biblical translation; Schleiermacher ([1813], 2010), on the methods of translation; Nida (1964), Simms (1997), Luther ([1530] 2006) and Konings (2006, 2009), on theoretical reflections produced by biblical translation. It has been found that since the Middle Ages there has been a concern to make the biblical text accessible in vernacular language. In Brazil, there are at least ten vulgate Bible translations, characterized by presenting a linguistic register intelligible to people of different instruction levels, applying the dynamic equivalence method, focusing on the reader, providing hermeneutic, theological and / or translational resources. Among the translation strategies applied are the clarification of the ideas of the text, the ordering of the discourse and structural modifications that facilitates reading.

**Keywords:** Bible translation. Vulgate Bible. Brazil. Translation project.



## RÉSUMÉ

Il s'agit d'une recherche descriptive, qualitative, de caractère bibliographique et documentaire. Le but, c'est de décrire le projet traductif de trois bibles vulgaires brésiliennes : la *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2000), la *Bíblia Judaica Competa* (2010) e a *Nova Bíblia Pastoral* (2014). D'abord, on a présenté les caractéristiques en commun aux projets traductifs des ces bibles selon les informations disponibles sur les éléments paratextuels. Ensuite, on a confronté le texte-source et le texte-cible dans l'extrait de *Romains*, chapitre 5, au but d'analyser les stratégies de traduction employées. Les fondements théoriques et méthodologiques ont été : Geisler et Nix (2006), Giraldi (2013) et Raupp (2015), à propos de l'histoire de la traduction biblique ; Schleiermacher ([1813], 2010), sur les méthodes de traduction, ainsi que Nida (1964), Simms (1997), Luther ([1530] 2006) et Konings (2006, 2009) sur les réflexions théoriques formulées à partir de la traduction biblique. On a constaté que dès le moyen Âge il y a une préoccupation de rendre le texte biblique accessible en langue vernaculaire. Au Brésil, il y a au moins dix traductions bibliques vulgaires. Ses caractéristiques sont : registre de langage accessible aux gens de différents niveaux de scolarité ; traduites selon la méthode d'équivalence dynamique ; et concentrées sur le lecteur, en lui offrant des ressources de nature herméneutique, théologique et/ou traductologique. Parmi ces stratégies de traduction, on met l'accent sur la clarification des idées du texte, l'ordre du discours et les changements structuraux afin de faciliter la lecture.

**Mots-clés:** Traduction biblique. Bible vulgaire. Brésil. Projet traductif.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cronologia de traduções bíblicas vulgatas brasileiras .....	48
Tabela 2: Tradução comparada de <i>Efésios 2: 11-14</i> .....	53
Tabela 3: Lista de paratextos presentes nas bíblias vulgatas .....	69
Tabela 4: Texto-fonte de <i>Romanos 5</i> e tradução literal .....	79
Tabela 5: Tradução de <i>Romanos 5: 7-8</i> – Nova Bíblia Pastoral.....	87
Tabela 6: Tradução de <i>Romanos 5: 15</i> – Nova Bíblia Pastoral .....	88
Tabela 7: Tradução de <i>Romanos 5: 16</i> – Nova Tradução na Linguagem de Hoje.....	96
Tabela 8: Tradução de <i>Romanos 5: 11-12, 18</i> – Bíblia Judaica Completa.. ..	105
Tabela 9: Tradução de <i>Romanos 5: 9</i> – Bíblia Judaica Completa .....	106
Tabela 10: Tradução de <i>Romanos 5: 12</i> – Bíblia Judaica Completa ..	108





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>1. O PERCURSO HISTÓRICO DA TRADUÇÃO BÍBLICA</b> .....	27
1.1. Tradução bíblica: o estabelecimento de um texto-fonte .....	28
1.2. Bíblia: milênios de tradução .....	35
1.3. Traduções bíblicas vulgatas: uma perspectiva atual .....	45
<b>2. O PROJETO TRADUTÓRIO DAS BÍBLIAS VULGATAS</b> ....	51
2.1. Tradução bíblica: o estabelecimento de um texto-fonte .....	59
2.2. Bíblia: milênios de tradução .....	65
2.3. Traduções bíblicas vulgatas: uma perspectiva atual .....	74
<b>3. ANÁLISE TEXTUAL DE BÍBLIAS VULGATAS</b> .....	77
3.1. Nova Bíblia Pastoral .....	83
3.2. Nova Tradução na Linguagem de Hoje .....	92
3.3. Nova Bíblia Pastoral .....	101
3.4. Algumas implicações .....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	121



## INTRODUÇÃO

A prática da tradução bíblica remonta aos séculos finais antes da era cristã e mantém-se vívida até hoje, dois milênios depois. Ao longo desse período, ela foi a responsável por parte dos primeiros postulados teórico-metodológicos sobre a tradução, pela consolidação de línguas vernaculares na Idade Média e ainda hoje (em contextos missionários) e pela instauração de debates modernos sobre métodos de tradução. A diversidade de gêneros textuais que compõem a Bíblia e as suas especificidades culturais e linguísticas lhe concedem lugar de destaque no campo da tradução, seja por sua produção, como livro mais traduzido do mundo (SILVA, 2014, p. 69), seja pelas pesquisas que incita. Para Gentzler,

De fato, a tradução bíblica tem gerado mais dados em diversas línguas do que qualquer outra prática de tradução: é uma atividade com uma história longa, que alcança muitas pessoas nas mais diversas culturas e envolve mais tradutores de origens diferentes do que qualquer outra prática na área. Também em termos genéricos, a tradução bíblica abrange todos os campos, pois, no texto, se encontram passagens de poesia e prosa, narrativa e diálogo, parábolas e leis. (2009, p. 73).

Vale salientar, também, que a história da tradução bíblica é marcada por controvérsias e debates. A primeira delas é sobre a (im)possibilidade da tradução de uma mensagem reputada como divinamente inspirada. Nesse caso, discute-se (sim, no presente<sup>1</sup>) se a tradução é um serviço prestado, principalmente à comunidade de fé, ou é um desserviço, pois diante de sua impossibilidade, o que resultaria dela é tido como um texto maculado (GUIDERE, 2010, p. 23). Em sendo ela possível, a segunda controvérsia é sobre o método a ser aplicado nessa tradução. Discute-se, então, sobre a abordagem literal,

---

<sup>1</sup> Nem todas as religiões permitem que seus textos considerados sagrados sejam traduzidos. Os judeus, por exemplo, foram resistentes por muito tempo à prática da tradução e, ainda hoje, como veremos adiante, há alguns grupos que a condenam (BÍBLIA, 2004). Ainda sobre a tradução de textos considerados sagrados, vale lembrar que entre os muçulmanos há quem considere o texto em árabe o verdadeiro Alcorão enquanto as traduções são vistas como meras interpretações (ABDUL-RAOF, 2001, p. 19).

ligada à forma, e sobre a abordagem semântica, ligada ao sentido; debate já travado por Jerônimo quando de seu comentário sobre a tradução do Novo Testamento bíblico no século IV. Concomitantemente, questiona-se, ainda, sobre o foco da tradução. Nesse caso, a tradução pode estar mais focada em seguir o texto-fonte, com suas formas e especificidades linguísticas e contextuais próprias, ou em seguir o leitor da tradução, lançando mão de recursos linguísticos (e de outros, como formatação) para expressar o sentido do texto-fonte da forma mais clara e natural possível. Várias são, portanto, as tensões que envolvem a tradução bíblica, a maioria delas resultantes de pontos de vista diferentes sobre a atividade ou sobre o objeto da tradução.

Como foi dito, essas tensões caracterizam os textos religiosos em geral como textos sensíveis quanto à leitura e quanto à tradução (SIMMS, 1997, p. 5). Uma vez considerados sagrados e divinamente inspirados, esses textos são acolhidos como regra de fé e prática, de modo a estabelecer uma relação emocional com o leitor para além do gozo advindo da contemplação de uma obra artística e criativa; crê-se que, por meio das orientações do livro, quem o lê desenvolverá algum tipo de contato ou relacionamento com a divindade. De acordo com Lopes,

Lidar com tradução de textos sagrados, portanto, é envolver-se em uma realidade social [...], construída pelo próprio homem, que é capaz de relacionar-se até mesmo com o transcendente, incognoscível, inominável, divino (2008, p. 19).

Por causa de tal relação emocional, as estratégias de tradução desses textos, ao não atenderem às expectativas dos (leitores) críticos, estão sujeitas a serem consideradas violações, transgressões, ou mesmo traições do texto-fonte e não serão compreendidas e/ou acatadas por eles com apreço. Segundo Simms,

Todos os tradutores que têm respeito próprio visam ao maior grau possível de fidelidade, mas em que consiste ‘fidelidade’ é algo aberto à discussão. É a respeito dessa questão de fidelidade que a tradução torna-se um problema de sensibilidade e, então, a tradução de textos sensíveis duas vezes mais<sup>2</sup> (1997, p. 7).

---

<sup>24</sup>All self-respecting translators aim for the greatest degree of fidelity possible, but what ‘fidelity’ consists of is itself open to dispute. It is *a propos* this

O cristianismo se difundiu por meio da tradução de seus textos sagrados e, de acordo com Trebolle Barrera (1996, p. 150), “ao longo de sua grande história, a Bíblia foi lida quase sempre em traduções”. Consequentemente, o histórico dos cristãos com a tradução bíblica é marcado por tensões que fizeram emergir a sensibilidade do texto nos termos de Simms (1977), citado acima. Quando finalmente se instituiu uma tradução oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, a *Vulgata Latina* de São Jerônimo do século IV, por ocasião do Concílio de Trento em 1546, qualquer outra tradução em outros idiomas, principalmente em vernáculos, a fim de tornar a Bíblia acessível à população leiga, foi condenada sob temor de heresia e para evitar outras interpretações (livres) que não a oficial da Tradição<sup>3</sup> da Igreja. Ao longo da Idade Média, desafiar esse cenário e propor suas traduções foi assunto complexo, tendo, por exemplo, custado a vida de Willian Tyndale, condenado à morte como herege, e a tranquilidade de Martinho Lutero, excomungado e perseguido por sua tradução, ensinamentos e atitudes perante o que acreditava ser necessário modificar na Igreja Católica. Ainda assim, a tradução bíblica perseverou e se intensificou nos séculos posteriores, principalmente entre os protestantes, de modo que, “durante o século XIX, um total de quinhentas línguas e dialetos receberam as Escrituras pela primeira vez, chegando ao total de 571 idiomas no fim do século” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 187).

Segundo levantamento histórico de Marcelo Raupp (2015), até o ano 2012, pelo menos 37 traduções e revisões da Bíblia haviam sido realizadas no Brasil. Desde então, outros projetos foram lançados, como *O Novo Testamento*, da Federação Espírita do Brasil, em 2013, a *Nova Versão Transformadora*, da Editora Mundo Cristão, em 2016, e a *Nova Almeida Atualizada* (Novo Testamento), da Sociedade Bíblica do Brasil, em 2017. Em nível mundial, de acordo com as Sociedades Bíblicas

---

question of fidelity that translation becomes a sensitive issue, and the translation of sensitive texts doubly so” (tradução própria).

<sup>3</sup> Uma vez que, para a Igreja Romana, os papas são sucessores legítimos e divinos do apóstolo Pedro, seus ensinamentos são inspirados e devem nortear, junto com a Bíblia, a fé e a praxe da referida igreja. São esses ensinamentos que compõem a chamada *Tradição* (cf. § 75-79 em CATECISMO, 1992).

Unidas<sup>4</sup>, até o ano de 2017, a Bíblia havia sido traduzida integralmente para 674 línguas (de um total aproximado de 7097), outras 1515 possuíam apenas o Novo Testamento cristão traduzido e 1135 possuíam apenas excertos de livros ou passagens. Conforme Raupp,

Assim, de nação em nação, a Bíblia tem conquistado espaço em nível mundial. Uma das consequências desse amplo alcance é que cada país onde ela está disponível certamente possui a sua própria diversidade de traduções, alguns contando com uma variedade maior, outros, com uma menor. (2015, p. 25).

Em meio à multiplicidade de formatos da qual fala Raupp, destaco um conjunto de traduções bíblicas comumente designado como “bíblias em linguagem contemporânea”, “bíblias em linguagem popular”, “bíblias em linguagem simples e acessível” ou “bíblias na linguagem de hoje” (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008; GIRALDI, 2013; RAUPP, 2015). Algumas bíblias desse grupo, inclusive, trazem essas designações em seus títulos ou subtítulos, como a *Bíblia na Linguagem de Hoje*, publicada em 1988 pela Sociedade Bíblica do Brasil, e sua revisão publicada em 2000 sob o título *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, além da tradução *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*, publicada em 2011 pela Editora Vida. Nota-se que algumas dessas designações lançam mão de adjetivos para caracterizar o registro linguístico empregado na tradução. Todavia, há pouca exatidão nesses atributos e também, como veremos adiante, nas informações dadas por cada tradução sobre o que se entende por uma linguagem “acessível” ou “popular”. Igualmente, as designações que formam os títulos das traduções apresentados acima são imprecisas. Todas mantêm uma relação com o aspecto temporal, datando as escolhas realizadas e tornando-as, na verdade, efêmeras. Pode-se perguntar se o registro linguístico empregado na tradução publicada em 2000 ainda é a “linguagem de hoje”, quase duas décadas depois. Portanto, essas designações servem apenas para lançar alguma luz sobre os projetos tradutórios em questão, sobre os quais se cria a hipótese de que, então, propõem traduções bíblicas com registros linguísticos isentos de arcaísmos e erudição (características que se pressupõe inibir a leitura da

---

<sup>4</sup>Para maiores informações, verificar o Relatório 2017 da entidade no link: <[https://www.unitedbiblesocieties.org/fr/wpcontent/uploads/sites/4/2018/03/GS-AR-2017\\_FR\\_brochure\\_final\\_lowres\\_spreads.pdf](https://www.unitedbiblesocieties.org/fr/wpcontent/uploads/sites/4/2018/03/GS-AR-2017_FR_brochure_final_lowres_spreads.pdf)>, acesso em 29/05/2018.

Bíblia) para que todos os interessados possam compreender o texto, independente dos diferentes níveis de instrução e letramento dos indivíduos. Por essa razão, adotarei nesse trabalho a designação “vulgata” para essas traduções bíblicas, conforme Konings:

Por isso distinguimos entre bíblias eruditas e ‘vulgatas’, que têm a pretensão de falar a linguagem do *vulgus*, do povo. Bíblias eruditas não são ‘vulgatas’ munidas de aparato erudito, mas traduções que são eruditas em si mesmas, por causa de sua linguagem (2009, p. 121).

Com relação às bíblias vulgatas, duas dificuldades podem ser delimitadas no que tange à forma como são realizados os respectivos processos tradutórios. A primeira é que tais traduções sofrem com o peso da tradição das anteriores, em sua maioria eruditas, que consolidaram certa linguagem bíblica nos contextos eclesiais. Segundo Teixeira e Zimmer (2008, p. 48), “congregações e pastores normalmente preferem uma versão mais conhecida a uma nova tradução, mesmo que esta seja mais precisa e fluida”. E também, de acordo com Queiroz (2007, p. 193), “muitas vezes, há resistência em se aceitar uma ou outra tradução, devido à existência de uma ‘linguagem bíblica’ que cria uma identidade para o texto sagrado”. O projeto tradutório das bíblias vulgatas acaba sendo desacreditado e declarado passível de macular a mensagem divina, por “não parecer a Bíblia”. A segunda dificuldade é que, conforme Konings (2009, p. 108), há uma tendência no Brasil de que cada editora possua sua tradução bíblica própria, acarretando a coexistência de projetos tradutórios semelhantes, mas, ainda assim, diferentes. Conforme Miller e Huber (2006, p. 229), “a maioria dos especialistas no assunto entende que não existe só uma maneira correta de traduzir a Bíblia, mas que a maioria das traduções a que se tem acesso hoje em dia podem ser úteis a diferentes grupos de leitores”.

Diante dessa problemática, o objetivo deste trabalho é descrever o projeto tradutório de bíblias vulgatas a partir da análise de três delas: *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2000), *Bíblia Judaica Completa* (2010) e *Nova Bíblia Pastoral* (2014). Como objetivos específicos, pretendo, primeiro, traçar o perfil dos projetos tradutórios de bíblias vulgatas brasileiras, por meio de informações extraídas de seus paratextos e, em seguida, analisar as estratégias empregadas na tradução do texto. Esse estudo faz-se necessário por pelo menos três razões. A primeira, porque é preciso munir essa área do conhecimento com pesquisas para que leigos e estudiosos de Teologia e de Tradução,

principais ramos do conhecimento interessados, possam ampliá-las. A segunda, porque é necessário fornecer embasamento analítico-científico que possa fundamentar ou invalidar críticas injustas e rejeições a esse trabalho tradutório, bem como a qualquer outro, muitas vezes pautadas em senso comum e preferência pessoal, a fim de contribuir para o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos tradutórios com este mesmo foco. Por fim, porque acredito que esse trabalho pode contribuir para a recepção e percepção dessas traduções pelos leitores mais críticos e exigentes.

Quanto à metodologia, essa pesquisa tem caráter descritivo, qualitativo, de cunho bibliográfico e documental (GIL, 2008, p. 50-51). Inicialmente, a partir da leitura e cruzamento de informações sobre as traduções dispostas nos paratextos editoriais, apresentarei as características comuns aos projetos tradutórios das bíblias vulgatas. Essa descrição foi fundamentada tanto em reflexões teórico-metodológicas que coadunam com o projeto tradutório em análise como em reflexões que lançam críticas ao mesmo, visando situar a questão no campo dos Estudos da Tradução. Com base nos princípios envolvidos e em discussões teórico-metodológicas, analisarei o texto traduzido de três dessas bíblias, de ramos doutrinários diferentes: a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, protestante, a *Nova Bíblia Pastoral*, católica romana, e a *Bíblia Judaica Completa*, judaico-messiânica<sup>5</sup>. Por questões metodológicas que devem caber no formato de uma dissertação de mestrado, a análise se deterá no Novo Testamento cristão dessas bíblias, especificamente, o capítulo 5 do livro de *Romanos*, o qual contém vinte e um versículos. O trecho em análise é um dos pontos-chave da argumentação tecida pelo autor (apóstolo Paulo) para expor a doutrina cristã de que todos os homens são culpados, diante de Deus, e condenados por seus pecados à ira divina, podendo estes ser perdoados e salvos pela fé no Cristo. O *Novo Testamento Interlinear Analítico*, aparato crítico de Gomes e Olivetti (2015), será tomado como texto-fonte, pois foi usado para as traduções analisadas. Essa obra foi compilada a partir do *Texto Majoritário*, com base no *The Greek New Testament According to the Majority Text Second Edition* de Zane Hodges e Arthur Farstad, publicado nos Estados Unidos pela Editora Thomas Nelson. A fim de auxiliar o leitor desse trabalho que não possua

---

<sup>5</sup> Grosso modo, o judaísmo messiânico é um ramo do cristianismo que crê em Jesus Cristo como o Messias das profecias judaicas, sem desprender-se da observância das tradições religiosas do judaísmo.



instrumentalidade na língua grega e para melhor facilitar a análise dos dados, realizei a tradução literal do texto escolhido como *corpus*.

Em termos de organização e apresentação deste trabalho, além do apanhado geral do campo da pesquisa nesta Introdução, o mesmo divide-se ainda em três capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, apresentarei o percurso histórico da tradução bíblica, traçando eventos e fatos que contribuíram para a emergência das bíblias vulgatas em contexto mundial e sua repercussão no Brasil. No segundo capítulo, elencarei de forma descritiva as características comuns aos projetos tradutórios de bíblias vulgatas brasileiras, discutindo as dificuldades e as razões que as levam a serem criticadas negativamente por alguns, sem esquecer, que, seja vulgata ou erudita, a Bíblia é um texto sensível e naturalmente provocará controvérsias quanto à sua tradução. No terceiro capítulo, apresentarei a análise do texto traduzido a partir do trecho delimitado, descrevendo e discutindo as estratégias tradutórias empregadas com base no projeto tradutório e em reflexões teórico-metodológicas pertinentes. Finalmente, na seção de considerações finais, além da apresentação da síntese da pesquisa, lançarei algumas propostas de pesquisas que podem vir a ampliar as discussões aqui iniciadas.



## 1. O PERCURSO HISTÓRICO DA TRADUÇÃO BÍBLICA

A história da tradução enquanto atividade linguística se confunde com a história da tradução de textos religiosos; principalmente daqueles que hoje compõem seja a Bíblia judaica seja a cristã. Dessa forma, não há construção da História da Tradução sem tradução bíblica. Tão estreita é essa relação que o próprio “patrono dos tradutores”, São Jerônimo, é um tradutor bíblico, responsável pela tradução latina da Bíblia no século IV, conhecida como *Vulgata Latina*, declarado santo pela Igreja Católica Romana por seu trabalho considerado divinamente protegido e inspirado (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 179). Lembro, também, que a própria ideia de “fidelidade” e “infidelidade” da tradução (tanto à forma quanto ao sentido) aparenta trazer consigo um aspecto de sacralidade, reverberando em outra relevante discussão: a traduzibilidade e a intraduzibilidade de um texto. Nesse sentido, conforme Guidère (2010, p. 23), a tradução desses textos pode ser encarada como uma prestação de serviço (por possibilitar o acesso à mensagem divina) ou como uma blasfêmia (por corromper ou macular essa mensagem).

Apesar das diferentes posturas quanto à tradução bíblica, ela tem sido realizada desde o século III a.C., quando o faraó Ptolomeu II Filadelfo encomendou a tradução dos textos religiosos judaicos do hebraico para o grego dando origem à *Septuaginta*. Desde então, a tradução da Bíblia diversificou-se em públicos e métodos, sendo realizada em centenas de idiomas e dialetos e sendo, inclusive, ponto de discórdia entre setores religiosos cristãos, principalmente na Idade Média, levando alguns de seus realizadores até mesmo à morte. Atualmente, a Bíblia é o livro mais vendido de todos os tempos (GENTZLER, 2009, p. 231) e o livro mais traduzido do mundo (SILVA, 2014, p. 69) e anualmente chega às mãos de um número maior de pessoas graças a esse trabalho, nas mais variadas formas e especialidades. Aliás, vale salientar que, no caso do cristianismo, a difusão das chamadas Escrituras Sagradas entre os fiéis se deu quase que exclusivamente por meio de traduções (TREBOLLE BARRERA, 1996, p.150).

Segundo dados do projeto Visão 2025<sup>6</sup>, cerca de 3700 línguas não possuem nenhuma tradução (parcial ou completa) da obra. Só no Brasil, até 2015 já haviam sido produzidos trinta e sete trabalhos tradutórios, entre traduções parciais ou completas, revisões e retraduições (RAUPP, 2015, p. 75-110). Essa expressiva produtividade é um comportamento que se manifesta de igual forma ao redor do mundo, de modo que, conforme mencionado na Introdução, em cada país onde está traduzida, a Bíblia apresenta uma diversidade maior ou menor de traduções (RAUPP, 2015, p. 25). Quanto a essa variedade, destacamos a expansão, a partir da década de 1960, das traduções bíblicas vulgatas, também conhecidas por “bíblias em linguagem acessível” ou “em linguagem contemporânea”.

Neste capítulo, contextualizarei a tradução bíblica em seu aspecto histórico. Inicialmente, apresentarei o contexto de produção, conservação e padronização do texto-fonte, seguido de uma descrição de traduções bíblicas de destaque. Logo após, elucidarei as circunstâncias históricas que favoreceram a produção de bíblias vulgatas no mundo e a respectiva repercussão no Brasil. Devido ao caráter histórico-descritivo do capítulo e a fim de compreender as origens e a evolução do movimento de tradução bíblica vulgata, apresentarei principalmente as considerações de autores como Delisle e Woodsworth (1998), Geisler e Nix (2006), Miller e Huber (2006), Giral di (2013a, 2013b, 2013c) e Raupp (2015), com as quais procuro dialogar e mediar vozes para manter o objetivo do capítulo, fundamental para a compreensão e análise do corpus da pesquisa, objeto que constitui o cerne dos capítulos seguintes.

### **1.1. Tradução bíblica: o estabelecimento de um texto-fonte**

Antes de tratar do texto traduzido, é pertinente contextualizar como se deu a produção, a conservação e a padronização do que se entende ser o texto-fonte das traduções bíblicas. Segundo tratado cronológico de Raupp (2015, p. 34), a composição de toda a Bíblia

---

<sup>6</sup> A Visão 2025 é um projeto internacional de competência da Wycliffe Internacional, desenvolvido no Brasil pela Associação Linguística Evangélica Missionária (ALEM), sediada em Brasília/DF, cuja meta é recrutar candidatos ao trabalho missionário transcultural, treinando-os para, até 2025, traduzir a Bíblia nas mais de 3700 línguas minoritárias que ainda restam no mundo sem nenhum programa de tradução, muitas delas ágrafas.

durou cerca de 1600 anos, desde os primeiros registros escritos atribuídos a Moisés, por volta do século XVI a.C., até a escrita do livro do *Apocalipse*, atribuído a João, por volta de 90 d.C. Até a conclusão desse processo, a mensagem bíblica foi transmitida, primeiro, de forma oral e, depois, escrita. Com o passar dos anos, os textos autógrafos se perderam, sobrevivendo apenas milhares de cópias manuscritas desses textos, as quais foram preservadas, com algumas variantes entre si, em lugares e por tradições eclesiásticas diferentes; além de citações desses textos em obras escritas por líderes cristãos ao longo da história da igreja cristã. A partir da análise desses escritos, das descobertas de novos manuscritos e a partir do trabalho da Crítica Textual estabeleceram-se textos-padrão para a realização das traduções.

Antes de adentrarmos o assunto proposto, um esclarecimento prévio se faz necessário: o processo de composição dos textos bíblicos não se deu de forma homogênea. De acordo com Geisler e Nix (2006, p. 85-98), a Bíblia cristã é formada por duas partes: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. O Antigo Testamento é formado pelos escritos judaicos, ou seja, a Bíblia judaica. Para os cristãos, Jesus Cristo é o Messias (Enviado), prometido por Deus nas profecias dos textos judaicos; os judeus, por sua vez, não o reconhecem como tal, aguardando ainda o cumprimento dessas profecias. Por essa razão, os cristãos veem em Jesus Cristo o estabelecimento de uma nova aliança com a divindade expressa nos termos dos escritos que compõem, portanto, o chamado Novo Testamento. Para os cristãos católicos romanos, alguns escritos judaicos presentes na *Septuaginta* (tradução grega usada nos dias de Jesus) também são divinamente inspirados e aceitos como Escrituras Sagradas; os chamados livros deuterocanônicos. Judeus e cristãos protestantes, por sua vez, não os reconhecem como tais. São eles: *Tobias*, *Judite*, *Sabedoria de Salomão*, *Eclesiástico*, *Baruque*, *1º e 2º Macabeus*, além de acréscimos aos livros de *Esther* e *Daniel*.

No que diz respeito à produção do Antigo Testamento, sabe-se que a mensagem bíblica foi inicialmente transmitida de forma oral (BECKWITH, 1998, p. 71-72), cabendo a Moisés fazer os primeiros registros escritos (o conjunto dos cinco textos atribuídos a ele é conhecido como Lei de Moisés, Torá ou Pentateuco<sup>7</sup>). Esses textos tratam de desde a criação do Universo até a libertação do povo hebreu do domínio egípcio por Moisés e a peregrinação deles pelo deserto rumo

---

<sup>7</sup> São eles: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*.

à terra prometida de Canaã; momento em que recebem os mandamentos de Deus. Após esses textos, encontramos os relatos históricos da conquista da terra, das guerras e exílios enfrentados pelo povo, além de profecias, salmos, cânticos e provérbios de sabedoria. Com exceção de alguns poucos excertos escritos em aramaico, todos esses textos foram escritos em hebraico, conservados em manuscritos ou inscrições em materiais como pedra, tábua de barro, papiro, pergaminho, óstraco e velino (GEISLER; NIX, 2006, p. 128-130). O exacerbado zelo judaico aplicado na replicação e conservação dos manuscritos garantiu que seus textos religiosos apresentassem pouca quantidade de cópias disponíveis assim como poucas variantes textuais relevantes, pois quando o copista cometia um erro de cópia ou era encontrada uma variação em uma cópia, essa era descartada (queimada ou enterrada) e, então, o escriba recomeçava todo o trabalho (GEISLER; NIX, 2006, p.171).

Assim como ocorreu com os textos do Antigo Testamento, os textos que compõem o Novo Testamento cristão também foram inicialmente transmitidos de forma oral e gradativamente registrados por escrito; por exemplo, faço menção ao relato do médico Lucas ao escrever o Evangelho que lhe é atribuído, expondo a razão de tê-lo feito:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades que [sic] foste instruído (Lucas 1:1-4 – BÍBLIA, 2009a, p. 1021).

O cristianismo se expandiu, dentre outros fatores político-sociais, devido à perseguição religiosa romana e, principalmente, judaica nos anos seguintes aos eventos relativos à vida, morte e (para os crédulos) ressurreição de Jesus Cristo. Por essa razão, em se expandindo as fronteiras da fé, era preciso estabelecer escritos que atestassem, dada a autoridade autoral, a veracidade dos fatos narrados, como explica Lucas no prólogo de seu Evangelho. Assim, foram escritos os relatos biográficos sobre a vida de Jesus (os *Evangelhos*), sobre os primeiros passos dados pelos discípulos e a formação da igreja cristã primitiva (os *Atos dos Apóstolos*) e sobre as orientações doutrinárias e práticas dadas

pelos apóstolos às igrejas e pessoas específicas (as epístolas); dentre essas, inclusive, está o registro das profecias concernentes aos últimos dias antes do retorno de Jesus Cristo e sobre o julgamento final (o *Apocalipse*). Todos esses textos foram escritos em grego coíné, uma variedade coloquial, em materiais como cerâmica, óstraco e velino. Além disso, os textos do Novo Testamento podem ser recuperados quase integralmente por meio das citações que são feitas deles nos escritos dos líderes do cristianismo nos primeiros séculos, conhecidos como Pais da Igreja (GEISLER; NIX, 2006, p.154).

Diferentemente do processo de produção dos textos do Antigo Testamento, em relação ao Novo Testamento existe uma situação oposta: há uma grande quantidade de cópias manuscritas, assim como uma taxa de variantes linguística maior que a do Antigo Testamento. O fato é que os textos neotestamentários foram copiados ao longo de todos os séculos até aqui; de acordo com Geisler e Nix (2006, p. 171), existem mais de 5000 manuscritos gregos datados a partir do século II. Para os autores, ainda, essa quantidade de cópias, antes de dar margem para a ocorrência de mais variantes, favorece o trabalho da Crítica Textual já que oferece muitas fontes para serem comparadas e analisadas a fim de estabelecer um texto-fonte mais próximo possível dos autógrafos (2006, p. 171).

Como vimos, ambos os testamentos apresentam vários manuscritos e várias variantes textuais. Para analisar a relevância desses textos e padronizá-los enquanto um texto-fonte para a comunidade religiosa e para as traduções, vários estudos foram realizados com base nos princípios teórico-metodológicos da Crítica Textual. Trata-se de uma ciência de caráter linguístico, cuja função é recuperar, editar, transmitir e preservar a forma original de textos antigos, ou a mais próxima dela possível (CAMBRAIA, 2005, p. 19); inclusive do texto bíblico. É com base nesses estudos que, segundo Geisler e Nix,

não basta afirmar que a Bíblia é o livro mais bem preservado, que sobreviveu desde os tempos antigos, mas lembremo-nos também de que as variantes de certa importância representam menos da metade de 1% de corrupção textual, e que nenhuma dessas variantes influi em alguma doutrina básica do cristianismo. Além disso, a crítica textual tem à sua disposição uma série de cânones que, para todos os efeitos práticos, capacita os estudiosos bíblicos a recuperar de modo completo o texto exato dos autógrafos hebraicos e gregos das Escrituras - não só linha

por linha, mas palavra por palavra (2006, p. 180-181).

Para que se possa fazer tal afirmação, os autores se baseiam na confiabilidade do processo de transmissão dos textos do Antigo Testamento e na expressiva quantidade de testemunhos que suportam os textos do Novo Testamento. Para Geisler e Nix (2006, p. 171), os textos veterotestamentários apresentam menos variantes devido ao rigor do trabalho dos escribas judeus o qual seguia apenas uma tradição relevante de manuscrito e extinguiu qualquer cópia que contivesse erros. Por outro lado, quanto aos textos neotestamentários a situação é inversa dada a expressiva quantidade de variantes existentes. Ainda assim, de acordo com os autores, as cerca de 200.000 variantes do Novo Testamento são encontradas em 10.000 trechos, sendo que só 1/6 dessas são relevantes, algo em torno de 1% do texto total. Os autores inclusive comparam o Novo Testamento com a *Ilíada* de Homero, a obra grega mais bem preservada depois do escrito cristão: esta possui mais de 5000 manuscritos gregos e 9000 versões e traduções, aquela possui 643 manuscritos disponíveis; apenas 40 linhas do Novo Testamento são questionáveis, enquanto as da *Ilíada* chegam a 764 (GEISLER; NIX, 2006, p. 175-176). Portanto, a quantidade de manuscritos contribui para uma análise diacrônica do texto antigo e, antes de gerar desconfiança, favorece o trabalho da Crítica Textual.

De acordo com Paroschi (1993, p. 149), para fins de análise textual, na busca por restaurar os textos bíblicos autógrafos do Novo Testamento, a Crítica Textual vale-se de dois tipos de evidências, a externa (valor documental) e a interna (confronto das variantes), considerados de forma simultânea e interdependente. Cinco regras são apresentadas pelo autor para regulamentar cada evidência. Segundo ele (1993, p.149-152), no trato da evidência externa deve-se considerar: i) a antiguidade do texto como preferível à do manuscrito; ii) a qualidade do manuscrito superior à quantidade de testemunhos; iii) a relevância do parentesco dos manuscritos; iv) as versões e citações em textos dos chamados Pais da Igreja como fontes suplementares; e v) as influências externas de traduções ou de filiação religiosa do copista sobre o texto. Quanto ao trato da evidência interna, deve-se considerar, ainda segundo Paroschi (1993, p. 152-156): i) a variante mais difícil; ii) a variante mais curta; iii) a variante em desacordo; iv) a escolha da variante mais harmoniosa com o estilo e contexto do livro em questão; e v) a variante que explique a origem das demais. Apesar de tal direcionamento, é



válido mencionar a conscientização do autor quanto a esse trabalho ao dizer que

a advertência já várias vezes referida, de que nenhuma regra é absoluta, ou de que não há regra sem exceção, deve lembrar-nos de que a crítica textual do NT [Novo Testamento] não é uma ciência exata, um trabalho que possa ser feito mecanicamente (PAROSCHI, 1993, p. 155).

Atualmente, o mercado editorial cristão conta com publicações importantes nessa área. Citamos, por exemplo, o *Novo Testamento interlinear analítico grego-português* (2015) de Paulo Sérgio Gomes e Odayr Olivetti, publicado pela Editora Cultura Cristã. Trata-se de uma obra de crítica textual bíblica, contendo o texto-padrão atualizado do Novo Testamento a partir das descobertas arqueológicas e linguísticas mais recentes, além de uma tradução literal, uma tradução em português fluente e da análise morfossintática dos vocábulos gregos. Ao longo de toda a obra, ainda, é possível identificar as variantes textuais e os códices aos quais pertencem.

Cada um dos testamentos conta com dois textos-padrão. A primeira proposta (não intencional) de padronização do texto veterotestamentário se deu por ocasião da publicação da *Septuaginta* no século III a.C.. Trata-se da tradução do Antigo Testamento em hebraico para o grego encomendada pelo faraó Ptolomeu II Filadelfo, feita por cerca de setenta e dois judeus em Alexandria. A segunda proposta de padronização desse texto se deu por ocasião do estabelecimento do chamado *Texto Massorético*, datado do século X d.C. Trata-se da implantação de um sistema de vocalização na escrita do hebraico, até então inexistente, realizada por um grupo de estudiosos judeus, chamados massoretas, a fim de evitar que a pronúncia das palavras se perdesse com o passar das gerações. Até meados do século XX, esses foram, então, os textos-padrão do Antigo Testamento. Mas, em 1947, foi descoberta uma antiga biblioteca identificada como pertencente à seita judaica dos essênios<sup>8</sup>. Localizada em Qumran, região próxima ao Mar Morto, essa biblioteca guardava uma coleção de cerca de seiscentos

---

<sup>8</sup> A principal característica dos essênios era a vida piedosa e ascética, ou seja, isolada do mundo; o que explica a presença de uma comunidade nas grutas de Qumran em meio ao deserto. O objetivo do isolamento era primar pela purificação de suas almas por meio de práticas ritualísticas que se diferenciavam daquelas realizadas pelos judeus em geral.

manuscritos em hebraico datados entre 168 a.C. e 233 d.C., espalhados em várias cavernas. Esses textos ficaram conhecidos como *rolos do Mar Morto*, ou manuscritos *Q*, e pela datação confirmam a fidelidade textual da *Septuaginta* e, sobretudo, a do *Texto Massorético* (GEISLER; NIX, 2006, p. 138). A partir da compilação e análise desses novos manuscritos, dois textos-padrão foram estabelecidos recentemente para as traduções do Antigo Testamento: a *Bíblia Hebraica Kittel*, publicada em 1905 e editada pelo menos sete vezes, e a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, publicada em 1977, a qual é uma edição crítica do *Texto Massorético*, abrangendo também os *rolos do Mar Morto* (RAUPP, 2015, p. 42).

A padronização dos textos do Novo Testamento, por sua vez, também apresenta dois momentos, ou duas propostas. Até o Renascimento, traduções latinas como a *Vulgata Latina* eram os únicos textos-fonte disponíveis. Sob influência dos ideais renascentistas de retorno aos clássicos, surge um movimento de valorização dos ditos originais e, diante da quantidade de textos encontrados, a necessidade de estabelecer um texto-padrão. Naquele momento, houve a reunião de manuscritos da tradição cristã bizantina e publicou-se entre 1516 e 1787 o primeiro texto-padrão do Novo Testamento, o qual ficou conhecido como *Textus Receptus* (Texto Recebido) ou Texto Majoritário. Esse trabalho começou por Erasmo de Roterdã, passou pelo cardeal Francisco Cisneros, por Teodoro de Beza e, finalmente, foi concluído por Abrãao Elzevir e os irmãos Bonaventura (RAUPP, 2015, p. 44).

Esse foi o texto-padrão para as traduções bíblicas realizadas após a Reforma Protestante. Entretanto, ao final do século XIX, foi encontrada uma antiga sinagoga judaica na cidade do Cairo, no Egito, e nela uma biblioteca de manuscritos descartados de tradição alexandrina, anteriores aos bizantinos que basearam o Texto Recebido. Diante disso, um novo texto-padrão foi elaborado, o qual ficou conhecido como *Texto Crítico*. Esse material já foi publicado e editado várias vezes (a partir de outras descobertas), sendo a versão de Erwin Nestle e Kurt Aland, lançada em 1952, a mais recente deste trabalho (RAUPP, 2015, p. 46) e na qual o material crítico de Gomes e Olivetti (2015) se baseia. Tanto o Texto Recebido quanto o Texto Crítico continuam sendo usados. No Brasil, por exemplo, a Sociedade Bíblica Trinitariana (SBT) defende a relevância do Texto Recebido e é a responsável pela publicação da tradução *Almeida Corrigida e Revisada, Fiel ao Texto Original* (1994), conhecida apenas como *Almeida Corrigida Fiel – ACF*. Por outro lado, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) e outras editoras cristãs optam por utilizar o Texto Crítico como texto-fonte para as suas traduções.

## 1.2. Bíblia: milênios de tradução

Antes mesmo da tradução por meio de registro escrito, a tradução já havia sido realizada entre os judeus por meio da oralidade. É o que relata o texto bíblico de *Neemias* 8: 1-12 em que, após o retorno do povo judeu do exílio babilônico, situação que os fez se afastar do idioma nacional, o escriba e sacerdote Esdras lê em hebraico a Lei de Moisés perante o povo, explicando-a em seguida em aramaico:

E leu no livro, diante da praça, que está fronteira à Porta das Águas, desde a alva até ao meio-dia, perante os homens e mulheres e os que podiam entender; e todo o povo tinha os ouvidos atentos ao Livro da Lei. [...] Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia. [...] Então, todo o povo se foi a comer, a beber, a enviar porções e a regozijar-se grandemente, porque tinham entendido as palavras que lhes foram explicadas. (*Neemias* 8: 3, 8, 12 – BÍBLIA, 2009a, p. 519-520)

Entretanto, de forma escrita, o judaísmo sempre foi mais resistente à ideia da tradução bíblica, por entender que havia algo de sagrado não só na mensagem, mas também na língua utilizada por Deus para falar com Moisés e dar os mandamentos; o hebraico. Segundo Delisle e Woodsworth (1998, p. 171), a religião judaica dedicou-se a disseminar a mensagem divina na forma hebraica, por entender que “como o mundo foi criado em hebraico, e a Torá foi dada ao homem em hebraico, a revelação só pode expressar seu sentido integral nessa língua”. Por essa razão, ainda que o judaísmo faça uso interpretações/paráfrases orais e escritas (conhecidas como *targums*) e tenha traduzido seus textos sagrados, há os que entendem esse trabalho como algo impossível. É o que expõe o comentário bíblico do rabino J. de Oliveira:

Exatamente por conhecermos bem o hebraico, e sabermos das diferenças que distanciam o hebraico atual do bíblico, e termos consciência plena da pontuação massorética e sua função e influência na tradução, além da diferença que se levanta como uma inexpugnável barreira entre o hebraico e as línguas ocidentais, antigas ou

modernas, não nos atrevemos a traduzir o texto bíblico, tarefa que pensamos ser impossível (BÍBLIA, 2004).

No sentido oposto, cristianismo e tradução sempre caminharam juntos. “Possivelmente mais do que qualquer outra religião, o cristianismo aceitou com entusiasmo a tradução como um meio de difundir seus textos fundamentais” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 177). Na medida em que a fé cristã se espalhava territorialmente, os escritos (que mais tarde comporiam a Bíblia cristã) iam sendo difundidos e, também, traduzidos para que as novas comunidades fossem instruídas, ainda que nem todas tenham tido contato com todos os textos. A Igreja Ortodoxa Síria, por exemplo, não reconhece alguns livros como canônicos (*Apocalipse*, por exemplo) porque estes foram endereçados às igrejas ocidentais e não chegaram a todas as igrejas orientais, não sendo universalmente reconhecidos por todas elas; critério canônico da universalidade. Conforme explicação de Geisler e Nix,

a distância e a falta de comunicações com objetivo de verificação [das listas canônicas] atrasaram a aceitação definitiva desses livros no que tange à Bíblia oriental, a qual havia sido publicada antes dessa evidência estar à disposição (2006, p.106).

Com o fim da perseguição e a institucionalização da Igreja Cristã pelo Império Romano no século IV, houve a compilação da Bíblia em si (como a conhecemos atualmente) e, a partir de então, ao longo da Idade Média, a tradução bíblica foi ganhando cada vez mais força, passando, progressiva e conturbadamente, de uma fase de não-tradução para uma de tradução. Ou seja, saindo da primazia da *Vulgata Latina* enquanto tradução oficial (e o latim como língua oficial dos ritos litúrgicos) da Igreja Católica Romana<sup>9</sup> para a difusão das chamadas traduções bíblicas vernaculares. Esse percurso histórico é dividido por Geisler e Nix (2006) em três categorias: a primeira é a das traduções bíblicas antigas,

---

<sup>9</sup> A ideia de apresentar a hegemonia da *Vulgata Latina* durante a Idade Média como uma “não tradução”, por ter sido considerada a Bíblia oficial da Igreja Católica Romana, foi enunciada pelo Prof. Dr. João Lupi (UFSC), em sua fala na mesa-redonda intitulada *Traduzindo o sagrado: fronteiras linguísticas*, proferida em 21/11/2017, por ocasião do 3º Simpósio Sul da Associação Brasileira de História das Religiões, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina.

a segunda é a das traduções bíblicas medievais e a terceira é a das traduções bíblicas modernas.

A primeira categoria é representada por traduções bíblicas para línguas clássicas, na época, majoritárias: grego e latim. Como foi dito, a *Septuaginta* é a tradução grega dos textos sagrados hebraicos que foi encomendada pelo faraó Ptolomeu II Filadelfo no século III a.C., sob sugestão do responsável pela biblioteca de Alexandria, Demétrio de Falera. O faraó teria convocado setenta e dois eruditos judeus, seis de cada tribo israelita, versados na Torá e na cultura helênica, para fazer a tradução (por isso, a *Septuaginta* também é chamada de *Versão dos Setenta* ou *LXX*). Como já mencionado, a *Septuaginta* é uma obra de grande valor para a Crítica Textual por ser a fonte mais antiga do texto grego (e, pela tradução, do hebraico), atestando a autenticidade do *Texto Massorético* (séc. X) e dos *rolos do Mar Morto* (datados do século II, mas só encontrados no século XX), mas a sua importância não se resume a apenas isso. Para Delisle e Woodsworth (1998, p. 174), não é possível estimar o valor da *Septuaginta*, pois ela acabou “servindo como um texto autorizado do Velho Testamento para o cristianismo primitivo; foi a base das outras versões antigas da Bíblia [...] e preservou os textos apócrifos não incluídos no cânon judaico”. Ainda, Geisler e Nix (2006, p. 197) destacam, entre outros pontos, que essa tradução uniu o povo judeu aos demais povos e influenciou missionários e estudiosos cristãos a traduzirem a Bíblia em outros idiomas e dialetos, de maneira que, segundo Delisle e Woodsworth (1998, p. 173), “embora em outros campos esse esforço coletivo seja geralmente considerado desnecessário, ou mesmo prejudicial à coerência estilística, no caso da Bíblia a tradução grupal deveria tornar-se a norma”. Salvo casos de grande repercussão, como a tradução de Martinho Lutero, de Willian Tyndale, ou a recente tradução do Novo Testamento para o português feita por Frederico Lourenço<sup>10</sup> publicada em dois volumes em 2017 e em 2018, no geral, as traduções bíblicas ao longo da história foram feitas por mais de uma pessoa.

Com a queda do helenismo de Alexandre, O Grande, emerge o Império Romano e com ele a ascensão do latim ao posto de língua franca. A primeira tradução bíblica latina foi a *Vetus Latina* ou *Antiga*

---

<sup>10</sup>Cf. BÍBLIA, volume 1: Novo Testamento: os quatro Evangelhos. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017; e BÍBLIA, volume II: Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse / tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

*Latina*, tradução da *Septuaginta* feita no século II d.C. que circulou pelo norte da África. Essa tradução foi realizada por leigos e é acusada de ter recebido influência judaica, de modo que não foi bem recebida pelos leitores (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008, p. 46). A versão do Antigo Testamento dessa obra é praticamente desprovida de valor para a Crítica Textual, pois as fontes a esse texto são escassas, limitadas a apenas algumas citações e poucos fragmentos dos manuscritos, enquanto foram conservados vários manuscritos da versão do Novo Testamento datados entre os séculos IV e XIII (GEISLER; NIX, 2006, p. 210-211). Outras traduções latinas de trechos da Bíblia continuaram a ser realizadas, mas sem expressão significativa (RAUPP, 2010, p. 43), principalmente por serem acusadas de conter erros e, conseqüentemente, serem consideradas insatisfatórias pela Igreja Católica (TORRE, 2001, p. 20).

Diante da variedade de traduções latinas, o papa Dâmaso I incumbiu seu secretário Jerônimo de comparar as versões latinas existentes e estabelecer uma versão autorizada e oficial para a Igreja Católica Romana (RAUPP, 2010, p. 43). Segundo Geisler e Nix (2006, p. 212), o propósito da nova tradução era padronizar os textos latinos não oficiais para atender às necessidades linguísticas de um império cristão cada vez maior e poder munir a Igreja contra as heresias e controvérsias teológicas que surgiam. Jerônimo fez a revisão dos textos neotestamentários servindo-se de versões como a *Antiga Latina* a partir do grego e, depois, traduziu o Antigo Testamento diretamente do hebraico, sendo o primeiro a traduzir o texto para o latim direto das línguas originais (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 178). Esse trabalho foi concluído em 405, tendo alcançado progressiva repercussão no seio católico ao longo da Idade Média, recebendo, segundo Giralaldi (2013a, p. 21), o nome de *Vulgata Latina* (“difundida”, “comum”) no século XIII. Inicialmente rejeitada por doutores da Igreja Romana, veio a ser reconhecida como única Bíblia oficial dessa Igreja em 1546 por ocasião do Concílio de Trento (CAIRNS, 2008, p. 123), até que a encíclica papal *Providentissimus Deus* de Leão XIII em 1893 passou a incentivar a leitura, o estudo e a tradução da Bíblia (GIRALDI, 2013b, p. 82). Durante o processo de transmissão do texto na Idade Média, a *Vulgata* foi corrompida e gerou cerca de oito mil cópias manuscritas, de modo que o Concílio de Trento ordenou a preparação de uma edição confiável, cuja revisão crítica final foi publicada, finalmente, em 1604, conhecida como edição sixtino-clementina, levando a afirmar que “a coerência do texto da *Vulgata* é muito pouca desde o século IV, e seu caráter geral é algo imperfeito” (GEISLER; NIX, 2006, p. 216).

Concomitantemente, a tradução bíblica continuou a ser realizada em outros lugares. “Com a ascensão do cristianismo, os judeus deixaram de lado a *LXX* e outras traduções e revisões foram aparecendo. [...] À medida que o cristianismo continuava a espalhar-se, outras traduções foram empreendidas” (GEISLER; NIX, 2006, p. 206). É o caso, por exemplo, das traduções para línguas do mundo palestino e regiões adjacentes. Os dados da cronologia da tradução bíblica de Raupp (2015, p. 53-58) mostram uma grande produtividade. Segundo eles, a Bíblia foi traduzida para o siríaco, dialeto do aramaico, logo nos primeiros séculos da era cristã (o Antigo Testamento no século I e o Novo Testamento no século IV) e ficou conhecida como *Peshitta*, que significa “simples”, em possível referência ao estilo de linguagem empregado. Em meados do século IV, o bispo Úlfilas da Capadócia traduziu a Bíblia para o gótico, após, primeiro, estabelecer um sistema de escrita para a língua, a fim de evangelizar os godos, chamados de povos bárbaros. No século V, como reação à presença do siríaco na liturgia cristã da Armênia, o patriarca do reino, Isaac, o Grande, e o bispo Mesrop empreenderam a tradução da Bíblia para o armênio. No século VII, o patriarca de Antioquia, João I, traduziu os Evangelhos a partir da *Peshitta* pela primeira vez para o árabe. Finalmente, no século IX, o monge Cirilo e o bispo Metódio foram enviados pela Igreja de Constantinopla à Morávia para traduzir a Bíblia para o eslavônio, tendo, primeiro, criado um sistema de escrita para a língua.

Quanto ao contexto europeu e ocidental, mesmo com o fim do Império Romano do Ocidente em 476, o latim manteve sua primazia linguística por ter sido adotado como idioma oficial da Igreja Católica Romana e como língua predominante dos estudiosos europeus. Todos os ritos litúrgicos eram celebrados em latim, não havendo preocupação alguma com a plena compreensão por parte dos fieis daquilo que os clérigos estavam dizendo (MILLER; HUBER, 2006, p. 136-137). Por essa razão, a *Vulgata* se impôs ao longo da Idade Média como texto modelar (GEISLER; NIX, 2006, p. 215). Assim, junto a uma dominação política por parte da Igreja Católica Romana estabeleceu-se uma dominação linguística e religiosa, a qual privava a população do conhecimento bíblico. Não obstante, alguns movimentos reformistas começaram a surgir no seio da Igreja Romana já por volta do século XII, acusando-a de promover práticas e ensinamentos religiosos contrários aos ensinamentos bíblicos (CAIRNS, 2008, p. 204). Além de protestar contra a postura eclesiástica, esses movimentos começaram a traduzir os textos bíblicos para os idiomas vernaculares ora em consolidação a fim de dar a Bíblia a conhecer à população.

Como exemplo, cito o movimento dos valdenses. Organizado pelo comerciante francês Pierre Valdès, “os valdenses criam que todos os homens deviam possuir a Bíblia em sua própria língua, devendo ser ela a autoridade final para a fé e para a vida” (CAIRNS, 2008, p. 206). Da pregação leiga, a Bíblia passou a ser traduzida por escrito gradativamente, começando por porções como os Evangelhos e o livro dos *Salmos*, por meio das chamadas glosas:

Os tradutores começaram fazendo o que era relativamente fácil de se fazer. Eles copiavam a Bíblia latina e, então, por cima de cada linha, adicionavam notas que os estudiosos chamam de glosas. As glosas podiam ser notas explicativas, mas, geralmente, eram traduções literais do latim palavra por palavra. Disso resultava um texto que não permitia uma leitura fluente (MILLER; HUBER, 2006, p. 137).

Evidentemente, tais traduções não foram bem aceitas, pois poderiam refletir as interpretações particulares e contrárias aos ensinamentos da Igreja Católica Romana, ameaçando, assim, a autoridade eclesiástica. A referida igreja só permitia que hermeneutas bíblicos seletos lidassem com a tradução da Bíblia, de forma que não causa surpresa o fato de “que aqueles que pretendiam reformar a Igreja de Roma usassem contra ela a arma da tradução, menosprezando o valor de sua hermenêutica e que a Igreja reprimisse impiedosamente tais traduções” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 151).

Ainda, podemos dizer que a Bíblia foi traduzida durante a Idade Média de forma intersemiótica por meio das encenações teatrais das histórias bíblicas, prática iniciada por volta do século X. De acordo com Miller e Huber (2006, p. 140), “em torno do século XIV, a Igreja desenvolveu a brilhante ideia de usar peças de teatro para ensinar a Bíblia às pessoas numa linguagem que elas podiam entender”. Ainda que encenadas em latim, peças sobre os mais variados personagens bíblicos começaram a ser apresentadas inicialmente dentro das igrejas e depois em praça pública, devido ao crescente número de espectadores os quais eram capazes de entender a encenação por conhecer as histórias. Populares, as peças modificaram o cenário urbano das cidades medievais e a estrutura da arte teatral.

John Wycliffe (c. 1320-1384) e Jan Huss (c. 1372-1415) foram dois dos primeiros tradutores bíblicos para línguas vernaculares. Wycliffe, além de questões políticas, teológicas e eclesiásticas, defendeu



o direito da população inglesa a ter acesso ao texto bíblico em sua própria língua. Para tanto, organizou um grupo de pregadores leigos, conhecidos como *lollards* (murmuradores), e realizou a primeira tradução completa da Bíblia em inglês a partir da *Vulgata*. Publicou o Novo Testamento em 1382 e o Antigo Testamento em 1384; este último concluído por Nicolau Hereford (CAIRNS, 2008, p. 226). Para Delisle e Woodsworth (1998, p. 183-184), esta tradução “[...] foi criticada pelas repetições, as imperfeições e o estilo excessivamente literal, mas que criou as bases para a linguagem bíblica em inglês e contribuiu para o desenvolvimento da prosa inglesa”. Huss, sob proteção do rei Venceslau IV (1361-1419) da Boêmia, traduziu a Bíblia para o tcheco, mas, por defender os ideais de Wycliffe, perdeu a proteção e foi condenado como herege por suas acusações contra a Igreja Católica Romana. Com Wycliffe encerra-se o período das traduções bíblicas medievais, segundo categorização de Geisler e Nix (2006).

Sob incitação dos ideais renascentistas humanistas e de retorno aos clássicos (séculos XV – XVI), com o advento da imprensa (c. 1454) e a deflagração da Reforma Protestante (1517), a tradução bíblica pode se desenvolver com maior força. Argumentando que a má compreensão bíblica era a causa para muitos dos problemas da Igreja Romana, estudiosos bíblicos eruditos se distanciaram da *Vulgata* e passaram a examinar os manuscritos em línguas originais dos textos bíblicos (MILLER; HUBER, 2006, p. 158). Daí surgiu a revisão da tradução latina feita por Lorenzo Valla e posteriormente um trabalho crítico de padronização do texto bíblico feito por Erasmo de Roterdã vindo a resultar na publicação do *Textus Receptus*, texto-fonte das traduções bíblicas feitas até o século XIX, sobre o qual falei anteriormente. Segundo Delisle e Woodsworth (1998, p. 182),

Erasmus deu o tom para as traduções da Bíblia na Renascença: a autoridade dos teólogos era questionada, os tradutores se voltavam para as fontes originais e os textos sagrados começavam a ser traduzidos para o vernáculo.

A invenção da imprensa, por sua vez, facilitou a disseminação da informação de forma mais rápida e, sob influência da Reforma Protestante que pretendia democratizar o acesso à Bíblia, foi a responsável pela propagação em maior escala das traduções bíblicas já existentes e a realização de novos projetos tradutórios. Estes, por sua vez, influenciaram, inclusive, a consolidação de línguas vernaculares, como o alemão.

A esse respeito, como representante desse movimento, cito a tradução de Martinho Lutero (1483-1546) para o alemão vernacular de sua época, contrariando a hegemonia do latim na época. Motivado pelos ideais da Reforma de sacerdócio real dos crentes, ou seja, os fieis em Cristo não precisam mais da intermediação de homens para entrar na presença de Deus, e do livre exame das Escrituras, ou seja, os cristãos podem e devem examinar os ensinamentos à luz dos textos bíblicos sem se prender à interpretação da Tradição da Igreja Católica Romana (CAIRNS, 1995, p. 290), Lutero se preocupou em traduzir a Bíblia de forma a unir sua competência linguística e a forma de falar de seus leitores (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 59), traduzindo expressões como “abundância do coração” por “aquilo de que o coração está cheio” por entender que “isto é falar um bom alemão”, deixando claro que, apesar do esforço, nem sempre conseguiu atingir esse padrão (LUTERO, [1530] 2006, p. 105).

Por essa razão, encontramos em Lutero o registro das primeiras reflexões sobre a tradução bíblica vulgata. Seu Novo Testamento foi publicado em 1522, a partir do texto crítico grego preparado por Erasmo de Roterdã, e o Antigo Testamento foi publicado em 1534, direto do hebraico. Mesmo não sendo a primeira tradução bíblica para o alemão (GIRALDI, 2013a, p. 30), a versão de Lutero é um trabalho peculiar não só pelo fato de ter marcado a institucionalização da língua alemã, mas também pelo método empregado. Nas palavras de Giraldi,

Embora não conhecesse os princípios linguísticos de equivalência dinâmica ou funcional, usados nas traduções modernas, ele conseguiu traduzir a Bíblia para o idioma alemão falado pelo povo alemão de seu tempo. (2013a, p. 30).

Na mesma direção, William Tyndale (1484-1536) traduziu a Bíblia para o inglês seguindo, em alguma medida, o mesmo projeto tradutório, e, pela primeira vez, a partir das línguas originais. De acordo com Delisle e Woodsworth (1998, p. 184-185), por sua tradução, Tyndale sofreu forte repressão por parte das autoridades da Igreja Católica Romana ao ponto de haver perseguição aos leitores, a realização de uma cremação pública de suas bíblias e, finalmente, a condenação do tradutor à morte em 1536. Entretanto, o legado tradutológico de Tyndale se manteve nas traduções bíblicas inglesas que se seguiram, como a *King James* (ou *Versão Autorizada*) de 1611, revisão das traduções existentes até então encomendada pelo rei James.

Entregar a Bíblia na mão de toda a população foi, portanto, uma das principais bandeiras dos movimentos reformistas, seja por meio da pregação leiga (como fez o grupo de Wycliffe ao ler as Escrituras em língua vernácula a quem quisesse ouvir), seja por meio da tradução (como fizeram Lutero e Tyndale). A exemplo destas, outras traduções bíblicas em língua vernacular foram realizadas, como a de Pierre Olivétan (1506-1538) para o francês, em 1535, a de Casiodoro de Reina (1520-1594) para o espanhol, em 1569, a de Giovanni Diodati (1576-1649) para o italiano, em 1607, entre outras, conforme levantamento de Raupp (2015, p. 47-73). Juntamente com todo o acervo de traduções bíblicas realizadas desde então, e cada vez maior, são estas as chamadas traduções modernas, segundo categorização de Geisler e Nix (2006).

Quanto à tradução bíblica em língua portuguesa, duas traduções se destacam: a tradução de João Ferreira de Almeida (1628-1691) e do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797). Almeida foi adepto dos ideais da Reforma e seguindo a orientação do movimento logo se propôs a traduzir a Bíblia em sua língua materna. O Novo Testamento foi traduzido direto do grego, em 1654, mas publicado apenas em 1681 em razão do vagaroso trabalho de revisão por parte das autoridades da Igreja Reformada Holandesa, responsável pela publicação (COMFORT, 1998, p. 331). Quanto ao Antigo Testamento, não se sabe ao certo se Almeida traduziu direto do hebraico ou realizou uma tradução indireta a partir de línguas que ele dominava (RAUPP, 2015, p. 69; ALVES, 2007, p. 42). Almeida morreu sem concluir a tradução do Antigo Testamento, tarefa que ficou a cargo do missionário holandês Jacobus op den Akker, o que fez em 1694, mas sendo publicado apenas em 1748 e 1753, em dois volumes (SHOLZ, 2006, p. 11-12). Segundo cronologia de Raupp (2015, p. 105), essa tradução é ainda comercializada até hoje e já passou por sete revisões<sup>11</sup> no Brasil, tendo recebido, por sua popularidade, certo *status* nas igrejas protestantes reformadas de língua portuguesa (RAUPP, 2015, p. 70), de modo que, após tantas revisões, se pode falar no nome de Almeida como uma espécie de “marca registrada” (SCHOLZ, 2006, p. 34). Para o autor,

é natural que se questione de que maneira e em que medida o texto saído da pena de Almeida, há mais de trezentos anos, relaciona-se com o texto atualmente atribuído a ele, disponível no Brasil

---

<sup>11</sup> Em 2016 foi lançada uma nova (a oitava) revisão do texto de Almeida no Brasil: o Novo Testamento na *Nova Almeida Revista e Atualizada*, sob responsabilidade da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

em seis declaradas revisões e em uma dita “retradução”. [...] Seja como for, a questão é que o nome “João Ferreira de Almeida” já se firmou tanto entre os protestantes de fala portuguesa que, a bem da verdade, a estima parece estar mais na alcunha dele como primeiro tradutor da Bíblia dedicado aos ideais da Reforma do que no texto em si das versões atribuídas a ele (RAUPP, 2015, p 105).

A tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo foi a primeira tradução católica completa da Bíblia em língua portuguesa e a primeira bíblia impressa no Brasil, mesmo com o prestígio da *Vulgata*, que, aliás, serviu de texto-fonte neste projeto. Graças à qualidade do trabalho e à sua linguagem fluente, essa tradução teve boa recepção pelos estudiosos da época, inclusive por parte dos protestantes (GIRALDI, 2013c, p. 30). O Novo Testamento foi publicado em seis volumes entre 1778 e 1781, enquanto o Antigo Testamento foi publicado entre 1783 e 1790 em dezessete, tendo cada livro bíblico um prefácio próprio. A tradução de Figueiredo e a tradução de Almeida fazem parte da história da Bíblia no Brasil, pois foram as primeiras traduções em português a circular no país entre o século XVIII e a primeira década do XX, graças ao trabalho dos colportores, uma espécie de vendedores ambulantes de bíblias ou mesmo de distribuidores, pois muitas vezes eles davam gratuitamente exemplares a pessoas interessadas que não tinham condições de pagar (GIRALDI, 2013a, p. 36).

Semelhantemente, as novas colônias descobertas na América e África também receberam traduções bíblicas; sejam as já realizadas e citadas acima, sejam traduções para dialetos locais. Dados de Delisle e Woodsworth (1998, p. 186-187) dão conta de que o comerciante Albert Cornelisson Ruyl traduziu os Evangelhos de *Mateus* e *Marcos* para o malaio em 1629, o ministro puritano John Elliot traduziu o Novo Testamento para o algonquiano, língua indígena da colônia de Massachussets (atual Estado norte-americano), em 1661 e franceses católicos e ingleses protestantes traduziram os textos bíblicos para a língua indígena micmac no atual Canadá a partir do século XVIII. Ainda segundo os autores (p. 63), o trabalho de tradução, principalmente a bíblica, foi a responsável pelo desenvolvimento de várias línguas nacionais africanas como o malgache (em Madagascar), o amharico (na Etiópia), o gbaia (em Camarões), entre muitos outros.

A partir do século XIX, o trabalho de tradução bíblica ganhou um novo reforço: o surgimento das sociedades bíblicas nacionais e internacionais. Essas agências de cunho protestante dedicam-se desde sua origem à distribuição da Bíblia ou porções dela ao máximo de pessoas possível por venda a baixo custo ou doação. Nesse intento, acabam sendo as responsáveis por gerir muitos dos trabalhos de tradução bíblica já realizados ou em realização em muitos idiomas e dialetos. Segundo Miller e Huber (2006, p. 203), além de desenvolver trabalhos em relacionamento aberto com outras denominações cristãs, essas sociedades “igualmente mantêm o seu propósito original de publicar as Escrituras em sua melhor tradução possível, fiel aos originais e com preços acessíveis”. Delisle e Woodsworth (1998, p. 187) afirmam que membros da Sociedade Bíblica Wycliffe e da Aliança Bíblica Universal alcançaram alguns grupos linguísticos isolados, como tribos amazônicas, a fim de dar-lhes a Bíblia em sua língua. A principal dessas sociedades foi a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, fundada em 1804 em Londres por um grupo de trezentos leigos protestantes de diversas denominações cristãs (MILLER; HUBBER, 2006, p. 202). A missão dessas instituições se desenvolveu a partir do trabalho dos colportores.

A partir de então, as sociedades bíblicas e suas agências parceiras têm desenvolvido programas de formação de tradutores bíblicos e empreendido esforços por traduzir a Bíblia para línguas minoritárias. Segundo levantamento das Sociedades Bíblicas Unidas de 2017<sup>12</sup>, em termos de número de falantes, estima-se que 5,4 bilhões de pessoas têm a Bíblia traduzida para seu idioma, 631 milhões possuem apenas o Novo Testamento, 406 milhões têm apenas excertos da Bíblia e que 209 milhões não têm acesso à Bíblia em seu idioma. Diante desses números, a organização Wycliffe Internacional, em parceria com a Sociedade Internacional de Linguística e agências parceiras<sup>13</sup>, tem se dedicado a formar tradutores bíblicos para que até 2025 todas as línguas tenham, ao menos, um projeto tradutório da Bíblia iniciado (MILLER; HUBBER, 2006, p. 205).

### **1.3. Traduções bíblicas vulgatas: uma perspectiva atual**

A Igreja Católica Romana foi, por muito tempo, avessa à ideia da tradução da Bíblia para o vernáculo e do livre acesso dos fieis ao texto.

---

<sup>12</sup> Cf. nota 4.

<sup>13</sup> Cf. nota 6.

Lembre-mos de William Tyndale, julgado e condenado à morte como herege por traduzir a Bíblia para o inglês em 1535. Em 1564, o Papa Pio IV publicou a bula *Dominici Gregis* autorizando os católicos a lerem apenas as bíblias católicas traduzidas do latim, desde que com autorização escrita do pároco responsável (GIRALDI, 2013a, p. 30). Somente com a encíclica *Providentissimus Deus* do papa Leão XIII em 1893, a Igreja Romana passou a incentivar abertamente a leitura, o estudo e novas traduções da Bíblia, inclusive o registro coloquial da população menos escolarizada (GIRALDI, 2013b, p. 82).

Contrariamente aos católicos, os protestantes, por sua vez, trataram a tradução bíblica como bandeira e como ferramenta de expansão dessa vertente da fé. A expressiva produtividade de traduções bíblicas após a Reforma Protestante permite compreender a estreita ligação existente entre cristianismo (principalmente protestante) e a tradução. As atividades missionárias dos séculos seguintes foram desenvolvidas com apoio da tradução. Tamanha relação contribuiu para o fato de que, por exemplo, “durante o século XIX, um total de quinhentas línguas e dialetos receberam as Escrituras pela primeira vez, chegando ao total de 571 idiomas no fim do século” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 187), como resultado deste ser o “‘Grande Século’ do esforço missionário protestante” (CAIRNS, 1998, p. 385). Fato é que esse fervor tradutório se manteve nos séculos XX e XXI e, influenciado pelas pesquisas bíblicas e movimentos ideológicos, tem levado a novas abordagens teórico-metodológicas importantes.

Nesse sentido, atrelado a esse fervor missionário, três descobertas arqueológicas revolucionaram os estudos da Crítica Textual da Bíblia e se tornaram um divisor de águas na tradução bíblica: o surgimento dos *Manuscritos da Sinagoga do Cairo*, de manuscritos de tradição alexandrina (ambos no final do séc. XIX) e dos *Rolos do Mar Morto* (entre 1950-1960). Trata-se de conjuntos de manuscritos bíblicos de tradição mais antiga dos que se conhecia até então (GEISLER, NIX, 2006, p. 135-138; SCHOLZ, 2008, p. 34). O primeiro conjunto é formado por textos de uma antiga sinagoga judaica no Egito. Como já vimos, os copistas judeus abandonavam um manuscrito da Torá (relativo ao Antigo Testamento cristão) sempre que cometiam algum erro e começavam todo o processo, descartando a cópia imperfeita (GEISLER, NIX, 2006, p. 171). Nesse sentido, os *Manuscritos* compõem, assim, um tipo de “biblioteca” de descarte desse trabalho. Uma vez que a redação era interrompida no ponto do erro, a Crítica Textual entende que o que já havia sido escrito estava correto, de modo que os textos poderiam ser analisados à luz de outras fontes textuais

para determinação do texto-padrão bíblico. O segundo conjunto é formado por manuscritos de textos bíblicos (principalmente, do Novo Testamento cristão) de tradição alexandrina, cuja origem é anterior aos manuscritos bizantinos utilizados para compilação do *Texto Recebido*. Foram essas novas descobertas que levaram, como vimos, à produção de um novo texto-padrão grego, o *Texto Crítico*. O terceiro conjunto é formado pelos manuscritos hebraicos da biblioteca dos essênios encontrados em 1947 em cavernas na região de Qumran, próximo ao Mar Morto. O valor desses textos reside no fato de, como já mencionado, confirmarem a fidelidade de textos tidos até então como padrão para as traduções, entre eles a *Septuaginta* (séc. III a.C).

Em decorrência dessas descobertas, a partir da década de 1960 uma antiga discussão sobre tradução formal *versus* tradução semântica é retomada, culminando na produção das bíblias vulgatas. Para o propósito conceitual desses projetos tradutórios, a descoberta dos manuscritos em grego de tradição alexandrina são os mais relevantes, pois “demonstraram cabalmente que o grego usado pelos autores dos livros do Novo Testamento era o grego ‘coine’ ou grego comum” o que “despertou nos tradutores o desejo de produzir Novos Testamentos (e Bíblias completas) em linguagem popular” (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008, p. 55-56).

Segundo Teixeira e Zimmer (2008, p. 57), as primeiras traduções bíblicas vulgatas foram: (i) a *Good News for Modern Man* (1966), um Novo Testamento em língua inglesa, tradução do Dr. Robert G. Bratcher, vinculado à Sociedade Bíblica Americana (SBA). A versão completa da Bíblia, a *Good News Bible*, foi publicada em 1976; (ii) o *Novo Testamento em Linguagem Corrente/Comum*<sup>14</sup> (1976), tradução para o português brasileiro, realizada pela Sociedade Bíblica do Brasil. Em 1988 foi lançada a versão integral intitulada *Bíblia na Linguagem de Hoje*; e (iii) a *Dios Habla Hoy* (1979), tradução para o espanhol realizada pelas Sociedades Bíblicas Unidas.

A referida tradução brasileira é fruto do Seminário de Tradução da Bíblia em Linguagem Corrente, realizado entre 9 e 14 de julho de 1966 no Rio de Janeiro, promovido pelas Sociedades Bíblicas Unidas, que almejava a produção de uma bíblia em “linguagem contemporânea”

---

<sup>14</sup> Conforme explica Giraldi (2013a, p. 179), inicialmente, a tradução foi chamada de *Novo Testamento na Linguagem Corrente*, recebendo a designação de *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* algum tempo depois. O primeiro título acabou sendo usado pela Sociedade Bíblica de Portugal para nomear a tradução similar feita naquele país.

em português como já havia em outros idiomas. Financiada e tecnicamente apoiada por aquela instituição, a Sociedade Bíblica Brasileira produziu, assim, uma Bíblia em português brasileiro “moderno”. Como relata Giraldi (2013a, p. 181), diante da boa aceitação pelo público leitor do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, e depois de acuradas revisões ao longo de doze anos, a Sociedade Bíblica Brasileira acabou lançando a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, publicada em 2000, a qual foi amplamente aceita pelos cristãos e até recomendada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil da Igreja Católica Romana. Existe, inclusive, uma edição ecumênica dessa tradução com os livros deuterocanônicos da Igreja Católica, publicada em conjunto pela Sociedade Bíblica Brasileira e a Editora Paulinas em 2005.

Segundo panorama histórico de Raupp (2015) e considerando as novas publicações posteriores ao referido trabalho, à semelhança da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, outras oito traduções bíblicas (integrais) vulgatas foram produzidas até o momento, sem contar as revisões, mais uma edição contendo apenas o Novo Testamento. Destes, cinco trabalhos são de orientação protestante, dois de orientação católica, um ecumênico e um judaico-messiânico, conforme mostra a tabela a seguir.

**Tabela 1: Cronologia de traduções bíblicas vulgatas brasileiras**

<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>EDITORA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>
1981 [2010]	<i>Bíblia Viva</i> [ <i>Nova Bíblia Viva</i> ]	Mundo Cristão	Protestante
1988 [2000]	<i>Bíblia na Linguagem de Hoje</i> [ <i>Nova Tradução na Linguagem de Hoje</i> ]	Sociedade Bíblica do Brasil	Protestante
1990 [2014]	<i>Bíblia Pastoral</i> [ <i>Nova Bíblia Pastoral</i> ]	Paulus	Católica
1999	<i>Novo Testamento: Versão Fácil de Ler</i>	Vida	Protestante
2000	<i>Nova Versão Internacional</i>	Vida	Protestante



2005	<i>Nova Tradução na Linguagem de Hoje</i> (com os livros deuterocanônicos)	Sociedade Bíblica do Brasil e Editora Paulinas	Ecumênica
2006	<i>Bíblia Sagrada de Aparecida</i>	Santuário	Católica
2010	<i>Bíblia Judaica Completa</i>	Vida	Judaísmo
2011	<i>A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea</i>	Vida	Protestante
2016	<i>Nova Versão Transformadora</i>	Mundo Cristão	Protestante

Eis algumas informações relevantes sobre essas traduções. A *Bíblia Viva* (1981) e a *Nova Bíblia Viva* (2010) são paráfrases realizadas a partir das línguas originais segundo orientação do projeto tradutório da estadunidense *Living Bible* (1971). Semelhantemente, *A Mensagem* (2011) é outra paráfrase protestante, tradução da *The Message: Bible in Contemporary Language*, do estadunidense Eugene Peterson que traduziu das línguas originais. A *Nova Versão Internacional*, de 2010, é uma tradução protestante que segue o projeto da estadunidense *New International Version*, cujo Novo Testamento já havia sido publicado em 1993. Ela se considera uma versão equilibrada entre os princípios formal e semântico de tradução (SAYÃO, 2003, p. 33). Por sua vez, a *Nova Versão Transformadora*, tradução direta publicada em 2016, seguiu o projeto tradutório da estadunidense *New Living Translation* (1996). Já a *Bíblia Judaica Completa* (2010), cujo Novo Testamento foi publicado em 2008, é a tradução em português de Rogério Portella e Celso Eronides Fernandes da *Complete Jewish Bible*, tradução direta para o inglês feita por David H. Stern.

Esses dados revelam um comportamento interessante. Como vimos, sendo os protestantes mais receptivos à ideia da tradução bíblica, certamente o número expressivo de novas traduções vulgatas se dá em decorrência do aumento do número de público-leitor. Paralelamente ao crescimento no número de traduções realizadas, o número de protestantes (ou evangélicos) no Brasil aumentou consideravelmente durante esse período, partindo da marca de 6,6% em 1980 à de 22,2% da

população geral em 2010 (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 10). Inclusive, para Pinheiro (2017, p. 75), podemos falar, em termos mercadológicos, de um público-consumidor, este influenciado pelo chamado “movimento gospel estadunidense<sup>15</sup>” a partir da década de 1970. A relação que muitas das bíblias vulgatas brasileiras mantêm com traduções bíblicas estadunidenses, como vimos na lista acima, seja seguindo o projeto de tradução (*Bíblia Viva, Nova Versão Internacional e Nova Versão Transformadora*) ou mesmo sendo a tradução direta da versão em inglês (*A Mensagem*), evidencia tal influência.

Diante da expressiva quantidade de traduções bíblicas vulgatas, é salutar não só conhecer o plano de fundo do movimento quanto acompanhar seu desenvolvimento através do estudo de alguns dos momentos mais cruciais da sua história. Para os Estudos da Tradução, e demais áreas relacionadas, as bíblias vulgatas são, por sua natureza, importantes objetos de pesquisa, uma vez que, como vimos, seus projetos de tradução retomam reflexões teórico-metodológicas de outrora não só entre os acadêmicos, mas entre o público leitor religioso. Não por acaso, essas traduções têm gerado polêmicas e controvérsias, encontrando defensores e acusadores. No capítulo a seguir, apresentarei algumas características do projeto tradutório dessas bíblias, além de discussões teóricas e metodológicas a ele relacionadas.

---

<sup>15</sup> Essa expressão diz respeito a todo tipo de material ou atividades voltadas ao estilo de vida evangélico (PINHEIRO, 2017, p. 75).

## 2. O PROJETO TRADUTÓRIO DAS BÍBLIAS VULGATAS

A partir das informações do capítulo anterior, vemos que a discussão em torno de traduzir uma Bíblia que seja compreensível ao maior número possível de leitores não é tão atual; é, no mínimo, herança dos movimentos religiosos anteriores à Reforma Protestante, os quais almejavam o acesso à Bíblia em língua vernacular pela escrita e pela pregação. O que temos a partir da década de 1960, então, é a propulsão dessa concepção de tradução, a qual tem se alastrado pelo mundo e pelas línguas como uma nova tendência em tradução bíblica que busca se afirmar, especialmente em contextos missionários (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008, p. 50). Ainda que seja um movimento recente, se comparado ao longo percurso histórico da tradução bíblica, as traduções de bíblias vulgatas vêm ganhando destaque nas últimas décadas no mercado editorial brasileiro entre suas semelhantes. A expressiva produção de bíblias apresentada no capítulo anterior evidencia tal comportamento. Mas, é preciso frisar que esse destaque não é necessariamente apenas positivo, pois essas bíblias têm suscitado questionamentos polêmicos quanto ao projeto tradutório empregado.

O objetivo desse capítulo é descrever e discutir, de forma geral, com respaldo teórico e metodológico dos Estudos da Tradução, o projeto tradutório das bíblias vulgatas, necessário para posteriormente tratar da análise da tradução do capítulo 5 do livro de *Romanos*, foco desta pesquisa, em três delas (*Nova Bíblia Pastoral*, *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e *Bíblia Judaica Completa*). Para tanto, descreverei as principais características das traduções bíblicas vulgatas e, quando pertinente, as analisarei em pelo menos duas vertentes gerais: a formal, que privilegia elementos como a forma, e a funcional, preocupada com elementos como o sentido e o público de chegada. Com relação a esse projeto tradutório, é certo afirmar que cada tradução possui um que lhe é próprio. Todavia, ressalto nos tópicos a seguir, por índice de relevância e sem pretender esgotar o assunto, três das que considero elementares a qualquer projeto tradutório dessa natureza: a linguagem “contemporânea”, o método de tradução por equivalência dinâmica e o foco no leitor. Vale salientar, de antemão, que essas características não são elementos distintos entre si; antes, estão intrinsecamente ligados. A separação tal como apresento aqui é meramente didática, a fim de dar destaque a cada uma delas e evidenciar as suas reverberações na tradução enquanto processo e enquanto produto.

### 2.1. Tradução em “linguagem contemporânea” ou “comum”

A primeira característica do projeto tradutório das bíblias em questão é a proposta de tradução em linguagem “acessível”, “comum”, “contemporânea” ou “corrente”, pelo que prefiro o termo tradução bíblica vulgata, como explicado na Introdução. Esses adjetivos vêm expressos em forma de autoafirmação por título e/ou em paratextos. Se atentarmos para os títulos dessas traduções (vide Tabela 1, pg. 49), veremos que alguns deles funcionam como *slogans* desse projeto tradutório. É o caso da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, do *Novo Testamento: Versão Fácil de Ler*, da *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*, da *Nova Bíblia Pastoral*, da *Bíblia Viva* e da *Nova Versão Transformadora*. As três últimas, por meio dos adjetivos usados, focam na ideia de que a mensagem bíblica, embora milenar, pode ser acessível a todo aquele que precisa de cuidados e orientação, sendo, ainda, atual e considerada veículo de mudanças na vida do leitor crédulo dos dias hodiernos, como apontam os títulos das duas primeiras.

Ainda, quando não se expressam dessa forma, a autodeclaração “vulgata” vem expressa nos elementos paratextuais. É importante destacar que, na intenção de conquistar o leitor e convencê-lo a consumir tal tradução, a autodeclaração de algumas delas apresenta objetivos audaciosos ou mesmo utópicos. É o caso, por exemplo, da *Nova Versão Internacional*, em cujo prefácio se lê que

a NVI define-se como tradução evangélica, fiel e contemporânea. Seu alvo é comunicar a Palavra de Deus ao leitor moderno com tanta clareza e impacto quanto aos exercidos pelo texto bíblico original entre os primeiros leitores (BÍBLIA, 2003, p. xiii).

A intenção apresentada pela equipe editorial e de tradução é, no mínimo, incerta. A reação que os autógrafos bíblicos causaram no público leitor não é passível de ser mensurada. A esse respeito, aliás, Nord (2016) nos lembra que “os receptores do TA [texto alvo] são diferentes do receptor do TF [texto fonte] em pelo menos um ponto: são membros de outra comunidade cultural e linguística” (p. 99). Segundo a autora, a intenção de propor uma reação ao texto, no mínimo, similar é válida e faz parte do processo tradutório, mas não pode ser encarada como algo além de uma inferência, concebida a partir de uma série de informações contextuais e situacionais (NORD, 2016, p.78), principalmente no caso da Bíblia, um texto milenar.

Outro exemplo de autodeclaração como bíblia vulgata é encontrado na Apresentação da *Nova Versão Transformadora* onde declara que buscou “usar apenas vocabulário e estruturas gramaticais de uso comum nos dias de hoje” (BÍBLIA, 2016, p. x). A *Nova Bíblia Viva*, por sua vez, declara sobre si mesma ter sido concebida em “linguagem simplificada e de fácil compreensão”, sendo a nova versão “tão simples e fácil de entender como sempre” (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010, p. vii). Semelhantemente, a *Bíblia Sagrada de Aparecida* apresenta-se “numa linguagem que o leitor simples possa entender” (BÍBLIA SAGRADA DE APARECIDA, 2006, p. 3) e o tradutor da *Bíblia Judaica Completa* deseja que ela seja “acessível e de fácil leitura, e que flua com facilidade da página para a mente e o coração” (STERN, 2010, p.18).

Entretanto, quanto a esse assunto, é válido mencionar o caso da *Bíblia Almeida Século 21*. Essa tradução, realizada pela Editora Vida Nova e publicada integralmente em 2007, aparenta pelo título ser uma vulgata. A apresentação à obra deixa claro que a (re)tradução busca, usando expressões utópicas como algumas das anteriores, atualizar a tradução tradicional de João Ferreira de Almeida, do século XVIII. Diz que

trata-se de uma nova versão na tradicional linha de João Ferreira de Almeida [...]. O objetivo que inspirou o trabalho com a nova versão Almeida Século 21 foi o de produzir o texto bíblico que João Ferreira de Almeida produziria para os dias de hoje (2010, p. 8).

Todavia, ainda que almeje a fluência e naturalidade do texto, menciona-se, dentre as estratégias de tradução, “a preservação do perfil tradicional do vocabulário e da linguagem, conservando, assim, pronomes como tu e vós, enfim, buscando manter o aspecto solene da versão” (BÍBLIA SAGRADA ALMEIDA SÉCULO 21, 2010, p. 9). A tabela a seguir mostra a tradução do texto de *Efésios 2: 11-14* de forma comparativa entre essa obra e uma bíblia autodeclarada vulgata:

**Tabela 2: Tradução comparada de *Efésios 2: 11-14***

<i>Almeida Século XXI</i>	<i>Nova Tradução na Linguagem de Hoje</i>
“Portanto, lembrai-vos de que, no passado, vós, gentios por natureza, chamados incircuncisão pelos que se chamam circuncisão,	“Lembrem que vocês, os não judeus, eram chamados de incircuncidados pelos judeus, que chamam a si mesmos de

<p>feita pela mão de homens, estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.</p>	<p>circuncidados por praticar a circuncisão. Lembrem do que vocês eram no passado. Naquele tempo vocês estavam separados de Cristo; eram estrangeiros e não pertenciam ao povo escolhido de Deus. Não tinham partes nas suas alianças, que eram baseadas nas promessas de Deus para o seu povo. E neste mundo viviam sem esperança e sem Deus.</p>
<p>Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, viestes para perto pelo sangue de Cristo, pois ele é a nossa paz. [...]” (BÍBLIA SAGRADA ALMEIDA SÉCULO 21, 2010, p. 1708-1709).</p>	<p>Mas, agora, unidos com Cristo Jesus, vocês, que estavam longe de Deus, foram trazidos para perto dele pela morte de Cristo na cruz. Pois foi Cristo quem nos trouxe a paz [...]” (BÍBLIA, 2012, p. 1192).</p>

À primeira vista, salta aos olhos a diferença na quantidade de material linguístico entre os textos. A *Almeida Século XXI*, como dito acima, mantém o léxico das traduções anteriores (como “gentios”). A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, por sua vez, adotou sentenças explicativas para tais ocorrências, como no uso de “os não judeus” por “gentios” e no uso de “pelo sangue de Cristo” por meio da sentença “pela morte de Cristo na cruz”, além de segmentar o trecho em vários períodos, retomando elementos coesivos que contribuem para o aumento do bloco textual. Ademais, o supracitado “aspecto solene” da *Almeida Século XXI* fica evidente pelo uso do “vós” (enquanto a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* optou pelo uso do “você(s)”). Ora, como mostram os estudos sociolinguísticos (por exemplo, CASTILHO, 2010), o pronome “vós” não faz parte do uso corrente do português no Brasil e, por “aspecto solene”, entende-se que há a manutenção do registro linguístico habitual das traduções anteriores, as quais estão mais próximas de um método formal de tradução e de um registro culto formal da língua portuguesa. Tal fato revela que o projeto de tradução está pautado na tradição da tradução de Almeida, ainda que busque atualizar a linguagem, descaracterizando a *Almeida Século XXI* como uma vulgata nos termos aqui apresentados.

A busca por essa linguagem “comum”, “acessível” ou “na língua do povo” não é algo recente. No capítulo anterior, citei as traduções

medievais de Lutero para o alemão e de Tyndale para o inglês, as quais, embora não sejam traduções em registro “popular” ou “fácil” como as apresentadas acima, sinalizam a intenção de democratizar o acesso da população ao texto bíblico ao fugir do literalismo e do padrão culto-formal, ou mesmo erudito, das traduções de maior prestígio. Com sua tradução, Lutero enfrentou a hegemonia do latim como língua da Igreja e da *Vulgata Latina* como tradução oficial, sendo criticado por clérigos católicos de sua época devido à linguagem vernacular de sua tradução e acusado de macular o texto bíblico ao acrescentar palavras como *allein* (“apenas”) ao texto de Romanos 3:28<sup>16</sup> a fim de negar o mérito das boas obras na salvação, uma de suas doutrinas. Lutero defendeu-se dizendo que essa palavra era conveniente ao contexto e necessária para falar em alemão:

[...] Ao traduzir, esforcei-me em escrever um alemão puro e claro.

[...]quando se quer traduzir com clareza e consistência em alemão, deve estar presente, porque eu quis falar em alemão, não em latim nem em grego, quando me propus falar em alemão ao traduzir. Isso, porém, é propriedade de nossa língua alemã, que, quando usada para tratar de duas coisas, das quais uma é afirmada e outra negada, necessita da palavra *sollum-allein*, acompanhando a palavra *nicht* ou *kein* [não, nenhum].

[...] Aqui a palavra *allein* ajuda a palavra *kein* a produzir uma fala plena, alemã, clara. Pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas, sim, há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir; aí então eles vão perceber que se está falando em alemão com eles. ([1530] 2006, p. 101, 103, 105).

Com esse perfil, a tradução de Lutero alcançou grande prestígio na língua alemã por ter sido considerada a obra que a formalizou, respondendo ao anseio de unificação da língua nacional expresso por vários grupos sociais da época. Embora uma tradução retórica (não

---

<sup>16</sup> “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (BÍBLIA, 2009a, p. 1138).

vulgar, como as aqui apresentadas), não negligenciou o estilo popular e comunicativo (FURLAN, 2004, p.12). A tradução de Lutero se tornou ainda mais peculiar, pois, apesar de sua erudição e da força do alto-alemão falado pelas classes sociais favorecidas, “a língua do povo foi para ele uma inspiração e uma fonte infinita” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p.62). O argumento final da citação anterior de Lutero ecoou, inclusive, na prática da Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje* brasileira. Ao longo do processo, os tradutores procederam exatamente como Lutero defendeu: indo às pessoas que potencialmente seriam as leitoras daquela tradução para testar as escolhas dos tradutores e o registro linguístico empregado. Foi o que relatou a tradutora Selma Giraldi:

[...] Muitas vezes, saíamos perguntando se certa palavra era fácil de entender. Perguntávamos a pessoas na feira, à empregada na casa, aos parentes, amigos, pais, filhos... Foram muitos anos de estudos, pesquisas, revisões, exame das sugestões, incorporações e reuniões. E agora a Bíblia está pronta. Quase não podemos acreditar. É uma grande alegria pensar que esta tradução será útil aos nossos irmãos brasileiros de todas as idades e níveis culturais e que servirá a muitas gerações (2013a, p. 222).

Tyndale, por sua vez, sofreu graves repressões ao propor uma tradução bíblica de língua inglesa, em linguagem dita “simples” e, pela primeira vez, diretamente das línguas originais. Apesar de ser um erudito pregador cristão e de estar habituado ao registro culto formal, principalmente na escrita, Tyndale “traduzia para a linguagem que o povo falava, não para a língua escrita dos eruditos” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 46), pois tinha o intento de que seu trabalho permitisse ao jovem trabalhador camponês compreender tanto das Escrituras quanto os homens mais letrados (TEIXEIRA, ZIMMER, 2008 p. 51).

Todavia, defensores do aspecto estilístico do texto pensam que essa facilitação da linguagem em prol do leitor é indevida. Para eles, toda tentativa de facilitação da compreensão da mensagem por meio da tradução macula o que chamam de alteridade do texto. Segundo Konings (2009, p. 115), esse tipo de linguagem “[...] tira da Bíblia sua estranheza [e] leva, paradoxalmente, a mal-entendido. Ler a Bíblia é, num certo sentido, esotérico, algo que exige iniciação. Desde seus incílios, a linguagem bíblica sempre foi estranha”. Ou seja, privar o leitor



dessa estranheza significa não lhe permitir compreender o texto em seu aspecto natural (um dos objetivos do projeto tradutório) nem fazer os “deslocamentos mentais” necessários à compreensão de textos de gêneros diversos. Tal é a defesa de Konings nos termos a seguir:

Então, a Bíblia não deve ser fácil? Uma tradução deve respeitar o nível linguístico do público alvo, mas isso não quer dizer que ela deva ser fácil. Não deve criar obstáculos linguísticos desnecessários, mas deve transmitir seu mundo e mensagem, que talvez sejam difíceis ou exigentes de per si. A essa dificuldade intrínseca a tradução não precisa acrescentar dificuldades linguísticas extrínsecas, mas deve levar o leitor/ouvinte a enfrentá-la (2009, p. 116).

O posicionamento de Konings aponta para o fato de que a compreensão do texto bíblico não se dá apenas em razão da linguagem empregada, mas também pelo conteúdo e contexto de sua situação de produção. Por essa razão, ele advoga em prol da importância do leitor estar envolvido em alguma comunidade de fé. Desse modo, ele teria auxílio hermenêutico para sanar dificuldades de compreensão do texto, provocadas ou não pela tradução (KONINGS, 2009, p. 112). Conforme se apresentam, as bíblias vulgatas preocupam-se com a democratização do acesso ao texto bíblico por meio dessa linguagem “facilitada”, o que, ao invés de ser encarado como um trabalho que desprestigia a riqueza literária da Bíblia, pode ser visto, na verdade, como uma ferramenta para a própria “iniciação” da qual fala o autor. Johann Wolfgang von Goethe, entre os séculos XVIII e XIX, ponderou se a tradução de Homero em prosa não seria, em termos de iniciação, mais conveniente para os jovens do que em poesia. Segundo ele, “para a multidão, sobre a qual deve exercer influência, uma tradução singela é sempre a melhor. As traduções críticas que rivalizam com o original só servem, na verdade para o entretenimento dos estudiosos” (GOETHE, 2010, p. 31). Preocupado em produzir uma tradução bíblica de leitura, Eugene Peterson argumenta que ler e ouvir a sua Bíblia é o primeiro passo para a compreensão da “revelação” da mensagem bíblica, pois “haverá, posteriormente, tempo bastante para estudo. Mas, primeiro, é importante simplesmente ler, descansada e pensativamente” (PETERSON, 2011, p. 11).

De qualquer forma, é preciso destacar que as informações sobre um projeto tradutório que visa uma tradução em linguagem “contemporânea”, “comum”, “de fácil compreensão” são, no mínimo,

vagas e imprecisas, pois não há explicação por parte das edições dessas obras sobre os critérios que estabelecem o que seja uma linguagem facilmente compreensível. Esse discurso pode revelar, também, que, a partir de expressões genéricas, a equipe editorial não tenha tido o intento de informar tais detalhes sobre a tradução. A forma como os propósitos da tradução são apresentados parece, antes, uma estratégia de marketing editorial do que de conscientização de leitores (de tradução). É possível que o projeto tradutório seja assim exposto numa tentativa de aproximar o leitor da obra sob o argumento desta estar adequada a uma linguagem acessível àquele. De qualquer forma, é inegável que houve uma preocupação por parte da equipe de tradução de que a linguagem da obra fosse mais acessível aos seus leitores do que as demais traduções em circulação no mercado.

Apesar de todo esforço, no caso em particular da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, por exemplo, houve quem se agradou desse projeto, por democratizar o acesso ao texto numa forma às vezes mais fácil de compreender, e quem se desagradou dele, principalmente aqueles cuja concepção sobre tradução ainda está arraigada ao literalismo, à forma, ou aqueles que preferem traduções bíblicas formais, acusando a tradução de causar uma espécie de mácula ao texto. Teixeira e Zimmer (2008) mostram que esta última parece ser a reação comum ante a publicação de uma nova tradução da Bíblia, pois, como já dito, as versões mais conhecidas são preferidas às atuais, independente do trabalho feito com a linguagem para que seja mais acessível ao público. O novo provoca receio e é difícil sobrepor-se à tradição de traduções já consagradas historicamente como a tradução do Pe. Antônio Figueiredo (entre 1778-1790) e a de João Ferreira de Almeida (entre 1681-1753); as duas primeiras traduções a circularem no Brasil e que são, ainda, constantemente revisadas e publicadas preservando certo grau de formalidade na linguagem.

O fato é que as bíblias vulgatas não escondem esse caráter parafrásico. A tradução *A Mensagem* é declaradamente uma paráfrase: “*A Mensagem* – uma vibrante paráfrase da Bíblia que faz ligação com os leitores de hoje como nenhuma outra” (PETERSON, 2010, p. 10). A *Bíblia Viva* e a *Nova Bíblia Viva* também são oficialmente paráfrases. Na apresentação da *Nova Versão Transformadora*, da mesma editora das duas anteriores, temos a informação de que “A Editora Mundo Cristão, fundada em 1965, sempre publicou bíblias. Editou a *Bíblia Viva* em 1981 e a *Nova Bíblia Viva* em 2010. Além dessas paráfrases, editou também dezenas de bíblias devocionais [...]” (BÍBLIA, 2016, p. vii – grifo nosso). Essas traduções, segundo esse ponto de vista, não possuem

forte grau de legitimidade. E não apenas isso, mas elas podem ainda constituir-se, segundo especialistas, mais em uma “paráfrase interpretativa por vezes conduzida por convicções ideológico-doutrinárias do que uma tradução propriamente dita” (RAUPP, 2015, p. 94-95), o que demanda análise detalhada em outro momento.

## 2.2. Tradução pelo método de equivalência dinâmica

Como vimos, para alcançar a linguagem “comum” ou “acessível” é necessária a aplicação de um método de tradução que se atenha mais ao sentido do que à forma do texto-fonte. Assim, a segunda característica de uma tradução bíblica vulgata diz respeito ao emprego do método de equivalência dinâmica (também chamado de equivalência funcional) de tradução. Essa é a característica mais expressiva do projeto tradutório desse grupo de bíblias. Em 1964, o tradutor e tradutólogo bíblico Eugene Nida publicou seu livro *Towards a Science of Translation* no qual, a partir de suas experiências, estabelece dois métodos de tradução. O primeiro, o método de equivalência formal, é aquele que prima pela observância à forma do texto-fonte. O segundo, o método de equivalência dinâmica ou funcional, é aquele que prima pela observância ao sentido na produção do texto-alvo. Como secretário de tradução da Sociedade Bíblica Americana, Nida esteve diretamente ligado às primeiras traduções bíblicas vulgatas feitas a partir do seu segundo método de tradução. Para ele, embora sejam termos idealistas,

traduzir consiste em reproduzir na língua-alvo o equivalente natural mais próximo da mensagem na língua-fonte, primeiro, em termos de significado e, segundo, em termos de estilo. [...] A tradução deve almejar primariamente “reproduzir a mensagem”. Fazer qualquer outra coisa é essencialmente falso para a tarefa de um tradutor [...] a melhor tradução não soa como tradução<sup>17</sup> (1974, p. 12).

---

<sup>17</sup>“Translating consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source-language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style. [...] Translating must aim primarily at ‘reproducing the message’. To do anything else is essentially false to one’s task as a translator [...] the best translation does not sound like a translation” (tradução própria).

A aplicação do método dinâmico ou funcional não impede que os tradutores apliquem o método da equivalência formal. Entretanto, para Nida o estilo e a forma são preocupações secundárias. Assim, traduzir o sentido do texto a fim de permitir ao leitor a compreensão da mensagem apresenta-se como um objetivo superior à apreciação dos elementos formais e estilísticos do texto. A tradução dinâmica acontece, sobretudo, em casos em que a inteligibilidade do texto fica comprometida quando traduzido formalmente. É o que explica a introdução da *Nova Versão Transformadora* (2016), dizendo que os tradutores “buscaram uma abordagem mais dinâmica à mensagem quando a tradução literal era de difícil compreensão, ambígua ou exigia uso de termos arcaicos ou incomuns” (p. ix). Todas as opções de seguir a forma dificultariam a compreensão do texto pelo leitor; a tradução dinâmica, portanto, presta-se a sanar dificuldades como estas.

A proposta de Nida nos mostra, ainda, que, a partir da aplicação do método de tradução por equivalência dinâmica, espera-se que o leitor reaja ao texto traduzido da mesma forma que o leitor original reagiu ao texto-fonte: com (uma suposta) naturalidade. Por essa razão, a tradução não pode ser sentida como tal, de modo que, para o leitor, a leitura do texto o faça sentir que os autores bíblicos escreveram em sua língua e para pessoas como ele. Influenciada por esse princípio, Barnwell (2011, p. 27), em seu curso introdutório de tradução bíblica, considera uma “boa tradução” aquela que é exata na transmissão da mensagem, que dá ao leitor uma compreensão clara do sentido do texto e cuja linguagem soa natural e agradável ao leitor. Inclusive, este é o intento que expressa o trecho do prefácio da *Nova Versão Internacional* citado anteriormente: “seu alvo é comunicar a Palavra de Deus ao leitor moderno com tanta clareza e impacto quanto aos exercidos pelo texto bíblico original entre os primeiros leitores” (BÍBLIA, 2003, p. xiii). É o caso, também, do *Novo Testamento Judaico* (STERN, 2008, p. xxi):

[...] o *Novo Testamento Judaico* localiza-se mais próximo da equivalência dinâmica. Em pontos específicos, relacionados à sua judaicidade, ele assim procede de forma militante. Por exemplo, em outras versões, a expressão grega *hyponomon* é geralmente vertida “sob a lei”. Entretanto, pelo fato de essa tradução ter sido usada para amparar a teologia cristã anti-*Torah*, o *Novo Testamento Judaico* explica o significado dessas duas palavras gregas mediante 11 palavras portuguesas: “em sujeição ao sistema resultante da perversão da *Torah* em legalismo”.

Como vemos acima, as razões para a adoção da tradução semântica ou funcional podem ser de natureza pessoal do(s) tradutor(es) ou ideológico-doutrinárias. A fim de traduzir de forma “natural” e comunicativamente fluida, a utilização de recursos como o alongamento e a paráfrase para clarificar a ideia do texto é comum, mas não são os únicos. Analisando as estratégias utilizadas na produção da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, Lima e Pinheiro-Mariz (2016) identificaram, ainda, o uso de paráfrases e de inversão da ordem do discurso, além da preferência pelo texto em prosa (mesmo em textos originalmente tidos por poéticos, como o livro de *Provérbios*) e o uso de mecanismos gráficos organizadores do texto escrito (travessões, pontos finais e outros sinais), visando facilitar a leitura do texto, deixando-a mais fluida.

A relação entre esses métodos de tradução e suas consequências retoma as reflexões teóricas de Schleiermacher, a qual se apresenta como um contraponto à proposta do projeto tradutório das bíblias vulgatas. Essa forma de pensar discute os diferentes métodos tradutórios, sintetizados em dois movimentos: ou o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro ou o tradutor deixa o leitor o mais tranquilo possível e faz com que o escritor vá a seu encontro (SCHLEIERMACHER, [1813] 2010, p. 57); mais tarde, foram nomeados, respectivamente, de “estrangeirização” e “domesticação” por Venuti (1995, p. 19-20). Schleiermacher ([1813] 2010) entende que a finalidade da tradução é permitir ao leitor “o gozo autêntico das obras estrangeiras” (p. 93) por meio da percepção da natureza exótica do texto-fonte, (p. 71), o que abre espaço para o estabelecimento de um diálogo entre as culturas envolvidas (p. 77), possível por meio do primeiro método. Em oposição, para não perturbar o leitor, é preciso, segundo o autor, recorrer a recursos como a paráfrase e a imitação (p. 91), o que leva a transformações formais na tradução, à hipertextualidade; como ocorre no projeto tradutório das bíblias vulgatas. Para alcançar seu objetivo, a domesticação é orientada por uma visão etnocêntrica desse Outro, ou seja, por primar pela língua ou cultura-alvo considera o estrangeiro (sua cultura, sua língua) como inferior em algum sentido. Por essa razão, traduções dessa natureza são chamadas também de etnocêntricas e hipertextuais, consideradas traduções inautênticas por negar a identidade linguístico-cultural do autor. Consequentemente, tais traduções, embora cumpram com os seus propósitos evangélicos a que se propõem, não

são recomendadas para quem deseja aprofundar-se no estudo do texto, pois,

a simplificação linguística, às vezes, empobrece a tradução. Na hora do estudo aprofundado estas traduções apresentam o inconveniente de não deixar transparecer a estrutura e o colorido da língua original, escondendo particularidades interessantes, como os jogos de palavras, os efeitos retóricos do texto original, etc. (KONINGS, 2006, p.22).

A título de exemplificação, no prefácio à *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* encontramos que, nessa tradução, “simplificou-se ainda mais uma série de construções gramaticais, aplicando-as ao texto de toda a Bíblia” (BÍBLIA, 2012, p. iv). Houve, portanto, um dado grau de homogeneização que ultrapassa as diferenças estilísticas das dezenas de livros que compõem a Bíblia. Outra transgressão estilística dessa tradução é a segmentação em períodos curtos de frases longas e gramaticalmente complexas de algumas epístolas. No livro bíblico de *Efésios*, de acordo com o texto-fonte, a passagem entre os versículos 3 e 14 do capítulo 1 compõem uma só frase, estruturada em várias orações subordinadas; características do autor. Na tradução, em nome da fluidez e naturalidade da leitura, esse trecho está segmentado em 15 períodos sintáticos; estratégia realizada também pela versão em francês corrente *Bonnes nouvelles aujourd’hui*, publicada em 1971, que sintetizou essa passagem em 11 períodos, conforme mostra Taber (1972, p. 63).

Para Henry Meschonnic (2010), teórico com experiência na tradução bíblica e um dos críticos da teoria de Nida, em se tratando do hebraico do Antigo Testamento, há, para além do verso e da métrica na Bíblia, o reinado do ritmo, pois, diz ele mesmo: “[...] eu não conheço outro exemplo em que a tal ponto o sentido é construído pelo ritmo e o ritmo pelo sentido” (p. 242). A crítica do autor gira em torno do que ele chama, em seu contexto, de afrancesamento, cristianização e helenização da tradução (p. 232), ações estas que apagam a oralidade codificada, a estilística das estruturas linguísticas, a semiótica das ações e a poética do ritmo; elementos próprios do texto bíblico (p. 231). Sob a alegação de que a conservação dessas formas causaria estranhamento ao leitor da tradução, elas são suprimidas, privando o leitor de contemplar a essência natural (genética) do texto bíblico e que o impede de desenvolver o chamado “letramento bíblico”. É o que advoga Konings ao dizer que, na leitura bíblica, “os dialogantes devem ser dois outros,

um não pode engolir o outro. A Bíblia tem de ser respeitada em sua estranheza [...] Ler a Bíblia é, num certo sentido, esotérico, algo que exige iniciação” (2009, p. 115). Como denuncia Meschonnic, os tradutores, sob a coerção da gramática, do sentido e das categorias retóricas das culturas de chegada, anulam na tradução as marcas do registro oral típico do processo de transmissão de sua mensagem pelos autores (desoralização), levando o literalismo a ser, por muito tempo, o único equivalente do sagrado (2010, p. 229-230). Os pressupostos do autor se aplicam às traduções bíblicas em geral e, em extensão, às bíblias vulgatas, pois, nestas, é possível encontrar tais formas de “transgressão” do texto-fonte em nome da tradução da mensagem, do sentido.

Em defesa do ponto de vista do projeto tradutório das bíblias vulgatas podemos apresentar alguns argumentos. Ainda que as críticas contrárias à equivalência dinâmica sejam válidas, é preciso compreender que as divergências existem por diferenças na forma de tratamento do texto-fonte. O projeto de tradução, nesse caso, é moldado, entre outros fatores, pela forma como o tradutor se relaciona com o texto a ser traduzido e, em se tratando de projetos de tradução, não há como emitir juízo de valor quanto ao que é certo ou errado. Como explica Milton,

a crítica a Nida feita por Meschonnic resulta de suas visões completamente diferentes da Bíblia. Para Nida, a mensagem é a força motriz da Bíblia; isso sempre tem de ser traduzido, e outras culturas têm de conhecer essa mensagem. Meschonnic considera a Bíblia como obra poética de língua hebraica, e é este elemento que tem de ser enfatizado em uma tradução (2010, p. 195).

De qualquer forma, a posição de Nida e daqueles que concordam com sua teoria não está em desarmonia com o tratamento dado ao texto a ser traduzido pelos seus primeiros seguidores, nem com o que ele advoga sobre si mesmo. É válido destacar que o cristianismo, desde sua origem, é uma religião apegada à mensagem. O termo “evangelho”, empréstimo do grego *evangelion*, significa “boas-novas”. Os quatro livros bíblicos que tratam da biografia de Jesus são chamados de evangelhos porque anunciam a mensagem daquele que os autores acreditavam ser o Cristo, o Prometido de Deus. O Novo Testamento bíblico aborda muito mais o aspecto da mensagem do que da letra. Por exemplo, o apóstolo Paulo na carta que escreveu aos cristãos de Roma, deixa claro que “portanto, a fé vem por ouvir a mensagem, e a

mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo” (*Romanos* 10: 17 – BÍBLIA, 2012, p. 1150); aliás, as cartas às igrejas foram escritas para leitura pública perante toda a congregação, o que presume que seriam compreendidas pela comunidade. Pelo relato bíblico de *Atos dos Apóstolos* 2: 1-13, no dia de Pentecostes, por ocasião da descida do Espírito Santo, foram os apóstolos e demais discípulos que milagrosamente falaram línguas estrangeiras para pregar o evangelho aos estrangeiros (BÍBLIA, 2012, p. 1100), não estes últimos que aprenderam grego ou aramaico para compreender escritos bíblicos. Assim, contrariamente ao judaísmo e ao islamismo, por exemplo, o cristianismo se preocupou mais com a disseminação da mensagem do que com o apego à letra dela; salvo a relação da Igreja Católica Apostólica Romana com a *Septuaginta* e a *Vulgata*, como visto no capítulo anterior.

Lembremo-nos ainda que a variante linguística usada pelos autores bíblicos era o grego coiné, comum, indicando um desejo por partes deles de que o público compreendesse o que falavam. A partir desse entendimento, Nida posiciona-se a favor do método de equivalência dinâmica e se envolve em projetos de tradução que o aplicam, a exemplo do *Novo Testamento em Linguagem Corrente* (1973), primeira edição da atual *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, por entender que “[...] não basta traduzir de maneira que o leitor médio seja capaz de captar a mensagem, mas devemos estar os mais seguros possíveis de que essa pessoa possa captá-la de fato<sup>18</sup>” (NIDA; TABER, 2004, p. 352). É pertinente ressaltar que uma das bandeiras da Reforma Protestante era oportunizar que as pessoas pudessem ler a Bíblia e examiná-la sem estarem presas à tradição hermenêutica eclesiástica. A resistência de alguns a essa tradução dinâmica ou semântica pode ser oriunda de um zelo por aquilo que se entende como sagrado, tentando evitar aquela que seria a mais ínfima transgressão, em aspectos formais; preocupação que não deixa de ter o seu valor. Entretanto, Nida entende que “na realidade, o grego e o hebraico são simplesmente ‘línguas’, com todas as qualidades e limitações próprias de toda língua. Não são línguas celestiais nem idiomas do Espírito Santo<sup>19</sup>” (NIDA; TABER, 2004, p.

---

<sup>18</sup> “No basta traducir de manera que el lector medio sea capaz de captar el mensaje, sino que debemos estar lo más seguros posibles de que esa persona va a captarlo de hecho” (tradução própria).

<sup>19</sup> “Em realidad, el griego y el hebreo son simplemente “lenguas”, con todas as cualidades y limitaciones propias de toda lengua. No son lenguas celestiales ni idiomas del Espíritu Santo” (tradução própria).



357); o que tornaria ilegítimo qualquer proposta de tradução. Assim, os cristãos acreditam que Deus deu a Sua mensagem, não a língua, e ela deve ser disseminada entre todos os povos. Manter-se apegado a esse zelo deveria, conseqüentemente, conduzir toda a cristandade a dedicar-se a aprender as línguas bíblicas.

Todavia, no meio termo dessas posturas polares encontra-se a *Nova Versão Internacional*. Essa tradução, apesar de ser considerada aqui vulgata, distingue-se de suas semelhantes por propor uma tradução equilibrada entre o método formal e o método dinâmico (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008, p. 64). Segundo o prefácio da tradução, “alguns trechos bíblicos foram traduzidos com maior ou menor grau de literalidade. [...] O texto da NVI não se caracteriza por alta erudição vernacular, nem por um estilo muito popular” (BÍBLIA, 2003, p. ix-x). De acordo também com Luiz Sayão, coordenador da equipe de tradução, “há casos em que a palavra foi deixada como aparece na língua original porque não sabemos qual é o seu significado exato<sup>20</sup>” (2003, p. 53) ou, no caso da tradução das metáforas, “foi possível ser literal em vários versículos, em outros textos foi possível uma adaptação e em muitos casos não foi possível esquivar-se da interpretação” (2003, p. 56).

### 2.3. Tradução com foco no leitor

Como consequência de um projeto que prima pela tradução da mensagem, do sentido do texto-fonte, de forma que ele seja compreendido e recebido com naturalidade pelo público, a terceira característica de uma tradução bíblica vulgata é ter o leitor como alvo do projeto tradutório. Como já apontado acima, as traduções bíblicas foram, por muito tempo, realizadas com foco no texto-fonte. As bíblias vulgatas, por sua vez, preocupam-se com o leitor, em fornecer um texto em linguagem acessível ao maior número possível de pessoas, ainda que, por vezes, como já vimos, seja preciso abrir mão da forma. Sua intenção é democratizar o acesso ao texto bíblico, propondo um registro linguístico que seja adequado tanto para o leitor mais letrado quanto, principalmente, para o leitor de média e/ou baixa escolaridade,

---

<sup>20</sup>Sayão (2003, p. 53) apresenta o caso de *Gênesis* 6:4: “Naquele tempo havia nefilins na terra” (tradução *Nova Versão Internacional*). Segundo ele, o termo “nefilins” foi deixado como em hebraico por não haver consenso sobre o que sejam esses seres. Na tradução, as possíveis interpretações (“gigantes” ou “homens poderosos”) foram apresentadas em nota de rodapé.

combatendo o senso comum de que a Bíblia é um livro difícil de ser lido (criado com base nas tradicionais traduções formais com linguagem erudita). Em nome do leitor, se justificam, portanto, todas as decisões tradutórias.

A teoria de Nida foi concebida a partir de sua experiência com a tradução bíblica em contextos missionários. Na maioria desses casos, os tradutores se deparam com comunidades linguísticas que desconhecem as referências socioculturais do texto-fonte bíblico e/ou cujas línguas possuem sistemas de conceitos e estruturas morfossintáticas muito diferentes. Diante da ocasião evangelística, para anunciar essas “boas novas”, os tradutores passam a se aproveitar da língua e referências das culturas nativas para traduzir a mensagem bíblica para esses povos. Por essa razão, Nida propõe, inclusive, que a combinação do trabalho da antropologia social analítica e da linguística descritiva seria profícua para a compreensão dos sentidos e dessas referências, os quais se manifestariam na tradução dinâmica (1945, p. 208).

Um dos fatores que tornam as traduções diferentes entre si é, segundo explica Nida ([1964] 2012, p. 127-128), o propósito do(s) tradutor(es). No caso da tradução da Bíblia conforme o projeto tradutório aqui estudado, já vimos que, além da transmissão de informação, a tradução deve causar em seu leitor reação semelhante à que o texto-fonte causou no leitor dele. Em contextos culturais distintos, segundo Nida, o tradutor bíblico “insiste que a tradução deve ser tão clara que ninguém possa compreendê-la mal<sup>21</sup>”, o que justifica o fato de que “‘branco como a neve’ pode ser entendido como ‘branco como as penas da garça’ se as pessoas da língua-alvo não estão familiarizadas com neve, mas falam de algo muito branco por meio dessa frase<sup>22</sup>” ([1964] 2012, p. 128). Do contexto missionário, com fins evangelísticos, os princípios desse método passaram a ser empregados em traduções bíblicas comerciais, como as que estão sendo analisadas neste trabalho, visando alcançar um público que, pelo distanciamento causado pelo registro linguístico tradicional e formal de outras traduções, não nutria empatia pela leitura bíblica.

---

<sup>21</sup>“Insists that the translation must be so clear that no one can possibly misunderstand” (tradução própria).

<sup>22</sup>“‘White as snow’ may be rendered as ‘white as egret feathers’, if the people of the receptor language are not acquainted with snow but speak of anything very white by this phrase” (tradução própria).

Essa foi a intenção de Eugene H. Peterson ao traduzir a Bíblia *A Mensagem*. No prefácio, diz o autor, que “a Mensagem é uma Bíblia de leitura. [...] Meu propósito aqui [...] é simplesmente fazer que as pessoas a leiam, pessoas que não sabem que a Bíblia é um livro para ser lido, pelo menos por elas [...]” (PETERSON, 2011, p. 10). Também foi um princípio adotado pela *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Segundo o paratexto de uma das edições dessa obra, essa tradução deveria ser “adequada ao nível educacional médio da população”, apresentando “linguagem de fácil compreensão”, de forma a expressar o sentido do texto bíblico “de maneira simples e natural, assim como a maioria da população brasileira fala” (BÍBLIA, 2009b, p. v). Essa proposta coaduna com as intenções do método de tradução de Nida por se propor a desenvolver o aspecto linguístico (em termos de níveis de registro) de forma mais aberta ao uso corrente do que às convenções “solenes” ou tradicionais.

Esse é o grande elemento de marketing dos paratextos de algumas das bíblias vulgatas, nos quais encontramos declarações como: “[...] Para muitos leitores, abrir a *Bíblia Viva* passou a ser como respirar, pela primeira vez, o ar puro da compreensão” (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010, p. vii); e “o objetivo, desde o princípio, foi produzir uma versão fiel e acessível, que comunicasse sua mensagem aos leitores de hoje de modo tão claro e relevante quanto os textos originais comunicaram aos leitores e ouvintes do mundo antigo” (BÍBLIA, 2016, p. ix). Esse princípio, inclusive, norteia todo o curso introdutório de tradutores bíblicos de Katharine Barnwell que aponta como objetivo da tradução bíblica o de “reproduzir, da maneira mais exata possível, o significado da mensagem original de uma forma natural no idioma ao qual se está traduzindo” (BARNWELL, 2011, p. 10); principalmente para os tradutores bíblicos que atuam em contextos missionários (TEIXEIRA, ZIMMER, 2008, p. 50).

Todavia, da mesma forma que as traduções não informam detalhes sobre o que seria uma linguagem de “fácil compreensão”, também não informam quais fontes foram consultadas para estabelecer o nível de escolaridade ou descrever o modo de falar do brasileiro tomado como referência para a tradução. Os fundamentos que embasam tal projeto não são, assim, evidenciados. Logo, é possível entender que, na verdade, tal discurso se pauta em um leitor idealizado. Num país de grandes proporções territoriais e de variedades linguístico-culturais como o Brasil, é praticamente impossível não estabelecer um padrão; senão necessário para o andamento racional do trabalho. Nesse intento, essas traduções tomam dados registros linguísticos como padrão,

homogeneizando a diversidade. É o que reconhece um dos editores da Sociedade Bíblica do Brasil, Wilson Scholz, ao abordar os desafios da tradução bíblica para o português. Segundo ele,

Também se poderia fazer a crítica de que a tal “língua comum” é uma abstração, um meio-termo, um tamanho único que serve a todos, mas que não é, a rigor, o tamanho exato de ninguém. Quem faz a crítica precisa saber, porém, que o princípio de “língua comum” traz esse problema embutido. Não poderia ser diferente (2013, p.135).

Esse discurso, ainda, mostra-se com finalidade, também, mercadológica. É válido ressaltar que a Bíblia, além de um livro pertencente à esfera religiosa, também é um produto de mercado; o que faz do leitor também um consumidor. A esse respeito, é válido destacar a influência do chamado “movimento gospel” estadunidense que encontrou no Brasil um mercado consumidor promissor e o aumento do número de protestantes no Brasil (PINHEIRO, 2017, p. 75), grupo cristão historicamente mais aberto à tradução bíblica. Se retomarmos os títulos das bíblias vulgatas brasileiras listadas no capítulo anterior, veremos que, dos cinco títulos de orientação protestante, quatro têm origem em algum projeto tradutório estadunidense. Por essa razão, também podemos falar que as estratégias de tradução desse projeto se propõem a alcançar certo público (principalmente não leitor da Bíblia), o qual, atraído pela propaganda da linguagem “fácil” e da compreensão do sentido bíblico, desde o título da tradução, passando pelo texto, formato editorial e materiais de suporte, poderá vir a se tornar leitor/consumidor. As diferentes configurações desses elementos diferenciam os produtos no mercado e instigam a procura por bíblias segundo as mais diversas necessidades dos consumidores/leitores. Conforme Campos,

A competitividade, no entanto, nesse mercado, força os produtores à racionalização de seus custos de produção, a promover uma diferenciação em seus produtos, a fim de que a Bíblia (como um produto qualquer) se acomode dentro das leis do mercado – levando-se em consideração as necessidades e desejos dos seus consumidores (2012, p. 50).

Mas essas demandas dos consumidores de traduções bíblicas não são atendidas apenas pela preferência de um registro linguístico

padronizado ou “comum”; as traduções bíblicas vulgatas tendem a agregar outros recursos às publicações. Trata-se de outras produções verbais ou não que acompanham ou reforçam, em caráter de apresentação, visibilidade, recepção e consumo (GENETTE, 2009, p. 9). O conjunto de mensagens materializadas que se situam entre o texto ou mesmo ao redor dele (como título, intertítulos, dedicatória, prefácio, pós-fácio e notas), chamado peritexto, e o grupo de mensagens que lhe são externas, veiculadas em outro suporte midiático ou na forma de comunicação privada (como entrevistas e correspondências), chamado epitexto, formam o que Gérard Genette (2009, p.12) denomina de “paratexto editorial”. Para os fins deste trabalho, limitarei a abordagem apenas a alguns dos peritextos<sup>23</sup> presentes nas bíblias vulgatas, como as introduções aos (grupos de) livros bíblicos, prefácios, apresentações e/ou introduções que explicam a motivação da nova tradução, trazem explicações sobre o processo tradutório e informações hermenêuticas, além das notas de rodapé.

Entretanto, os paratextos das bíblias vulgatas não são, necessariamente, os mesmos nem são usados da mesma forma. Nota-se, também, que não há uniformidade no conteúdo das informações apresentadas em cada um deles. Por exemplo, informações sobre o processo de tradução podem vir expressas tanto em prefácios (como na *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*), quanto nas apresentações (como na *Nova Bíblia Viva*) ou ainda nas introduções (como na *Bíblia Judaica Completa*). A tabela a seguir apresenta alguns dos paratextos presentes nas traduções bíblicas vulgatas em análise, em ordem de apresentação.

**Tabela 3: Lista de paratextos presentes nas bíblias vulgatas**

<b>TÍTULO</b>	<b>PARATEXTOS</b>
<i>Nova Bíblia Viva</i> (2010)	Apresentação; Introdução aos (grupos de) livros bíblicos; Notas de rodapé
<i>Nova Tradução na Linguagem de Hoje</i> (2000)	Prefácio; Notas de rodapé; Glossário

<sup>23</sup>Por não tratar dos epitextos nessa pesquisa, sempre que me referir a “paratextos” estarei considerando apenas os peritextos.

<i>Nova Bíblia Pastoral</i> (2014)	Apresentação; Introdução aos (grupos de) livros bíblicos; Notas de rodapé
<i>Nova Versão Internacional</i> (2000)	Prefácio; Introdução; Notas de rodapé
<i>Nova Tradução na Linguagem de Hoje</i> – Edição Paulinas (2005)	Apresentação; Prefácio; Introdução aos (grupos de) livros bíblicos; Notas de rodapé; Glossário
<i>Bíblia Sagrada de Aparecida</i> (2006)	Apresentação; Notas de rodapé; Glossário
<i>Bíblia Judaica Completa</i> (2010)	Introdução; Notas de rodapé
<i>A Mensagem</i> (2011)	Prefácio; Introdução; Introdução aos (grupos de) livros bíblicos; Notas de rodapé
<i>Nova Versão Transformadora</i> (2016)	Apresentação; Introdução; Notas de rodapé

É válido destacar que os paratextos dessas bíblias dão visibilidade ao processo tradutório e, de modo geral, se prestam ao serviço, propositalmente ou não, de educar os leitores da Bíblia a lê-la como tradução. As apresentações, prefácios ou introduções, como dito, descrevem o processo tradutório em maior ou menor grau de detalhes. A Bíblia *A Mensagem*, traduzida por Eugene Peterson, e *Bíblia Judaica Completa*, traduzida por David H. Stern, trazem nesses textos informações autobiográficas sobre seus tradutores, suas experiências, motivações e anseios com as obras, concedendo-lhes, assim, ampla visibilidade; contrariamente, a *Bíblia Sagrada de Aparecida*, traduzida também por uma só pessoa, o Pe. José Raimundo Vidigal, apenas o menciona nos dados editoriais sem dar maiores detalhes sobre sua vida e experiência no assunto. As notas de rodapé, além de trazerem referências a passagens bíblicas correlatas, trazem informações contextuais da própria passagem e/ou do contexto histórico no qual está inserida, informações da crítica textual sobre variantes dos manuscritos e, inclusive, traduções alternativas, muitas delas literais, de palavras/trechos; destaque para a *Nova Bíblia Viva* e a *Nova Versão Transformadora* quanto a esse aspecto. Finalmente, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e a *Bíblia Sagrada de Aparecida* trazem, ainda, um glossário de termos bíblicos ao final da obra, a fim de intensificar o

potencial do projeto de tradução quanto à clareza e a compreensão da mensagem.

A *Nova Bíblia Pastoral* (2014), em sua Apresentação, diz: “[...] Continuamos, porém, no mesmo propósito de oferecer às comunidades uma tradução de fácil compreensão, com subtítulos, introduções e notas que auxiliem o entendimento e aplicação do texto bíblico [...]” (p. 5). Ao ler e traduzir a Bíblia, os sujeitos envolvidos precisam ter em mente, além do distanciamento linguístico, o distanciamento temporal, cultural, social, econômico e político da época em relação ao momento da tradução e da leitura. Há uma grande quantidade de informações contextuais extralinguísticas, sem as quais a pretensa compreensão do texto não pode ser plenamente alcançada em alguns casos, mesmo quando o texto foi traduzido pelo método dinâmico. Esses elementos paratextuais, portanto, são agregados às traduções visando preencher essas lacunas e podem dar autonomia ao leitor ou conduzi-lo a uma leitura já determinada, como é o caso, ainda, da *Nova Bíblia Pastoral*:

As introduções e notas aqui propostas derivam de um tipo de leitura de textos bíblicos, e querem ajudar as comunidades com uma hermenêutica que leve ao compromisso pessoal e comunitário para a transformação da mente e da sociedade. Não é a única leitura possível, e abordagens diferentes podem ser encontradas em outras edições (2014, p.5).

Essa postura responde a uma das críticas feitas às traduções bíblicas vulgatas: o significado do texto, ou sua “alteridade”, é plenamente transmitido quando compreendido à luz da tradição de sua comunidade de fé (KONINGS, 2009, p. 115). Nesse entendimento, as traduções bíblicas devem considerar o “mundo significativo da comunidade de fé” que pratica e conserva o (seu) sentido do texto. A *Nova Bíblia Pastoral*, assim como a *Bíblia Sagrada de Aparecida*, orientam a leitura de seus leitores de acordo com os preceitos hermenêuticos e os princípios de vida comunitária cristã desenvolvidos no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana. Esse recurso tem o aval de alguns críticos defensores da ideia de que “pensar que a Bíblia transmita sua verdade por si mesma é o pior dos fundamentalismos” e que, por isso, deve-se considerar o valor literário e o valor eclesial do texto bíblico como distintos (KONINGS, 2009, p. 114); a própria adjetivação da tradução como *Nova Bíblia Pastoral* deixa evidente o caráter eclesial da mesma.

No que diz respeito às notas de rodapé, percebe-se que este é um recurso bastante expressivo em traduções bíblicas vulgatas. Formalmente, uma nota trata de “um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento” (GENETTE, 2009, p. 281). Nas bíblias vulgatas, elas ocupam o rodapé das páginas, salvo no caso da *Nova Bíblia Pastoral* que, no livro dos *Salmos*, as traz na lateral para manter a formatação de versos do texto. Além de referências cruzadas de palavras/temas/passagens correlatas, as notas podem trazer explicações sobre as escolhas tradutórias e/ou outras possibilidades de tradução (geralmente literais). É o que acontece na *Nova Versão Transformadora*. A Introdução dessa tradução diz que: “quando, por uma questão de clareza, a NVT traduz de forma dinâmica uma frase difícil ou que pode causar confusão, geralmente acrescentamos uma nota de rodapé, permitindo que o leitor veja a fonte literal” (BÍBLIA, 2016, p. xi). De forma semelhante, a Apresentação à *Nova Bíblia Pastoral* diz que:

a tradução, feita a partir das línguas originais, procura ser a mais simples possível, sem no entanto descuidar de elementos importantes do texto bíblico, como termos que não são tão fáceis de entender, mas que são explicados em notas. O desafio é utilizar palavras de fácil compreensão sem esconder a riqueza do texto. [...] As notas procuram ser pastorais e oferecer informações essenciais para ajudar na compreensão e atualização do texto. Dependendo do bloco em questão, algumas notas são mais técnicas, outras mais interpretativas (2014, p. 5).

De acordo com as citações acima, as notas servem para evidenciar elementos da tradução: outras escolhas tradutórias possíveis podem ser apresentadas, assim como a justificativa para a escolha presente no texto e, inclusive, informações sobre as fontes manuscritas escolhidas em trechos de variantes. As notas concedem, assim, visibilidade ao fenômeno tradutório, embora, é preciso reafirmar que algumas traduções exploram muito mais esse recurso paratextual do que outras. Na edição de 2012 da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, edição “Fonte de bênçãos<sup>24</sup>”, as notas de rodapé mais comuns são as que

---

<sup>24</sup> Há uma ampla variedade de formatos editoriais das traduções bíblicas. Às traduções podem vir agregados vários materiais de apoio, de orientação



indicam referências a passagens bíblicas correlatas. Por outro lado, em outras traduções, elas são usadas também para propor uma abordagem hermenêutica a um texto ou para explicar questões hermenêuticas e/ou teológicas que podem surgir a partir da decisão por uma ou outra escolha tradutória. Como exemplo, cito a *Nova Versão Transformadora*, cujos tradutores lançaram mão das notas para oferecer traduções alternativas de passagens cujo significado é considerado “controverso” (BÍBLIA, 2016, p. xi). É o caso, por exemplo, da passagem de *Atos dos Apóstolos* 1:5 onde se lê na tradução “João batizou com água, mas dentre poucos dias [*sic*] vocês serão batizados com o Espírito Santo”. A respectiva nota de rodapé apresenta “em” como outra opção de tradução da preposição grega *év* traduzida no texto por “com” (BÍBLIA, 2016, p. 915); a preferência por uma ou outra dessas opções pode servir de base para compreensões teológicas distintas sobre formas de batismo<sup>25</sup>. Assim, a *Nova Versão Transformadora* se exime da responsabilidade de emitir uma posição frente à controvérsia do texto, transferindo-a ao leitor.

Segundo adeptos da Teoria da Relevância, os leitores nem sempre possuem conhecimento prévio para acessar as informações do texto e, assim, compreendê-lo. Essa teoria postula que a compreensão de um enunciado por parte do leitor não se dá apenas pela sua destreza com as estruturas morfossintáticas e/ou fonológicas da língua, mas, sobretudo, por acionar parte das informações disponíveis em seu ambiente cognitivo, seja pela percepção, memória ou inferência. Assim, uma

---

religiosa e/ou confessional, caso, por exemplo, das chamadas “bíblias de estudo” e “temáticas”, como a “Bíblia da Mulher”, “Bíblia do Adolescente Radical”, entre outros. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, edição “Fonte de bênçãos” (2012), se caracteriza por destacar em cor azul as passagens bíblicas que envolvem promessas de bênçãos àqueles que são da fé. O leitor verificará, inclusive, que cito duas edições dessa tradução ao longo do trabalho (2009 e 2012), pois a apresentação da edição mais antiga é mais rica em informações sobre a tradução do que a da segunda.

<sup>25</sup> Essa discussão fica evidente na defesa que faz o teólogo John Stott em prol da tradução por “com”. Diz ele: “[...] A expressão que escolhemos depende da nossa convicção, se o batismo de água deve ser administrado por imersão ou por aspersão. Os que praticam a imersão falam do batismo *no* Espírito, provavelmente porque vêem o Espírito como um elemento no qual somos imersos. Porém, já que a Bíblia diz que as pessoas são ‘batizadas’ com o Espírito Santo quando ele é ‘derramado’ sobre elas, o ‘batismo *com* o Espírito’ parece ser preferível” (2007, p. 43).

informação se torna relevante quando as novas informações se relacionam com as anteriores ocorrem processos inferenciais e um efeito cognitivo (GUTT, 2006, p. 37-38). No caso da Bíblia, em particular, tendo em vista os distanciamentos já mencionados anteriormente, essa dificuldade fica bem exposta. As mudanças linguísticas provocadas pelo método de tradução dinâmica não são suficientes para resolver tal demanda, pois os ambientes cognitivos do leitor-fonte e do leitor-alvo são diferentes, segundo Gutt. Para tal problema, o autor propõe duas alternativas: ajustar a interpretação do texto (como se faz nas paráfrases) ou ajustar o ambiente cognitivo; para a segunda, ele considera a necessidade do estabelecimento de um “letramento bíblico”, como uma estratégia de comunicação bíblica (2006, p. 49-53). Os elementos paratextuais apresentados aqui se prestam a esse papel, principalmente nas traduções que se servem das notas de rodapé para propor abordagens hermenêuticas (principalmente *Nova Bíblia Pastoral* e *Bíblia Sagrada de Aparecida*) e/ou para apresentar elementos de cunho contextual (como a *Nova Versão Transformadora* e a *Nova Bíblia Viva*), permitindo aos leitores conhecerem informações que faziam parte apenas do ambiente cognitivo do leitor-fonte e não são apreendidas da materialidade linguística do texto.

#### **2.4. A sensibilidade da tradução bíblica**

Nesse capítulo, a descrição das características elementares das traduções bíblicas vulgatas esteve acompanhada não só dos fundamentos teórico-metodológicos que sustentam o projeto tradutório em questão, mas também de reflexões, muitas vezes, contrárias a ele. Se, nas palavras de Campos (2004, p. 10), tradução é o campo da “confusão”, dada a variedade de postulados e métodos, não seria diferente com a tradução bíblica. Nesse particular, as tensões que naturalmente cercam o fenômeno tradutório são intensificadas pelo fato de a Bíblia ser considerada um “texto sensível” para leitura e tradução. De acordo com Karl Simms (1997, p. 3), todo texto é potencialmente sensível a depender das contingências históricas e culturais que o circundam. Os principais grupos de textos sensíveis são os que se opõem a assuntos relacionados ao governo, a religião, ao pudor ou a pessoas em particular (SIMMS, 1997, p. 5). Portanto, é a reação de cada leitor ao texto que evidencia essa sensibilidade, pois “a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como ele é visto. A sensibilidade não é, portanto, uma propriedade imanente do texto” (GOHN, 2001, p. 149).

Por essa razão, a tradução bíblica, como a tradução de textos religiosos em geral, sempre foi controversa. “[...] Diferentemente do que pode ocorrer com a maioria de outros tipos de texto, há um grande envolvimento emocional por parte dos usuários e reações extremadas dos ouvintes/leitores podem ser esperadas” (GOHN, 2001, p. 149). Uma vez que a maior parte dos leitores tem acesso a esses textos por meio da tradução, a reação dos mesmos pode ser tanto de acolhimento quanto de rejeição. Como explica Lopes,

Por um lado, tem-se um objeto quase que ‘intocável’, que não pode ser burlado ou defraudado, por outro, verifica-se a tradução como uma ferramenta que ‘toca’ essa modalidade de texto e, por assim fazê-lo, sujeita-se à total sacralização ou à total desmoralização (2008, p. 34).

No que diz respeito a qualquer tipo de modificação feita no texto, essas reações são esperadas não só por parte dos leitores, mas também dos pesquisadores. Segundo Gohn,

[...] prevalece na mente de muitos a ideia de que o texto bíblico foi transmitido, palavra por palavra, pela divindade e de que, portanto, a redação (a que já estão acostumados e que, por isso, adquire um caráter de “original”) é intocável. Essa ideia “contamina” o modo como as traduções do texto são vistas. Explica-se assim a dificuldade em se aceitar mudanças, o que provoca resistências muito fortes, às vezes, entre os próprios pesquisadores (2001, p. 150)

As diferentes formas de apropriação do texto bíblico por parte de seus leitores acabam por suscitar críticas, as mais diversas, a respeito dos projetos tradutórios realizados que, como vimos, são abundantes no Brasil. Diferentes formas de encarar o texto bíblico suscitam diferentes formas de traduzi-lo, as quais nem sempre são harmônicas e acabam por gerar conflitos ideológicos entre os leitores dessas traduções. Nesse sentido, é válido considerar que

a Bíblia é tanto marcada por sua historicidade como por sua atemporalidade. Para seus leitores, ela tanto é um discurso circunscrito em tempo e espaço, e específico, como é um conjunto de verdades atemporais e relevantes para o homem, independentemente de época ou de lugar. A partir

daí, pode-se concluir que traduções que preservam historicidade tendem a ser mais literais, e traduções que preservam atemporalidade tendem a ser mais livres e a destacar, sobretudo, a relevância eterna do discurso religioso (NEVES; LOPES, 2016, p. 217).

Como vimos até aqui, do literalismo inicial, passando pelo primado da *Vulgata* e pelas primeiras traduções vernaculares (e seus mártires), até chegar às bíblias vulgatas apresentadas nessa pesquisa, grandes embates já foram travados no campo dos Estudos da Tradução aplicados ao texto bíblico. As discussões apresentadas nesse trabalho evidenciam essa sensibilidade. Ao confrontar a hegemonia da *Vulgata*, além dos fatores políticos envolvidos, Lutero foi criticado por fugir da linguagem estabelecida como canônica e, por isso, sua tradução seria um tipo de blasfêmia. Não sendo diferente nos dias atuais, em perdurando a recepção de algumas traduções bíblicas como canônicas, “o próprio original”, na língua de chegada (QUEIROZ, 2007, p. 44), e o desenvolvimento das pesquisas e reflexões sobre o fenômeno da tradução, as divergências entre leitores e pesquisadores, tal como apresentadas aqui, parecem ainda longe de serem resolvidas. No capítulo a seguir, analisarei a tradução da passagem de *Romanos 5* em três bíblias vulgatas: a *Nova Bíblia Pastoral*, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e a *Bíblia Judaica Completa*. A análise evidenciará as estratégias tradutórias empregadas nesses trabalhos, razão de muitas das reações controversas que circundam essas bíblias.

### 3. ANÁLISE TEXTUAL DE BÍBLIAS VULGATAS

A partir dos dois capítulos anteriores, discorri, até o momento, sobre os aspectos históricos e extratextuais que circundam as bíblias vulgatas. A intenção remonta, no mínimo, às primeiras traduções para as línguas vernaculares feitas na Idade Média e encontra fôlego diante das descobertas de manuscritos mais antigos que os conhecidos até o século XIX, os quais apontavam para um registro coloquial da linguagem do texto-fonte favorecedor da disseminação da mensagem entre os ouvintes e leitores. A partir dessa motivação, sociedades bíblicas e editoras cristãs empreenderam esforços para produzir as bíblias vulgatas, as quais possuem um projeto tradutório caracterizado, em suma, pelo uso de registro de linguagem coloquial, pautadas no método de equivalência dinâmica e cujo foco é o (possível) leitor.

No entanto, no intento de discutir com mais propriedade sobre as estratégias tradutórias empregadas nessas traduções, faz-se necessário analisar o texto-alvo. Portanto, esse capítulo tem por objetivo apresentar a análise textual de um excerto em comum de três exemplares de bíblias vulgatas. Diante da extensão da obra, não é possível, dadas as limitações dessa pesquisa, realizar a análise completa da mesma, muito menos de todas as edições catalogadas. Por essa razão, o recorte do *corpus* foi realizado a partir de três variáveis: a relevância das traduções para os ramos cristãos aos quais pertencem, meu nível de instrução nas línguas bíblicas e a relevância do texto bíblico escolhido.

Segundo a catalogação apresentada na Tabela 1, no primeiro capítulo (cf. pg. 49), há 10 bíblias vulgatas integrais (sem contar as revisões), mais um Novo Testamento, pertencentes a três ramos do cristianismo: protestantismo, catolicismo romano e judaísmo-messiânico. Assim, aplicando a primeira variável metodológica dessa pesquisa, selecionei a edição mais recente da primeira bíblia vulgata de cada um desses ramos: a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2000), protestante; a *Nova Bíblia Pastoral* (2014), católica romana; e a *Bíblia Judaica Completa* (2010), judaico-messiânica.

Selecionadas as traduções, o recorte seguinte foi realizado com respeito às línguas originais. Dentre o hebraico, aramaico e o grego, possuo instrução (ainda que em caráter instrumental) neste último idioma, no qual foi escrito o Novo Testamento cristão. Nesta pesquisa, tomou-se o *Novo Testamento Interlinear Analítico*, aparato crítico de Gomes e Olivetti (2015), como texto-fonte ou texto-padrão, somado a léxicos grego-português, gramáticas de grego e livros de exegese

bíblica, os quais auxiliaram na análise textual da língua de partida. Essa obra foi compilada a partir do Texto Majoritário, com base no *The Greek New Testament According to the Majority Text Second Edition* de Zane Hodges e Arthur Farstad, publicado nos Estados Unidos pela Editora Thomas Nelson em 1985. Segundo os editores, essa obra promove o retorno ao método gramático-histórico de interpretação bíblica e se caracteriza pela determinação ao texto e identificação acurada das discrepâncias com e entre outras edições críticas do *Texto Recebido* e do *Texto Crítico*, de Nestle-Aland.

Finalmente, aplicando a terceira variável, a relevância do texto bíblico escolhido, delimitei como *corpus* de análise o capítulo 5 da epístola do apóstolo Paulo aos romanos, formado por vinte e um versículos. A relevância dessa carta consiste em seu conteúdo expositivo dos pilares da fé, importantes para a compreensão básica da mensagem cristã. Por conseguinte, a importância dessa carta é exaltada por teólogos como, por exemplo, João Calvino, sobre a qual diz que “se porventura conseguirmos atingir uma genuína compreensão desta Epístola, teremos aberto uma amplíssima porta de acesso aos mais profundos tesouros da Escritura” (2014, p. 31). O texto bíblico que será analisado é um dos pontos-chave da argumentação tecida pelo autor para expor a doutrina cristã da salvação, ou seja, a de que todos os homens, uma vez culpados diante de Deus e condenados por seus pecados à ira divina, podem alcançar salvação pela fé na suficiência do sacrifício expiatório feito pelo Cristo.

A fim de melhor apreender a mensagem do texto-fonte, realizei a tradução da passagem bíblica escolhida como *corpus*. Nessa tradução, mantive lado a lado as possibilidades de tradução dos vocábulos gregos, principalmente quanto às nuances de aspecto verbal da língua, as quais nem sempre são evidentes em português. Entre parênteses, evidenciei algumas omissões comuns ao texto grego. Assim, o texto não se apresenta esteticamente organizado, pois não se propõe a ser uma tradução como as demais que serão analisadas, nem será ela objeto de análise nesse trabalho. O objetivo é que seja apenas um guia à compreensão literal e formal do texto-fonte, principalmente aos que não possuem proficiência leitora no idioma. O texto em grego, acompanhado da tradução literal feita por mim, está disposto como segue:

**Tabela 4: Texto-fonte de Romanos 5 e tradução literal**

<b>Texto-fonte</b>	<b>Tradução literal</b>
<p><sup>1</sup>Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως, εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν θεὸν διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ,</p>	<p><sup>1</sup>(Depois de) justificados portanto pela fé, paz temos com o Deus por meio do Senhor nosso Jesus Cristo,</p>
<p><sup>2</sup>δι' οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχίκαμεν τῇ πίστει εἰς τὴν χάριν ταύτην ἐν ἣ ἑστήκαμεν, καὶ καυχώμεθα ἐπ' ἐλπίδι τῆς</p>	<p><sup>2</sup>por causa de quem também acesso/meio de aproximação temos tido pela fé em esta graça em a qual (temos) estado firmes, e continuamos a nos gloriar/nos gloriamos na esperança da glória de Deus.</p>
<p><sup>3</sup>οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν, εἰδότες ὅτι ἡ θλίψις ὑπομονὴν κατεργάζεται,</p>	<p><sup>3</sup>Não somente e, mas também continuamos a nos gloriar/nos gloriamos em as tribulações/os sofrimentos, depois de/tem sido conhecidos porque a tribulação/o sofrimento paciência perseverante está produzindo/sendo produzida/produz,</p>
<p><sup>4</sup>ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμὴν, ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα.</p>	<p><sup>4</sup>e a paciência perseverante (está produzindo/sendo produzida/produz) a qualidade de ser aprovado/caráter e a qualidade de ser aprovado/caráter (está produzindo/sendo produzida/produz) a esperança.</p>
<p><sup>5</sup>Ἡ δὲ ἐλπίς οὐ κατασχύνει, ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν.</p>	<p><sup>5</sup>E a esperança não envergonha publicamente, porque o amor de Deus está completamente derramado em os corações nossos por meio do Espírito Santo (depois de) dado a nós.</p>

<p><sup>6</sup> Ἔτι γὰρ Χριστὸς, ὄντων ἡμῶν ἀσθενῶν, ἔτι κατὰ καιρὸν ὑπὲρ ἀσεβῶν ἀπέθανεν.</p>	<p><sup>6</sup>De fato/Pois Cristo, enquanto éramos/sendo nós fracos, em tempo em prol dos ímpios morreu.</p>
<p><sup>7</sup>Μόλις γὰρ ὑπὲρ δικαίου τις ἀποθάνειται, ὑπὲρ γὰρ τοῦ ἀγαθοῦ τάχα τις καὶ τολμᾷ ἀποθανεῖν.</p>	<p><sup>7</sup>Difícilmente/Com dificuldade pois em prol de um cidadão-modelo/justo/reto alguém morrerá, pois pelo/em favor do bom provavelmente alguém e ouse morrer.</p>
<p><sup>8</sup>Συνίστησιν δὲ τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεὸς, ὅτι ἔτι ἀμαρτωλῶν ὄντων ἡμῶν, Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν.</p>	<p><sup>8</sup>Mas demonstra o amor dele mesmo nos (a nós) o Deus, porque ainda pecadores sendo nós, Cristo por nós/em nosso favor morreu.</p>
<p><sup>9</sup>Πολλῶ οὖν μᾶλλον, δικαιωθέντες νῦν ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ, σωθησόμεθα δι' αὐτοῦ ἀπὸ τῆς ὀργῆς.</p>	<p><sup>9</sup>Portanto, muito mais, (depois de) justificados agora pelo sangue dele, seremos salvos através dele para fora/longe da ira.</p>
<p><sup>10</sup>Εἰ γὰρ ἐχθροὶ ὄντες κατηλλάγημεν τῷ θεῷ διὰ τοῦ θανάτου τοῦ Υἱοῦ αὐτοῦ, πολλῶ μᾶλλον καταλλαγέντες σωθησόμεθα ἐν τῇ ζωῇ αὐτοῦ.</p>	<p><sup>10</sup>Se pois inimigos sendo fomos reconciliados com Deus por meio da morte do Filho dele, muito mais (depois de) reconciliados seremos salvos pela vida dele.</p>
<p><sup>11</sup>Οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμενοι ἐν τῷ θεῷ διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, δι' οὗ νῦν τὴν καταλλαγὴν ἐλάβομεν.</p>	<p><sup>11</sup>Não somente e, porém também gloriando em Deus por meio do Senhor nosso Jesus Cristo, por causa de quem agora reconciliação recebemos.</p>



<p><sup>12</sup>Διὰ τοῦτο, ὥσπερ δι' ἑνὸς ἀνθρώπου ἡ ἁμαρτία εἰς τὸν κόσμον εἰσῆλθε, καὶ διὰ τῆς ἁμαρτίας ὁ θάνατος, καὶ οὕτως εἰς πάντα ἀνθρώπους ὁ θάνατος διῆλθεν, ἐφ' ᾧ πάντες ἥμαρτον.</p>	<p><sup>12</sup>Por meio (este), assim como por único homem o pecado em o mundo entrou, também por causa do pecado (entrou) a morte, também dessa forma para (dentro de) cada homem/todos os homens a morte passou (pelo meio/atravesou), por causa de que cada um pecou/todos pecaram.</p>
<p><sup>13</sup>Ἄχρι γὰρ νόμου ἁμαρτία ἦν ἐν κόσμῳ, ἁμαρτία δὲ οὐκ ἔλλογεῖται, μὴ ὄντος νόμου.</p>	<p><sup>13</sup>Antes pois da lei o pecado estava no mundo, o pecado mas não está sendo colocado na conta não sendo da lei.</p>
<p><sup>14</sup>Ἄλλ' ἐβασίλευσεν ὁ θάνατος ἀπὸ Ἀδάμ μέχρι Μωϋσέως καὶ ἐπὶ τοὺς μὴ ἁμαρτήσαντας ἐπὶ τῷ ὁμοιώματι τῆς παραβάσεως Ἀδάμ, ὅς ἐστιν τύπος τοῦ μέλλοντος.</p>	<p><sup>14</sup>Mas reinou a morte de/a partir de Adão até Moisés também sobre os que não tem estado pecado pela semelhança da transgressão (de) Adão, o qual é forma/padrão/modelo daquele é vindo.</p>
<p><sup>15</sup>Ἄλλ' οὐχ ὡς τὸ παράπτωμα, οὕτω καὶ τὸ χάρισμα. Εἰ γὰρ τῷ τοῦ ἑνὸς παραπτώματι οἱ πολλοὶ ἀπέθανον, πολλῶ μᾶλλον ἢ χάρις τοῦ θεοῦ καὶ ἡ δωρεὰ ἐν χάριτι τῇ τοῦ ἑνὸς ἀνθρώπου Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς τοὺς πολλοὺς ἐπερίσσευσε.</p>	<p><sup>15</sup>Mas não assim como a transgressão, portanto também a graça/o favor. Se então por meio de única transgressão os muitos morreram, muito mais a graça/o favor de Deus também o presente/a dádiva por meio da graça/do favor de único homem Jesus Cristo nos muitos abundou mais que suficiente.</p>

<p><sup>16</sup>Καὶ οὐχ ὡς δι' ἐνὸς ἁμαρτήσαντος, τὸ δῶρημα· τὸ μὲν γὰρ κρίμα ἐξ ἐνὸς εἰς κατάκριμα, τὸ δὲ χάρισμα ἐκ πολλῶν παραπτωμάτων εἰς δικαίωμα.</p>	<p><sup>16</sup>Também não assim como por causa de único que tem estado pecado/ pecou o presente/a dádiva; por um lado pois julgamento/sentença de único (homem) em condenação, por outro lado a graça/o favor (de único homem) a partir de muitas transgressões (abundou mais que suficiente) em justificação.</p>
<p><sup>17</sup>Εἰ γὰρ τῷ τοῦ ἐνὸς παραπτώματι ὁ θάνατος ἐβασίλευσεν διὰ τοῦ ἐνός, πολλῶ μᾶλλον οἱ τὴν περισσεῖαν τῆς χάριτος καὶ τῆς δωρεᾶς τῆς δικαιοσύνης λαμβάνοντες ἐν ζωῇ βασιλεύσουσιν διὰ τοῦ ἐνός Ἰησοῦ Χριστοῦ.</p>	<p><sup>17</sup>Se pois por única transgressão a morte reinou por causa de único (homem), muito mais pela abundância da graça/do favor e da dávida/do presente da justiça recebendo/enquanto recebeu em vida reinará por meio de único (homem) Jesus Cristo.</p>
<p><sup>18</sup>Ἄρα οὖν ὡς δι' ἐνὸς παραπτώματος εἰς πάντας ἀνθρώπους εἰς κατάκριμα, οὕτως καὶ δι' ἐνός δικαίωματος εἰς πάντας ἀνθρώπους εἰς δικαίωσιν ζωῆς.</p>	<p><sup>18</sup>Portanto assim como por única transgressão todos os homens em condenação, assim também por único ato de justiça em todos os homens para justificação vida.</p>
<p><sup>19</sup>Ὡσπερ γὰρ διὰ τῆς παρακοῆς τοῦ ἐνός ἀνθρώπου ἁμαρτωλοὶ κατεστάθησαν οἱ πολλοί, οὕτως καὶ διὰ τῆς ὑπακοῆς τοῦ ἐνός δίκαιοι κατασταθήσονται οἱ πολλοί.</p>	<p><sup>19</sup>Assim como pois pela indisposição para ouvir/desobediência de único homem pecadores foram constituídos os muitos, assim também pela obediência de único (homem) justos serão constituídos os muitos.</p>
<p><sup>20</sup>Νόμος δὲ παρεισήλθεν ἵνα πλεονάσῃ τὸ παράπτωμα. Οὗ δὲ ἐπλεόνασεν ἢ ἁμαρτία, ὑπερεπερίσσευσεν ἢ χάρις,</p>	<p><sup>20</sup>Mas a lei existiu a fim de que pudesse tornar maior/crescesse a transgressão. Onde tornou maior/cresceu o pecado, transbordou o dom da graça,</p>

<p><sup>21</sup>ἵνα ὡσπερ ἐβασίλευσεν ἡ ἁμαρτία ἐν τῷ θανάτῳ, οὕτως καὶ ἡ χάρις βασιλεύσῃ διὰ δικαιοσύνης εἰς ζωὴν αἰώνιον διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν.</p>	<p><sup>21</sup>a fim de que assim como reinou o pecado pela morte, assim também o dom da graça pudesse reinar pela justiça pela vida eterna em Jesus Cristo o Senhor nosso.</p>
---	--

A análise das traduções bíblicas vulgatas se deu a partir do reconhecimento das estratégias tradutórias, discutidas à luz das características do projeto tradutório examinadas no capítulo 2 e de reflexões teóricas pertinentes oriundas de diferentes perspectivas: linguística, descritiva, funcionalista e a dos polissistemas. Nessa ordem, tais fundamentos teórico-metodológicos permitiram a realização de uma análise que parte da esfera microtextual (aspectos linguísticos e estruturais) e que alcança a esfera macrotextual da tradução (a relação de uma tradução com o sistema literário/editorial de recepção e suas influências).

Com essa orientação, a apresentação da análise do texto foi organizada a partir de 3 categorias. A primeira abarca as questões ligadas ao contexto funcional, que diz respeito à caracterização de cada tradução e à função pretendida pelo(s) seu(s) tradutor(es). A segunda, por sua vez, contempla o contexto linguístico, que diz respeito às estratégias tradutórias atuantes sobre os aspectos linguístico-formais. A terceira trata do contexto sistêmico, que trata da forma como cada tradução analisada se apresenta no sistema literário/editorial de sua linha doutrinária e/ou no cenário bíblico como todo. Os excertos analisados serão dispostos na seguinte ordem: primeiro, o texto grego; depois, a tradução literal realizada por mim; e por fim, as traduções conforme as bíblias mencionadas acima.

### 3.1. Nova Bíblia Pastoral

A *Nova Bíblia Pastoral* é uma bíblica católica, publicada em 2014 pela Editora Paulus. Conforme a Apresentação da tradução, trata-se de um novo projeto tradutório e editorial, realizado a partir do que foi feito na *Bíblia Pastoral*, publicada em 1990 (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 5). Segundo Raupp (2015, p. 96), a *Bíblia Pastoral*, por ocasião de sua publicação, “é a primeira iniciativa da Igreja Católica no Brasil em produzir uma tradução completa da Bíblia em linguagem simples e acessível ao grande público”. Ambas as

publicações, traduzidas a partir das línguas originais, se caracterizam pela presença de notas de cunho hermenêutico-teológico, já que deveriam ser usadas nas comunidades de fé católicas. Assim, diz a Apresentação da tradução mais recente, como já citado anteriormente:

Continuamos, porém, no mesmo propósito de oferecer às comunidades uma tradução de fácil compreensão, com subtítulos, introduções e notas que auxiliem o entendimento e aplicação do texto bíblico nos grupos de estudo, na reflexão, na catequese, na oração, na vivência pessoal e comunitária (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 5).

De acordo com as informações editoriais da *Nova Bíblia Pastoral*, os tradutores responsáveis pela obra foram o Pe. Antonio Carlos Frizzo, Donizete Scardelai, José Ademar Kaefer, Luiz Gonzaga do Prado, Pedro Lima Vasconcellos e o Pe. Paulo Bazaglia, sob direção editorial e revisão exegética deste último e revisão literária do Pe. José Dias Goulart. Cada tradutor ficou encarregado da tradução de mais de um livro bíblico, e cada livro foi traduzido por apenas um tradutor. Outras pessoas estiveram envolvidas na revisão da tradução e das notas da maioria dos livros do Antigo Testamento: Luiz José Dietrich, Maria Antônia Marques, Rafael Rodrigues, Shigeyuki Nakanose, além do já citado José Ademar Kaefer. Quanto à revisão dos textos e notas dos livros neotestamentários, não há qualquer informação no paratexto.

Nessa obra, *Romanos 5* foi traduzido da seguinte forma:

<sup>1</sup>Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. <sup>2</sup>Por meio dele, através da fé, tivemos acesso a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus. <sup>3</sup>Mas não apenas isso. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, <sup>4</sup>a perseverança produz a experiência comprovada, a experiência comprovada produz a esperança. <sup>5</sup>E a esperança não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. <sup>6</sup>De fato, quando ainda éramos fracos, Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios. <sup>7</sup>Ora, dificilmente se encontra quem esteja disposto a morrer em favor de um justo. Talvez alguém até se disponha a morrer em favor

de uma pessoa de bem. <sup>8</sup>No entanto, Deus demonstra seu amor por nós, pois Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores. <sup>9</sup>Quanto mais agora, então, justificados por seu sangue, seremos por ele salvos da ira. <sup>10</sup>De fato, se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele por meio da morte do seu Filho, muito mais agora, reconciliados, seremos salvos por meio da sua vida. <sup>11</sup>Mas não apenas isso. Nós também nos gloriamos em Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, através de quem recebemos agora a reconciliação.

<sup>12</sup>Portanto, como o pecado entrou no mundo por meio de um só homem, e pelo pecado veio a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. <sup>13</sup>De fato, antes de chegar a Lei, o pecado já estava no mundo. Mas quando não existe Lei, o pecado não é levado em conta. <sup>14</sup>No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, também sobre aqueles que não tinham pecado com alguma transgressão como a de Adão, o qual é figura daquele que devia vir. <sup>15</sup>Mas o dom não é como a falta. Pois se todos morreram pela falta de um só, com muito maior abundância a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre a multidão.

<sup>16</sup>Também não acontece com o dom o mesmo que aconteceu com a falta de um só; porque o julgamento de um só resultou em condenação, ao passo que a graça, a partir de muitas faltas, teve como resultado a justificação. <sup>17</sup>De fato, se pela falta de um só a morte reinou por meio daquele único homem, muito mais reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo, os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça.

<sup>18</sup>Portanto, assim como pela falta de um só veio a condenação de todos, do mesmo modo, pela obra de justiça de um só veio para todos a justificação que traz a vida. <sup>19</sup>Tal como, de fato, pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos.

<sup>20</sup>A Lei veio para que a falta crescesse. Mas onde cresceu o pecado, a graça cresceu muito mais. <sup>21</sup>E assim, tal como o pecado tinha reinado na morte,

também a graça reine por meio da justiça para a vida eterna, através de Jesus Cristo nosso Senhor (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1373-1374).

Em seu contexto linguístico, a *Nova Bíblia Pastoral*, enquanto bíblia vulgata, mostra preferência pela organização estrutural do texto em detrimento à clareza lexical dos termos utilizados. Em primeiro lugar, observa-se, no trecho analisado, a segmentação do texto em vários períodos sintáticos simples. Salvo os versículos 3 e 4, cada um dos demais é formado por um ou mais períodos simples, evitando orações subordinadas e apostos, frequentes no texto-fonte. É o caso do versículo 13 redigido da seguinte forma: “De fato, antes de chegar a Lei, o pecado já estava no mundo. Mas quando não existe lei, o pecado não é levado em conta” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1374). A título de comparação, a *Almeida Revista e Atualizada* (2009a, p. 1140), considerada como tradução formal, traz a redação desse versículo em um período composto: “Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei”. Essa estratégia é recorrente, sendo aplicada em outros trechos do texto bíblico. Na epístola aos *Efésios*, por exemplo, todo o trecho do capítulo primeiro entre os versículos três e catorze é redigido, no texto-fonte, em um único período sintático repleto de orações subordinadas. Na tradução da *Nova Bíblia Pastoral*, o mesmo se apresenta segmentado em oito períodos, em sua maioria também compostos, como o texto-fonte. Há, inclusive, uma nota de rodapé que informa o leitor dessa característica do texto grego, mas não se atém a detalhes tradutórios, apenas aos meramente hermenêuticos.

Ainda, vale salientar que as estratégias linguísticas não são aplicadas de modo isolado ou independente. Arelada à fragmentação sintática do texto em períodos menores está a preferência pela ordem direta das orações. O texto-fonte foi redigido na ordem complemento – sujeito – verbo (CSV) ou, ainda, na ordem sujeito – complemento – verbo (SCV). A tradução, por sua vez, organiza as orações em sujeito – verbo – complemento (SVC). É o que se apresenta, por exemplo, nos versículos sete e oito:

**Tabela 5: Tradução de Romanos 5:7-8 – Nova Bíblia Pastoral**

<b>Texto-fonte</b>	<p><sup>7</sup>Μόλις γὰρ ὑπὲρ δικαίου τις ἀποθανεῖται, ὑπὲρ γὰρ τοῦ ἀγαθοῦ τάχα τις καὶ τολμᾷ ἀποθανεῖν. <sup>8</sup>Συνίστησιν δὲ τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεὸς, ὅτι ἔτι ἁμαρτωλῶν ὄντων ἡμῶν, Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν.</p>
<b>Tradução literal</b>	<p><sup>7</sup>Difícilmente/Com dificuldade, pois em prol de um cidadão-modelo/justo/reto alguém morrerá, pois pelo/em favor do bom provavelmente alguém ouse morrer. <sup>8</sup>Mas demonstra o amor dele mesmo nos (a nós) o Deus, porque ainda pecadores sendo nós, Cristo por nós/em nosso favor morreu.</p>
<b>Nova Bíblia Pastoral</b>	<p><sup>7</sup>Ora, dificilmente se encontra quem esteja disposto a morrer em favor de um justo. Talvez alguém até se disponha a morrer em favor de uma pessoa de bem. <sup>8</sup>No entanto, Deus demonstra seu amor por nós, pois Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores.</p>

Nos versículos em questão, o texto-fonte se apresenta na ordem CSV (“... em prol de um justo alguém morrerá...”), VCS (“Mas demonstra o amor dele mesmo a nós o Deus...”) ou, ainda, SCV (“...Cristo por nós/em nosso favor morreu”). Mas a tradução, além de fragmentar o versículo sete em dois períodos sintáticos, ordena as orações de ambos de forma direta (“Talvez alguém até se disponha a morrer em favor de uma pessoa de bem” e “Deus demonstra seu amor por nós...”, por exemplo). Em suma, a fragmentação do material linguístico (não só em termos sintáticos, mas, conseqüentemente, também quanto ao uso dos sinais de pontuação) e a estruturação das orações em ordem direta colaboram, enquanto estratégias tradutórias, para a fluidez da leitura/escuta e a conseqüente progressão do pensamento, do encadeamento das ideias por parte do leitor/ouvinte do texto apelando à memória de curto prazo deste.

Além disso, a organização das orações é realizada a fim de causar uma elaboração do tópico discursivo em alguns versículos. Na passagem bíblica em questão, a argumentação construída pelo autor se estabelece,

dentre outros recursos, em torno de relações de causa e consequência. Vejamos, portanto, a título de exemplo o versículo 15:

**Tabela 6: Tradução de Romanos 5: 15 – Nova Bíblia Pastoral**

<b>Texto-fonte</b>	<p><sup>15</sup><u>Ἀλλ' οὐχ ὡς τὸ παράπτωμα, οὕτω καὶ τὸ χάρισμα.</u> Εἰ γάρ τῶτοῦ ἑνὸς παραπτώματι οἱ πολλοὶ ἀπέθανον, πολλῶ μᾶλλον ἡ χάρις τοῦ θεοῦ καὶ ἡ δωρεὰ ἐν χάριτι τῆ τοῦ ἑνὸς ἀνθρώπου Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς τοὺς πολλοὺς ἐπερίσσευσε.</p>
<b>Tradução literal</b>	<p><sup>15</sup><u>Mas não assim como a transgressão, portanto também a graça/o favor.</u> Se então por meio de única transgressão os muitos morreram, muito mais a graça/o favor de Deus também o presente/a dádiva por meio da graça/do favor de único homem Jesus Cristo nos muitos abundou mais que suficiente.</p>
<b>Nova Bíblia Pastoral</b>	<p><sup>15</sup><u>Mas o dom não é como a falta.</u> Pois se todos morreram pela falta de um só, com muito maior abundância a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre a multidão.</p>

Nesse caso, nota-se que o texto-fonte mantém o tópico discursivo com foco sobre o assunto da transgressão e sua consequência em paralelo à graça divina e sua consequência. O versículo em grego coloca a transgressão em primeiro plano desde o início: “Mas não assim como a transgressão, portanto também a graça/o favor”. Entretanto, a tradução da *Nova Bíblia Pastoral* inverte a ordem dos termos das orações, focalizando o tópico discursivo nas bênçãos, conforme explícito na primeira sentença do versículo (“Mas o dom não é como a falta [...]”). Além disso, observa-se que o paralelismo do texto-fonte marcado pela expressão “por meio de” foi omitido na última sentença (“com muito maior abundância a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derramaram sobre a multidão”), expressando o meio de aquisição da bênção como a bênção em si, o que, apesar de diferente, não fere o sentido do texto. Enquanto a discussão das razões



da escolha dessa estratégia tradutória não passa de especulação (uma vez que não há nenhum indício nos paratextos a respeito desse assunto), certamente uma das consequências dela é a aproximação do leitor ao conteúdo ou à mensagem do texto, de forma apelativa, convidando o leitor a compreender as benesses das quais ele, por meio da fé aplicada, pode se apossar. Assim é um convite mais que religioso, é, através deste, também, um convite e/ou estímulo à leitura; principalmente para aqueles em iniciação no trato com a mensagem bíblica.

Outro aspecto relevante do contexto linguístico da *Nova Bíblia Pastoral* é o lexical. A esse respeito, duas escolhas tradutórias diferem da proposta do texto-fonte, a partir da tradução literal aqui proposta. A primeira delas trata-se da tradução do termo grego *δοκιμήν* no versículo 4 (*ἡ δὲ ὑπομονὴδοκιμήν, ἡ δὲδοκιμηῆλίδα*), cuja tradução literal é “e a paciência perseverante (está produzindo/sendo produzida/prodüz) a qualidade de ser aprovado/caráter e a qualidade de ser aprovado/caráter (está produzindo/sendo produzida/prodüz) a esperança”. Na *Nova Bíblia Pastoral* o termo foi traduzido como “experiência comprovada”. Curiosamente, entre as traduções bíblicas vulgatas analisadas nessa pesquisa, apenas a *Nova Bíblia Vulgata* faz essa escolha. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* prefere o termo “aprovação” e a *Bíblia Judaica Completa* serve-se do termo “caráter”; ambas em consonância com uma ou outra das opções apresentadas na tradução literal. Não há nenhuma informação disponível nos paratextos que justifiquem essa escolha. Entretanto, em outras ocorrências do termo ou de termos com a mesma raiz, como em *2Coríntios* 8:2 (*δοκιμήν*) e 9:13 (*δοκιμηῆς*), *Tiago* 1:3 e *1Pedro* 1:7 (*δοκίμουον*) a ideia de “experiência” e “prova” (como conhecimento empírico) se apresenta em harmonia ao contexto. Vale salientar que a preferência do termo “experiência” para a tradução de *δοκιμήν* é a mesma das bíblias *King James Atualizada* e *Almeida Revista e Atualizada*, consideradas traduções formais, destacando, de qualquer modo, o aspecto empírico e de aprovação, inerente às opções em questão.

A segunda escolha tradutória divergente da proposta de tradução literal é a tradução do termo *παράπτωμα* (“transgressão”) por “falta”, no sentido de “erro”, em todas as ocorrências entre os versículos 15 e 19. Semanticamente, a mudança não causa diferenças de sentido relevantes dentro do contexto já que “transgredir” a lei traz consigo a ideia de “infração” que a “falta”, enquanto a não observância a uma norma, também traz. Os termos “transgressão” e “falta” são colocados em justaposição e a preferência do segundo nos versículos mencionados não impede o uso do primeiro nem no próprio trecho de *Romanos* 5 (pois o

termo está presente no versículo 14) nem em outras passagens bíblicas (caso de *Romanos* 4:15 e *Hebreus* 2:2).

Ainda sobre as escolhas lexicais da tradução, observa-se que, de modo geral, a tradução bíblica em questão segue de perto os termos da tradução literal, próximos ao texto-fonte, principalmente quanto à tradução de termos teológicos ou termos-chave do texto bíblico em análise; à exceção do caso de παράπτωμα (“transgressão”), descrito acima. Vocábulos como “justiça” (δικαιοσύνης – versículo 21), “justificados” (δικαιωθέντες – versículos 1 e 9), “reconciliação” (καταλλαγὴν – versículo 11), “reconciliados” (καταλλαγέντες – versículo 10), “transgressão” (παραβάσεως – versículo 14), “ímpios” (ἄσεβων – versículo 6) e “justos” (δικαίων – versículos 7 e 19), presentes na tradução literal, próxima ao texto-fonte, são mantidos, os quais se configuram como marcas espaço-temporais do discurso bíblico (principalmente os três últimos, presentes ao longo da Bíblia). Além do mais, não há nenhum recurso de parentetização ou clarificação na tradução, nem nos paratextos a respeito desses termos. Há duas notas de rodapé alusivas ao trecho bíblico em análise, mas elas dão conta de questões hermenêuticas e fazem uso dos mesmos termos da tradução, sem explicá-los, tratando-os como parte de uma linguagem já reconhecida. Na Apresentação à obra, diz-se sobre o projeto tradutório que “o desafio é utilizar palavras de fácil compreensão sem esconder a riqueza do texto” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 5), mas, diante do trecho analisado, nota-se que há um limite na criatividade dos tradutores em lidar, em especial, com termos teológicos e marcas espaço-temporais do discurso bíblico, pois há de se questionar se os vocábulos “justificados” e “ímpios”, por exemplo, são de fato facilmente compreensíveis pelos leitores/ouvintes dessa tradução.

Dessa forma, seguindo de perto o texto-fonte no léxico e sem apresentar modificações linguísticas e/ou estruturais atípicas, a *Nova Bíblia Pastoral* se apresenta como uma bíblia vulgata moderada. Como vimos, as modificações linguísticas aqui destacadas auxiliam a leitura/escuta do texto, tornando-a mais fluida, ordenada, além de se servirem da memória de curto prazo do leitor/ouvinte para o encadeamento e a progressão das ideias, repercutindo na capacidade de compreensão. As questões de ordem lexical, sobretudo quanto ao uso de termos teológicos que seguem o texto-fonte, se justificam tanto em razão da própria natureza e propósito da tradução quanto pelo contexto sistêmico editorial que a cerca.

Como indicado pelo título, esta é uma tradução com viés “pastoral” e, conforme o paratexto de Apresentação, destinada ao uso

litúrgico dentro de uma comunidade de fé, o que preconcebe a existência de uma linguagem comum aos seus membros. Assim, entende-se que o propósito da tradução é, conforme defende Konings (2009, p. 113), resguardar a alteridade e a estranheza do texto (o que justifica as escolhas lexicais), deixando as explicações e contextualizações, que poderiam ser feitas via estratégias tradutórias como a clarificação e o alongamento, a cargo dos clérigos da comunidade. Nesse sentido, a conservação dos termos está atrelada à manutenção de uma linguagem comunitária ou religiosa com a qual (presume-se) que os seus membros já estejam familiarizados (KONINGS, 2009, p. 112). Os termos de difícil compreensão seriam explicados e compreendidos na lida com o texto bíblico, na vivência litúrgica na comunidade (nas pregações e estudos bíblicos, por exemplo). Claramente, portanto, a *Nova Bíblia Pastoral* é uma bíblia para iniciados na fé, uma tradução para religiosos.

Além do mais, é preciso lembrar que a Igreja Católica Apostólica Romana abriu-se às traduções bíblicas apenas a partir do início do século XX, após o Concílio Vaticano II (1962-1965) e, mesmo assim, ainda busca manter certo controle sobre as traduções que são realizadas. No Brasil, nenhuma tradução é publicada como oficial sem a autorização da Igreja, manifestada no Imprimatur dado pelo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Historicamente, a Igreja Católica Romana teve temor de que a tradução e a pregação bíblicas feitas fora da de sua jurisdição eclesiástica causassem distorções doutrinárias, além de configurar descentralização de poder como aconteceu na Reforma Protestante. Conforme Queiroz (2007, p. 187), “com a abertura concedida pela Igreja às traduções, essas passaram a proliferar-se em número e função. [...] há hoje muitas traduções novas que igualmente lutam para ocupar o centro”. A autora fala de uma pluralidade de versões igualmente autorizadas, tanto formais, como a *Bíblia de Jerusalém* e a *Bíblia Ave Maria*, quanto vulgatas, como a *Bíblia de Aparecida*. Diante da Apresentação da obra, nota-se que o apelo ao uso da *Nova Bíblia Pastoral* gira em torno não do projeto tradutório por si só, mas, sobretudo, do projeto editorial, entendido como o conjunto de ferramentas colocadas à disposição do leitor, como as notas de rodapé, majoritariamente, de função hermenêutica. Nesse paratexto, lemos que as notas têm como objetivo fazer com que “os leitores, sobretudo na leitura comunitária, consigam aplicar o texto na própria vida, [...] para que seja possível compreender e relacionar as questões do mundo da Bíblia às questões de nosso tempo” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 5).

Em seu contexto sistêmico, assim, a *Nova Bíblia Pastoral* não tem o intento de ser uma bíblia-padrão para os católicos, nem de ser a portadora da melhor tradução (nem mesmo a portadora da única ou a mais exata leitura possível do texto), pois reconhece que “não é a única leitura possível e abordagens diferentes podem ser encontradas em outras edições”, além de, em nome de todo o corpo editorial envolvido, dizer as seguintes palavras: “Somos conscientes dos limites deste trabalho, mas nem por isso menos confiantes nos frutos que as comunidades colherão desta nova edição” (NOVA BIBLIA PASTORAL, 2014, p. 5). É entre elas onde se encontra a *Nova Bíblia Pastoral*, a qual, apesar de apresentar-se como vulgata, mantém-se apegada a uma tradição eclesiástica e a um discurso religioso, optando por estratégias tradutórias de cunho estrutural, ligadas à forma do texto, do que por aquelas de cunho semântico-discursivo que se afastam do texto-fonte em direção a uma linguagem coloquial ou a estruturas linguísticas explicativas e alongadas, como é o caso, por exemplo, da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

### 3.2. Nova Tradução na Linguagem de Hoje

A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* tem sua origem na *Bíblia na Linguagem de Hoje*, produzida sob incentivo das Sociedades Bíblicas Unidas, cuja versão completa foi publicada em 1988. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* surgiu após doze anos, em 2000. Segundo Giraldi (2013a, p. 177), essa versão deveria ser usada para a leitura individual ou para atividades de disseminação da mensagem bíblica (evangelização), não sendo recomendado o uso durante os ritos litúrgicos, ao contrário, por exemplo, da *Nova Bíblia Pastoral*.

Ainda de acordo com Giraldi (2013a, p. 179-214), ao longo da publicação do Novo Testamento e, posteriormente, da bíblia completa, os membros da Comissão de Tradução foram constituídos após um processo seletivo baseado em provas de tradução de textos. Os tradutores foram os seguintes: Dr. William L. Wolderley, secretário de tradução das Sociedades Bíblicas Unidas; o Pr. Oswaldo Alves, como tradutor de base; Dr. Robert G. Bratcher, consultor das Sociedades Bíblicas Unidas e revisor de grego e português; Dr. Paul Schelp, como segundo revisor de grego; Luiz Antônio Giraldi, como revisor de linguagem e coordenador do projeto; Pr. Antônio de Campos Gonçalves; Pr. Josué Xavier; Profa. Selma Júnia Vassão Giraldi, especialista em português em linguagem popular; Pr. Dr. Rudi Zimmer; Pr. Dr. Vilson Scholz; e o Pr. Dr. Werner Kaschel, especialista em

hebraico. A tradução de cada livro bíblico se deu em pelo menos quinze etapas, envolvendo propostas de tradução, revisões exegéticas, discussões coletivas e consultorias externas (GIRALDI, 2013a, p. 217-218). Em 2005, a Sociedade Bíblica do Brasil, de cunho protestante, e a Editora Paulinas, católica, lançaram uma edição ecumênica, contendo a tradução dos livros deuterocanônicos católicos<sup>26</sup>.

O texto de *Romanos 5* foi traduzido na *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* da seguinte forma:

<sup>1</sup>Agora que fomos aceitos por Deus pela nossa fé nele, temos paz com ele por meio do nosso Senhor Jesus Cristo. <sup>2</sup>Foi Cristo quem nos deu, por meio da nossa fé, esta vida na graça de Deus. E agora continuamos firmes nessa graça e nos alegramos na esperança de participar da glória de Deus. <sup>3</sup>E também nos alegramos nos sofrimentos, pois sabemos que os sofrimentos produzem a paciência, <sup>4</sup>a paciência traz a aprovação de Deus, e essa aprovação cria a esperança. <sup>5</sup>Essa esperança não nos deixa decepcionados, pois Deus derramou o seu amor no nosso coração, por meio do Espírito Santo, que ele nos deu.

<sup>6</sup>De fato, quando não tínhamos força espiritual, Cristo morreu pelos maus, no tempo escolhido por Deus. <sup>7</sup>Difícilmente alguém aceitaria morrer por uma pessoa que obedecesse às leis. Pode ser que alguém tenha coragem para morrer por uma pessoa boa. <sup>8</sup>Mas Deus nos mostrou o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado. <sup>9</sup>E, agora que fomos aceitos por Deus por meio da morte de Cristo na cruz, é mais certo ainda que ficaremos livres, por meio dele, do castigo de Deus. <sup>10</sup>Nós éramos inimigos de Deus, mas ele nos tornou seus amigos por meio da morte do seu Filho. E, agora que somos amigos de Deus, é mais certo ainda que seremos salvos pela vida de Cristo. <sup>11</sup>E não somente isso, mas também nós nos alegramos por causa daquilo

---

<sup>26</sup> Queiroz (2007) apresenta uma discussão sobre a autorização dada pela Igreja Católica Romana a vários projetos tradutórios que apresentam, em algumas passagens, traduções diferentes, tomando como objeto de estudo a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* – Editora Paulinas. Para maiores detalhes, consultar as Referências Bibliográficas desse trabalho.

que Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, que agora nos tornou amigos de Deus.

<sup>12</sup>O pecado entrou no mundo por meio de um só homem, e o seu pecado trouxe consigo a morte.

<sup>13</sup>Como resultado, a morte se espalhou por toda a raça humana porque todos pecaram. Antes de a lei ser dada, já existia o pecado no mundo; porém, quando não existe lei, Deus não leva em conta o pecado. <sup>14</sup> Mas, desde o tempo de Adão até Moisés, a morte dominou todos os seres humanos, mesmo os que não pecaram como Adão, quando ele desobedeceu à ordem de Deus.

Adão era a figura daquele que havia de vir, <sup>15</sup>mas existe uma diferença entre o pecado de Adão e o presente que Deus nos dá. De fato, muitos morreram por causa do pecado de um só homem; mas a graça de Deus é muito maior, e ele dá a salvação gratuitamente a muitos, por meio da graça de um só homem, que é Jesus Cristo. <sup>16</sup>E existe uma diferença entre aquilo que Deus dá e o pecado de um só homem. Porque, no caso do pecado, a condenação veio por causa de um só pecado. Porém, no caso da salvação, Deus perdoa os que têm cometido muitos pecados, embora não mereçam esse perdão. <sup>17</sup> É verdade que, por causa de um só homem e por meio do seu pecado, a morte começou a dominar a raça humana. Mas o resultado do que foi feito por um só homem, Jesus Cristo, é muito maior! E todos aqueles que Deus aceita e que recebem como presente a sua imensa graça reinarão a nova vida, por meio de Cristo.

<sup>18</sup>Portanto, assim como um só pecado condenou todos os seres humanos, assim também um só ato de salvação liberta todos e lhes dá vida. <sup>19</sup>E assim como muitos seres humanos se tornaram pecadores por causa da desobediência de um só homem, assim também muitos serão aceitos por Deus por causa da obediência de um só homem.

<sup>20</sup>A lei veio para aumentar o mal. Mas, onde aumentou o pecado, a graça de Deus aumentou muito mais ainda. <sup>21</sup>E isso aconteceu a fim de que, assim como o pecado dominou e trouxe a morte, assim também a graça de Deus, que o leva a aceitar as pessoas, dominasse e trouxesse a vida eterna. Essa vida é nossa por meio do nosso

Senhor Jesus Cristo (BÍBLIA, 2012, p. 1144-1145).

Antes de passar à análise textual, vale salientar que essa tradução tem como antecessoras a *Bíblia na Linguagem de Hoje*, publicada integralmente em 1988, e a *Tradução na Linguagem de Hoje* (tradução apenas do Novo Testamento), publicada em 1973. Foi a partir desses trabalhos, então, que se abriu espaço no mercado editorial bíblico brasileiro para as bíblias vulgatas que as sucederam (vide Tabela 1, página 49). Conforme já apresentado nas características gerais das bíblias vulgatas, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se propõe a ser uma tradução cuja linguagem possa ser acessível tanto ao público de maior grau de instrução escolar quanto ao público menos letrado (mas principalmente a estes). A Apresentação à obra deixa claro que o intento é dar a Bíblia ao leitor/ouvinte em uma linguagem “adequada ao nível educacional médio da população”, primando pela variedade linguística coloquial, ou seja, “de maneira simples e natural, assim como a maioria da população brasileira fala” (BÍBLIA, 2009b, p. v). Já discuti as nuances desse intento como sendo ilusório/utópico, mas foi a partir dele que o projeto tradutório foi desenvolvido e, em seu nome, as estratégias tradutórias aplicadas. Ao contrário da *Nova Bíblia Pastoral*, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se caracteriza não pelas notas de rodapé, quer sejam de cunho hermenêutico-teológico, quer sejam de cunho tradutório, pois, aliás, elas são escassas<sup>27</sup>, mas, de fato, pelo registro de linguagem presente em sua tradução. Calcada nos princípios de equivalência dinâmica/funcional de Nida, essa tradução se sustenta sobre os princípios da naturalidade e da clareza como diferencial dentre as demais traduções formais ou eruditas realizadas seja antes ou depois dela.

Assim, em se tratando do contexto linguístico da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*<sup>28</sup>, a partir da análise do texto bíblico em questão, nota-se que as estratégias tradutórias aplicadas nessa tradução são similares às encontradas na *Nova Bíblia Pastoral*. Todavia, aqui elas são mais abundantes e ampliadas. A primeira delas diz respeito à estrutura

---

<sup>27</sup> Exceto na edição *Nova Tradução na Linguagem de Hoje – Bíblia de Estudo*.

<sup>28</sup> Aspectos linguísticos da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, aqui apresentados, já foram anteriormente discutidos outrora, como Lima; Pinheiro-Mariz (2016) e Lima (2016; 2018). Nesse trabalho, apresento exemplos inéditos, discutindo-os de forma mais abrangente, conforme os objetivos pretendidos e as discussões teóricas levadas em consideração nessa ocasião.

formal do texto e à organização das frases/orações. Dentre os princípios seguidos pela Comissão de Tradução em todas as edições está a preferência por frases e orações na ordem direta e natural, evitando intercalações (GIRALDI, 2013a, p. 179). Por essa razão, optando por frases curtas e com o intento de melhor articular o encadeamento e a progressão das ideias (auxiliado, conseqüentemente, pelos ajustes feitos em termos de pontuação), o texto de *Romanos 5* na *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* está segmentado em trinta e um períodos sintáticos (contra vinte do texto-padrão), sendo raras as ocorrências de orações subordinadas. A tabela a seguir apresenta um exemplo da ação dessa estratégia:

**Tabela 7: Tradução de Romanos 5: 16 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje**

<b>Texto-fonte</b>	<sup>16</sup> Καὶ οὐχ ὡς δι' ἑνὸς ἀμαρτήσαντος, τὸ δῶρημα· τὸ μὲν γὰρ κρίμα ἐξ ἑνὸς εἰς κατὰκριμα, τὸ δὲ χάρισμα ἐκ πολλῶν παραπτωμάτων εἰς δικαίωμα.
<b>Tradução literal</b>	<sup>16</sup> Também não assim como por causa de único que tem estado pecado/ pecou o presente/a dádiva; por um lado pois julgamento/sentença de único (homem) em condenação, por outro lado a graça/o favor (de único homem) a partir de muitas transgressões (abundou mais que suficiente) em justificação.
<b>Nova Tradução na Linguagem de Hoje</b>	<sup>16</sup> E existe uma diferença entre aquilo que Deus dá e o pecado de um só homem. Porque, no caso do pecado, a condenação veio por causa de um só pecado. Porém, no caso da salvação, Deus perdoa os que têm cometido muitos pecados, embora não mereçam esse perdão.

Nesse caso, temos um versículo cujo texto está fragmentado em três períodos sintáticos, enquanto o texto-fonte contém apenas um período formado por uma série de orações gramaticalmente complexas. Tal como na *Nova Bíblia Pastoral*, essa estratégia favorece a



leitura/escuta do texto bíblico, uma vez que as vírgulas formadoras de apostos, mantendo o paralelismo (“Porque, no caso da condenação, [...] Porém, no caso da salvação, [...]”), e os pontos finais, que isolam as ideias apresentando-as uma por vez, provocam um número maior de pausas durante a leitura, recorrendo à memória de curto prazo do leitor e facilitando, assim, o encadeamento e a progressão das ideias na leitura e/ou na escuta do texto. No curso de tradução bíblica de Barnwell (2011), o qual é teoricamente fundamentado nos postulados de Eugene Nida, essa estratégia é claramente ensinada como uma das formas de descobrir o significado do texto por parte do tradutor (mas, conseqüentemente, também para o leitor), além do fato de que, segundo a autora, “em muitas línguas, o bom estilo exige orações breves ou, no caso de orações relativamente compridas, que elas não sejam complicadas” (p. 161). Claramente, uma orientação seguida no trecho em questão na *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

Esse mesmo versículo mostra a ocorrência de outra estratégia tradutória abundante: a clarificação das ideias do texto. Giraldi (2013a, p. 179) nos informa que além das frases curtas, outro princípio seguido pela Comissão de Tradução nas três edições “Linguagem de Hoje” foi a substituição de palavras ou expressões de cunho teológico pouco conhecidas por frases explicativas. No versículo 9, o trecho *δικαιωθέντες νῦν ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ* (“justificados agora em o sangue dele [de Cristo]”) foi traduzido de forma a clarificar o conceito teológico de justificação e tornar a ideia do “sangue” mais concreta, tornando-a uma ação. A tradução ficou, portanto, assim: “[...] fomos aceitos por Deus por meio da morte de Cristo na cruz [...]”. Em paralelo, a *Nova Bíblia Pastoral* seguiu de perto o texto-fonte, traduzindo o trecho como “justificados por seu sangue”. Já no versículo 16, o termo *δῶρημα* (“presente/grança”) é traduzido como “aquilo que Deus dá”, evidenciando o doador de algo (indeterminado, “aquilo”), o qual está implícito no texto-fonte, sendo recuperado pelo contexto.

Por sua vez, o termo *χάρισμα* (“graça/favor”) é traduzido por “salvação”, assessorado pela expressão “ainda que não mereçam esse perdão”, que conclui o versículo, preservando a noção original do termo grego de incondicionalidade e de demérito. Colocar ambos os termos como sinônimos não causa prejuízo de sentido ao texto, ou ao contexto ou mesmo ao ensinamento cristão, já que, segundo a doutrina, a salvação é um presente dado por Deus como expressão de um ato gracioso. Inclusive, a passagem encontrada no livro bíblico de *Tito* 2:11, coloca a salvação como um adjetivo da graça: “Porquanto a graça de

Deus se manifestou salvadora a todos os homens [...]” (BÍBLIA, 2009a, p. 1213).

Outro termo teológico presente no versículo analisado é *παραπομπάτων* (“transgressão”), traduzido por “pecado”. Nesse caso, percebe-se a simplificação lexical, pois não há ocorrência no trecho analisado do termo “transgressão” ou similar na tradução. Tanto *παραπομπάτων* (e derivados) quanto *ἁμαρτία* (e derivados) são traduzidos como “pecado”. Comparativamente, lembremo-nos que a *Nova Bíblia Pastoral*, além de manter o termo “transgressão” (versículo 14), usa também “pecado” e “falta” como vocábulos intercambiáveis. Por fim, o termo *δικαίωμα* (“justificação”) é traduzido por “perdão”. A princípio essa escolha não causa prejuízo ao sentido, já que, segundo a doutrina, grosso modo, ser declarado justo diante de Deus implica o recebimento do perdão dos pecados, mas atenua a noção de atribuição da justiça de alguém (no caso, Cristo) a outrem (no caso, o pecador), ideia inerente ao termo grego. Os termos derivados não seguiram essa preferência e foram traduzidos por expressões explicativas genéricas. É o caso do particípio passado grego *δικαιωθέντες*, (“justificados”), traduzido por “aceitos por Deus” nos versículos 1 e 9, e não por “perdoados”, caso seguisse a escolha citada anteriormente. A simplificação lexical atendia, à época da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, a uma demanda social brasileira marcada por quase 90 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 48% eram analfabetos, e por uma estimativa de que a maioria desses alfabetizados possuía vocabulário com cerca de três mil palavras (A BÍBLIA NO BRASIL, 2013, p. 17).

Apesar de não trazer prejuízo ao sentido imediato do texto, as implicações teológicas trazidas por simplificações lexicais como essa não podem ser ignoradas. Segundo léxico semântico grego-português de Louw e Nida (2013, p. 404), de fato, a noção de “aceitação” é uma forma de expressar o significado desses vocábulos de forma idiomática em algumas línguas, mas não em todas, desaconselhando essa ou outras escolhas similares. Segundo os autores,

isso poderia dar entender que Deus relutava em aceitar as pessoas sem a obra expiatória de Jesus, quando, na verdade, era Deus quem estava em Cristo reconciliando o mundo consigo. Portanto, o tradutor deveria evitar formulações que poderiam sugerir diferentes tipos de motivação de Deus. (2013, p. 404).

Exemplos como esses mostram que o que poderia ser visto como vantagem na tradução (clareza), ao mesmo tempo pode ser uma desvantagem (simplificação lexical). Reduzir a tessitura lexical do texto, mesmo que traga maior clareza ao leitor leigo/iniciante de termos obsoletos/desconhecidos, inibe, ao mesmo tempo, a realização de exercícios exegéticos de compreensão, feitos por leitores mais instruídos no discurso bíblico-religioso e até mesmo em línguas originais. Todavia, sob a ótica do projeto de tradução da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, essa desvantagem seria apenas aparente, pois não houve intenção inicial de que esta fosse uma tradução de cunho acadêmico, formal; pelo contrário. Certamente, propor a tradução literal de alguns termos coloquiais do grego da época pode causar estranheza nos leitores modernos por parecerem cultos ou demasiado formais diante do contexto sociolinguístico do português contemporâneo (LIMA, 2016, p. 67).

A clarificação de termos teológicos é seguida de perto por outras bíblias vulgatas. A *Nova Versão Transformadora* adota as mesmas diretrizes quanto à tradução de termos teológicos com o diferencial de propor, em nome da clareza, a ampliação do léxico utilizado. O argumento é baseado na herança latina desses vocábulos que, mesmo fazendo parte do discurso religioso, pode não ser compreendido pelos que não estão habituados com ele. Assim, na Apresentação à obra, lê-se:

Nas ocorrências de termos teológicos, deixamos espaço para um âmbito semântico mais amplo de palavras ou expressões aceitáveis em português como tradução para uma palavra hebraica ou grega. Evitamos alguns termos teológicos que muitos leitores teriam dificuldade de compreender. Por exemplo, evitamos palavras como “justificação” e “santificação”, que são empréstimos de traduções para o latim. No lugar dessas palavras, oferecemos traduções como “declarar justo” e “tornar santos” (BÍBLIA, 2016, p. xi).

Em tempo, é válido destacar ainda outra estratégia tradutória da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*: a reordenação de versículos. De acordo com Geisler e Nix (2006, p. 133), a divisão da Bíblia em capítulos se deu em 1227 pelo professor da Universidade de Paris Stephen Langton e em versículos em 1551 por Robert Stephanus. Esse sistema de referência acabou sendo adotado também pelos judeus e seguiu sendo usado como padrão nas publicações da obra em todo o

mundo, a fim de facilitar a busca por trechos específicos. Vimos que a *Nova Bíblia Pastoral* altera a topicalização de alguns versículos, mas não interfere na referência numérica. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* somou ao versículo 13 a segunda parte do que é encontrado no versículo 12 do texto grego, sem nenhuma razão aparente para tal. Nesse caso, além de não ter causado prejuízo algum ao sentido ou à compreensão do texto, esse tipo de modificação está atrelada à busca pela ordenação das ideias do texto bíblico de forma lógica e progressiva; principalmente em textos cuja estrutura sintática do grego é complexa. Lima e Pinheiro-Mariz (2016, p. 39-40) sinalizaram que nessa tradução os versículos 25 e 26 do capítulo 3 do livro de *Romanos* foram aglomerados em um único bloco textual, além de alterar a ordem do tópico discursivo desses versículos. Normalmente, a indicação do versículo aparece individualmente sobrescrita no início do texto, como se faz nas tabelas aqui apresentadas. No caso em questão, a equipe de tradução indicou a referência da seguinte forma: <sup>25-26</sup>. Como consequência desse tipo de modificação formal, os autores apontam que “esse comportamento apaga as marcas de estilo do autor; elemento cuja observância é de importância secundária nesse tipo de tradução uma vez que o objetivo dela é a simplificação da linguagem” (LIMA; PINHEIRO-MARIZ, 2016, p. 40). No mais, certamente causará transtorno inicial ao leitor que, por ocasião de um estudo bíblico ou consulta de qualquer natureza, limitando-se à referência do versículo, não encontrar imediatamente nele a informação que procura, devendo ater-se aos versículos próximos para encontrá-la; o que, certamente, de qualquer forma, estará lá.

Em seu contexto sistêmico, apesar da alcunha de primeira bíblia vulgata brasileira, o grupo das traduções “Linguagem de Hoje”, em especial a edição mais recente, hoje compete no cenário editorial com outros projetos tradutórios similares. Conforme a lista apresentada no Capítulo 1, dentre todas as bíblias vulgatas, as protestantes são maioria, uma vez que esse ramo do cristianismo sempre se mostrou favorável e promotor de traduções da Bíblia, ao contrário do catolicismo romano. No Brasil, são várias as editoras com traduções próprias. Entretanto, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* consegue se sobressair entre as demais dada a força da Sociedade Bíblica do Brasil, sua promotora, a qual detém maior prestígio no cenário editorial que as demais editoras que, em comparação, possuem menor porte e expressividade. Além disso, se destaca mesmo entre as traduções cujos direitos também pertencem à mesma instituição, como a *Nova Almeida Atualizada* (2017), a *Almeida Revista e Corrigida* (1898, com ajustes em 1995), a

*Almeida Revista e Atualizada* (1993 – 2ª edição) e a *Tradução Brasileira* (1917, relançada em 2010 com ajustes ortográficos), exatamente pelas características peculiares de seu projeto tradutório, com foco em um público-alvo leigo e de pouco contato com a Bíblia<sup>29</sup>. Por essa razão, se justificam as estratégias tradutórias relacionada às estruturas linguísticas e formais do texto, bem como as clarificações e a simplificação lexical da obra.

### 3.3. Bíblia Judaica Completa

Semelhantemente à Bíblia *A Mensagem*, traduzida por Eugene Peterson, a *Bíblia Judaica Completa* é uma tradução realizada por apenas uma pessoa, o judeu David Harold Stern. Essa Bíblia está alinhada ao ramo cristão do judaísmo messiânico. Como habitual, antes da versão completa, o *Novo Testamento Judaico* foi publicado, em língua inglesa, em 1989 e a versão completa em 1998. A tradução para o português de ambas as edições é atribuída a Rogério Portella e Celso Eronides Fernandes, sob demanda da Editora Vida (declaradamente protestante), e publicadas, respectivamente, em 2008 e em 2010. Também participaram da tradução, na qualidade de revisores e membros da equipe editorial, Noemi Soares Ferreira, Andrea Filatro, Josemar de Souza Pinto e Marcelo Smargiasse. Segundo relato do próprio Stern, em paratexto, a tradução do Novo Testamento foi direta, do grego para o inglês. Já a tradução do Antigo Testamento é uma miscelânea de tradução direta e de revisão de traduções anteriores por meio de paráfrases, tomando como base a versão hebraica da Jewish Publication Society. Nas palavras do tradutor, então,

o *Tanakh* [o Antigo Testamento] encontrado neste volume está posicionado entre a tradução e a paráfrase; ele é parcialmente as duas coisas; recuso-me a defini-lo como pertencente a qualquer uma dessas classes; em vez disso, chamo-o somente de “versão” (STERN, 2010, p. 17).

Os propósitos da tradução são apresentados de forma clara e direta no paratexto intitulado “Introdução”. Segundo o autor, a *Bíblia*

---

<sup>29</sup> Consultar apresentação à tradução publicada no site da Sociedade Bíblica do Brasil, disponível em: <<http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/as-traducoes-da-sbb/nova-traducao-na-linguagem-de-hoje/>>, acesso em 16/01/2019.

*Judaica Completa* se propõe a evidenciar a judaicidade, principalmente, do Novo Testamento, a oferecer uma leitura bíblica fluente e livre o quanto possível das diferenças espaço-temporais do texto fonte e do presente, que possa ser usada em liturgias judaicas (messiânicas ou não) e que seja a concretização do pedido feito ao tradutor por seus admiradores quanto a uma publicação própria completa (STERN, 2010, p. 18). Os propósitos deixam claro, assim, que esta se trata de uma tradução fortemente atrelada ao ramo doutrinário que a baseia.

A *Bíblia Judaica Completa* apresenta a tradução de *Romanos 5* da seguinte forma:

<sup>1</sup>Portanto, pelo fato de sermos considerados justos diante de Deus por causa de nossa confiança, continuamos a ter shalom com Deus por meio de nosso Senhor Yeshua, o Messias. <sup>2</sup>Também por meio dele, e com base em nossa confiança, obtivemos acesso à sua graça, na qual permanecemos; dessa forma, alegremo-nos com a esperança de experimentar a glória de Deus. <sup>3</sup>Mas não apenas isso: alegremo-nos também por nossas dificuldades, porque sabemos que as dificuldades produzem resistência, <sup>4</sup>resistência produz caráter, e caráter produz esperança; <sup>5</sup>e essa esperança não nos decepciona, porque o amor de Deus por nós já foi derramado em nosso coração, pelo Ruach HaKodesh que nos foi outorgado.

<sup>6</sup>Pois enquanto ainda estávamos sem esperança, nesse tempo exato o Messias morreu a favor dos ímpios. <sup>7</sup>É raríssimo alguém entregar a vida em prol de uma pessoa justa, ainda que seja possível que por uma pessoa boa alguém tenha coragem de morrer. <sup>8</sup> Deus, porém, demonstra seu amor por nós no fato de o Messias ter morrido a nosso favor enquanto ainda éramos pecadores. <sup>9</sup> Portanto, pelo fato de agora sermos considerados justos mediante o sangue da morte decorrente do sacrifício, quanto mais seremos libertados da ira do juízo de Deus, por meio dele! <sup>10</sup> Pois, se fomos reconciliados com Deus por meio da morte de seu Filho, enquanto éramos inimigos, quanto mais agora seremos libertados por sua vida, uma vez que fomos libertados! <sup>11</sup>E não seremos libertados apenas no futuro, mas confiamos em Deus agora, pois ele agiu por intermédio de nosso Senhor

Yeshua, o Messias, por meio de quem recebemos essa reconciliação.

<sup>12</sup>Tudo funciona da seguinte forma: o pecado entrou no mundo por meio de um indivíduo, e, mediante o pecado, a morte; desse modo, a morte passou para toda a raça humana, porque todos pecaram. <sup>13</sup>O pecado já estava presente no mundo antes de a Torah ser outorgada, mas o pecado não era contado desse modo enquanto não havia Torah. <sup>14</sup>Entretanto, a morte regeu de Adam até Mosheh, mesmo sobre aqueles cujos pecados não eram exatamente iguais à violação do mandamento direto, perpetrado por Adam. Nisso, Adam prefigurou aquele que viria.

<sup>15</sup>Entretanto, o presente gratuito não é semelhante à ofensa. Pois se, por meio da ofensa de um homem, muitos morreram, então quanto mais a graça de Deus, isto é, o presente gracioso de um homem, Yeshua, o Messias, excedeu a muitos!

<sup>16</sup>Não, o presente gratuito não é semelhante ao resultado do pecado de um homem; pois de um pecador procedeu o juízo que trouxe condenação; mas o presente gratuito veio após muitas ofensas e trouxe quitação. <sup>17</sup>Porque, se pela ofensa de um homem, a morte reinou por meio dele, quanto mais aqueles que recebem a graça superabundante, isto é, o presente de ser considerado justo, reinarão em vida por meio de um único homem, Yeshua, o Messias!

<sup>18</sup>Em outras palavras: da mesma forma que por meio de uma ofensa todas as pessoas incorreram na condenação, também é por meio de um ato de justiça que todas as pessoas são consideradas justas. <sup>19</sup>Também se, por meio da desobediência de um homem, muitos foram feitos pecadores, da mesma forma, por meio da obediência de outro homem, muitos serão feitos justos. <sup>20</sup>E a Torah entrou em cena para que a ofensa fosse multiplicada; mas onde o pecado foi multiplicado, a graça o foi muito mais. <sup>21</sup>Tudo isso aconteceu para que, do mesmo modo que o pecado reinou por meio da morte, possa também reinar a graça por fazer as pessoas serem consideradas justas, a fim de que possam ter a vida eterna, mediante

Yeshua, o Messias, nosso Senhor (STERN, 2010, p. 1396-1397).

Dentre as peculiaridades dessa tradução está a manutenção de nomes semíticos de pessoas e lugares e o uso do que o tradutor chama de “judeu-português”, conceituado como “conjunto de palavras hebraicas e aramaicas incorporadas pelos judeus [...] ao vocabulário do dia a dia” (STERN, 2010, p. 52). Por exemplo, cito o trecho da tradução de *Mateus 21:10-11*, onde encontramos: “Quando Yeshua [Jesus] entrou em Yerushalayim [Jerusalém], toda a cidade ficou agitada. ‘Quem é este?’, perguntavam. A multidão respondia: ‘Este é Yeshua, o profeta de Natzeret [Nazaré] da Galil [Galileia]” (grifo meu). No trecho de *Romanos 5*, a *Bíblia Judaica Completa* mantém esses termos em sua referência aos personagens e à algumas palavras isoladas. É o caso de “shalom” como tradução de *εἰρήνην* (“paz”) no versículo 1, “Yeshua” em todas as ocorrências do nome *Ἰησοῦ* (“Jesus”), “Ruach HaKodesh” tradução de *πνεύματος ἁγίου* (“Espírito Santo”) no versículo 5, “Torah” em todas as ocorrências de *νόμον* (“Lei”), além de “Adam” e “Mosheh”, traduções de *Ἀδὰμ* (“Adão”) e *Μωϋσέως* (“Moisés”), respectivamente, no versículo 14.

Essas escolhas linguísticas representam mais que um mero apego gratuito à tradição judaica. Enquanto bíblia vulgata, a *Bíblia Judaica Completa* intenta aproximar a linguagem da tradução da linguagem do seu público-alvo. Assim, as escolhas lexicais feitas por David Stern se justificam enquanto estratégia que aproxima os leitores da herança sociocultural dessa religião. Contudo, linguisticamente, não é a única estratégia tradutória presente. Similarmente às traduções já analisadas, a *Bíblia Judaica Completa* apresenta estratégias tradutórias atuantes no plano formal, estrutural, do texto, além de se servir de clarificações de ideias (em especial, de termos teológicos), principalmente por meio de explicitações de ideias implícitas no texto-fonte.

Ao contrário da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, a *Bíblia Judaica Completa* não se mostra preocupada com a extensão das frases e orações; a maioria dos versículos é formada por orações complexas, subordinadas. Entretanto, para ordenar as ideias e dar progressão à compreensão do texto, emprega elementos coesivos, a rigor, inexistentes no texto grego, conforme apresentado na tabela a seguir:



**Tabela 8: Tradução de Romanos 5: 11-12, 18 – Bíblia Judaica Completa**

<b>Texto-fonte</b>	<p><sup>11</sup>Οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχόμενοι ἐν τῷ θεῷ διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, δι' οὗ νῦν τὴν καταλλαγὴν ἐλάβομεν. <sup>12</sup>Διὰ τοῦτο, ὡς περ δι' ἐνὸς ἀνθρώπου ἡ ἁμαρτία εἰς τὸν κόσμον εἰσῆλθε [...] <sup>18</sup>Ἄρα οὐν ὡς δι' ἐνὸς παραπτώματος εἰς πάντας ἀνθρώπους εἰς κατάκριμα [...].</p>
<b>Tradução literal</b>	<p><sup>11</sup>Não somente e, porém também gloriando em Deus por meio do Senhor nosso Jesus Cristo, por causa de quem agora reconciliação recebemos. <sup>12</sup>Por meio (este), assim como por único homem o pecado em o mundo entrou [...] <sup>18</sup>Portanto assim como por única transgressão todos os homens em condenação [...].</p>
<b>Bíblia Judaica Completa</b>	<p><sup>11</sup> E não seremos libertados apenas no futuro, mas confiamos em Deus agora, pois ele agiu por intermédio de nosso Senhor Yeshua, o Messias, por meio de quem recebemos essa reconciliação. <sup>12</sup><u>Tudo funciona da seguinte forma:</u> o pecado entrou no mundo por meio de um indivíduo [...] <sup>18</sup><u>Em outras palavras:</u> da mesma forma que por meio de uma ofensa todas as pessoas incorreram em condenação [...].</p>

No texto grego, ambos os versículos são construídos por paralelismo, marcado pela expressão traduzida literalmente como “assim como”. A coesão do versículo 18 se dá por meio da expressão traduzida como “portanto”. Entretanto, nenhuma das duas tem caráter de explicitação e ordenação enfático como encontrado nos elementos coesivos da *Bíblia Judaica Completa* sublinhados na tabela. As ideias de apresentação do primeiro e de explicação do segundo sequer se encontram no texto grego nos termos em que se apresentam. Mas, servem à intenção do tradutor de tornar a leitura/escuta do texto mais fluente, levando-o a fazer movimentos de retomada de tópicos

discursivos anteriores e asseguram a compreensão da mensagem e a progressão das ideias. O versículo 11, inclusive, começa com a seguinte expressão: “E não seremos libertados apenas no futuro, mas confiamos em Deus agora [...]”. No grego, o texto diz apenas *Οὐμόνονδέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμενοι ἐν τῷ θεῷ* (“Não somente e, porém também gloriando em Deus [...]). A menção ao “agora” se dá quanto ao recebimento da redenção, não ao momento em que o homem põe sua confiança em Deus. Nesse caso, o texto grego retoma uma ideia apresentada no versículo 10 (“... seremos libertados...”) a qual é, simultaneamente, atrelada à ideia de que há uma confiança em Deus no presente. Na tradução, essa retomada do tópico discursivo anterior é ampliada por completo na tradução, uma vez que a mensagem é transcrita literalmente. Além disso, essa escolha acaba, ainda, por reforçar o paralelismo do texto, associando o verbo no futuro (“seremos”) com o advérbio “já”, deixando ainda mais explícita ao leitor/ouvinte essa nuance do texto.

Seguindo a tendência das outras duas bíblias analisadas, a *Bíblia Judaica Completa* também utilizou a clarificação como estratégia tradutória recorrente. Mas, enquanto a *Nova Bíblia Pastoral* e a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* deram atenção a termos teológicos, esta, por sua vez, além disso, também se serve da clarificação para trazer à tona os implícitos do texto que podem contribuir para uma melhor compreensão.

**Tabela 9: Tradução de Romanos 5: 9 – Bíblia Judaica Completa**

<b>Texto-fonte</b>	Ἐπολλῶ οὖν μᾶλλον, δικαιοθέντες νῦν ἐν τῷ <u>αἵματι αὐτοῦ</u> , σωθησόμεθα δι' αὐτοῦ <u>ἀπὸ τῆς ὀργῆς</u> .
<b>Tradução literal</b>	Ḳportanto, muito mais, (depois de) <u>justificados</u> agora pelo <u>sangue dele</u> , seremos salvos através dele para fora/longe da ira.
<b>Bíblia Judaica Completa</b>	ḲPortanto, pelo fato de agora sermos <u>considerados justos</u> mediante <u>o sangue da morte decorrente do sacrifício</u> , quanto mais seremos libertados <u>da ira do juízo de Deus</u> , por meio dele!

No versículo apresentado na tabela acima, as duas facetas da clarificação se apresentam. Primeiro, a tradução do termo teológico *δικαιωθέντες* (“justificados”) se deu por meio de uma frase explicativa, “considerados justos”, já diferente da escolha da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (“aceitos por Deus”), mantendo a relação da expressão com a noção primitiva da palavra grega (justiça), mas sem usar termos pouco ou nada conhecidos (como na tradução literal, escolha da *Nova Bíblia Pastoral*). Segundo, a tradução de *αἷματι αὐτοῦ* (“sangue dele”), feita também por frase explicativa, esclarece que não era simplesmente sangue enquanto entidade física, concreta, o meio de obtenção da justificação, o meio para ser considerado justo, mas sua oferta em forma de sacrifício. Nesse caso, a noção de sacrifício, implícita no contexto do livro (já mencionada em capítulos anteriores, como na passagem de *Romanos 3:25*<sup>30</sup>) é retomada e reiterada pela parentetização feita. Semelhantemente, a noção de *ὀργῆς* (“ira”) também é clarificada quando a tradução evidencia sua origem/ seu portador (“do juízo de Deus”). Estratégia utilizada de igual forma pela *Nova Versão Transformadora* quando da tradução de metáforas, pretendendo esclarecer símiles em que o elemento de comparação é oculto, como na passagem de *Cânticos 4:4* (“Seu pescoço é como a Torre de Davi”) em que a tradução evidenciou o adjetivo “belo” para “esclarecer o sentido positivo pretendido pela símile” (BÍBLIA, 2016, p. x). Segundo Neves e Lopes, as parentetizações explicativas são uma “tendência das versões livres [...] evitando má interpretação da palavra sagrada, já que o texto original, por sua complexidade, por vezes pode ser considerado de difícil compreensão pelos leitores leigos” (2016, p. 227).

Outra estratégia tradutória presente na tradução de *Romanos 5* diz respeito às questões de gênero. No texto grego, todas as menções à humanidade ou especificamente ao gênero masculino são feitas por meio do termo *ἀνθρώπου* (e derivados), vocábulo a partir do qual temos palavras em língua portuguesa como “antropologia” (estudo do homem) e “antropomorfia” (forma de homem/humana). A *Bíblia Judaica Completa* fez diferenciações de termos, a depender de qual seja a referência, conforme apresenta a tabela a seguir:

---

<sup>30</sup> “Deus ofereceu Yeshua como *kapparah* (sacrifício) pelo pecado, mediante sua fidelidade no tocante ao sangue da sua morte sacrificial [...]” (STERN, 2010, p. 1394).

Tabela 10: Tradução de Romanos 5: 12 – Bíblia Judaica Completa

<b>Texto-fonte</b>	<sup>12</sup> Διὰ τοῦτο, ὡσπερ δι' ἐνὸς ἀνθρώπου ἡ ἁμαρτία εἰς τὸν κόσμον εἰσῆλθε, καὶ διὰ τῆς ἁμαρτίας ὁ θάνατος, καὶ οὕτως εἰς πάντας ἀνθρώπους ὁ θάνατος διήλθεν, ἐφ' ᾧ πάντες ἥμαρτον.
<b>Tradução literal</b>	<sup>12</sup> Por meio (este), assim como por único homem o pecado em o mundo entrou, também por causa do pecado (entrou) a morte, também dessa forma para (dentro de) cada homem/todos os homens a morte passou (pelo meio/atravessou), por causa de que cada um pecou/todos pecaram .
<b>Bíblia Judaica Completa</b>	<sup>12</sup> Tudo funciona da seguinte forma: o pecado entrou no mundo por meio de um <u>indivíduo</u> , e, mediante o pecado, a morte; desse modo, a morte passou para toda a <u>raça humana</u> , porque todos pecaram.

Nesse versículo, a tradução é realizada de duas formas. Na primeira ocorrência do termo grego, a referência é Adão, o *ἀνθρώπου* pelo qual, segundo o texto, o pecado entrou no mundo. A escolha tradutória foi “indivíduo”, ainda que traduzir por “homem” não acarretasse qualquer problema semântico. Aliás, essa é a tradução dada ao mesmo termo em sua ocorrência no versículo 15 (“... por meio da ofensa de um homem...”). Entretanto, a preferência por “indivíduo” estabelece um paralelo com a outra escolha tradutória feita em seguida, “raça humana”, reforçando semanticamente o impacto da consequência do pecado de uma só pessoa sobre uma quantidade muito maior de seres humanos. Além disso, traduzir *ἀνθρώπους* por “raça humana”, nesse contexto, mostra uma preocupação do tradutor em evitar a manutenção do termo masculino caso traduzisse por “[todos os] homens” (embora com efeito neutro, por englobar homens e mulheres).

Com essa escolha, o tradutor adota uma posição de inclusão na tradução, já que a expressão é mais genérica (homens e mulheres) do que apenas “homens”. Semelhantemente, a *Nova Versão Transformadora* deixa claro em sua Introdução que este assunto é uma das suas “questões de tradução”, dizendo que “muitas vezes, onde a

tradução tradicional traz ‘homem’ como sinônimo de espécie humana, optamos por ‘seres humanos’ ou ‘humanidade’, dentre outras escolhas” (BÍBLIA, 2016, p. x)<sup>31</sup>. Como a *Bíblia Judaica Completa* em português é uma tradução indireta do inglês, a tendência foi mantida e deve, assim, a ser seguida em tradução bíblica também no Brasil.

Conforme vimos, a principal característica da *Bíblia Judaica Completa* é sua estreita e evidente ligação ao ramo doutrinário cristão do judaísmo messiânico. Dada a manutenção de marcas judaicas e hebraicas no texto, dificilmente leitores católicos e protestantes compreenderão as escolhas lexicais empregadas nesse sentido, já que elas carregam uma herança cultural e discursiva pouco ou nada conhecida destes. É certo que a Editora Vida, encarregada da tradução, segue uma orientação protestante e difunde, ela mesma, várias bíblias vulgatas no mercado editorial brasileiro. Lembremo-nos de que essa é a editora responsável pela *Bíblia A Mensagem: a Bíblia em linguagem contemporânea* e pela *Nova Versão Internacional*. Todavia, a promoção dessa tradução alcança um grupo de fieis que não tem tradição em tradução da Bíblia, fato comprovado pela História (já que, como vimos no capítulo 1, judeus sempre foram avessos a essa prática linguística por temerem macular o texto sagrado) e pela baixa produção de traduções feita por eles. A cronologia de Raupp (2015) aponta que entre os séculos XX e XXI apenas três traduções de orientação judaica foram realizadas, das quais duas (as mais recentes) são judaico-messiânicas: a *Bíblia Hebraica* (2006), *A Torah e a B'rith Hadashah* (2009) e a *Bíblia Judaica Completa* (2010). A concorrência dessas e das demais bíblias vulgatas produzidas por outras instituições e editoras trazem diversidade e democratização quanto ao acesso ao texto bíblico no Brasil, contemplando não só leitores/ouvintes com graus de instrução e preferências diferentes, mas também de orientações doutrinárias diferentes.

### 3.4. Algumas implicações

Em síntese, o projeto tradutório das bíblias vulgatas é marcado por características gerais que dizem respeito, principalmente, ao registro de linguagem e à clareza da mensagem por parte do leitor. A primeira delas, como vimos, é o coloquialismo almejado pelos tradutores, o qual é usado como estratégia de marketing, a fim de alcançar leitores que

---

<sup>31</sup> Há pesquisas já realizadas sobre o assunto, principalmente a respeito das traduções bíblicas em língua inglesa, como Ritchie (2003) e Ciampa (2013).

tomam a Bíblia como um livro de difícil compreensão dada a sua linguagem muitas vezes formal. Conforme nos apontou o primeiro capítulo, o intento de fazer com que a população em geral possa ter acesso à Bíblia em sua língua remonta a movimentos anteriores, no mínimo, à Reforma Protestante. Da luta pela Bíblia em língua vernacular passou-se hoje à luta pela Bíblia em linguagem dita “acessível”, ou mesmo na chamada “língua comum” (caso da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*) quanto ao nível de registro linguístico empregado. Por um lado, a busca por esse registro comum tanto aos leitores mais letrados quanto aos de menor grau de escolaridade promove a democratização do acesso ao texto bíblico (como propôs Lutero, a seu modo, com sua tradução em vernáculo alemão). Por outro lado, porém, essa intenção acaba gerando uma problemática quanto à recepção do texto, pois motiva a produção de uma tradução bíblica cuja linguagem se propõe acessível a todos, mas que, ao mesmo tempo, pode não ser reconhecida por ninguém em específico.

É preciso lembrar, como visto no final do segundo capítulo, que a Bíblia, como outros textos religiosos, é considerada um texto sensível à tradução. Encarada como a revelação da divindade judaico-cristã, os leitores da Bíblia a revestem de sacralidade e, por essa razão, emitem rapidamente julgamentos os mais diversos sobre as menores das transformações que o(s) tradutor(es) tenha(m) feito no texto; seja a tradução de vocábulos ou expressões, seja a escolha do registro linguístico que será empregado. Uma vez que os leitores da Bíblia recorrem mais às traduções do que ao texto em língua original, algumas traduções centrais no polissistema literário acabam moldando a formação de um registro linguístico religioso, usado pelos membros atuantes nesse contexto de situação, e tornam-se o parâmetro de avaliação das traduções em posição periférica. De acordo com Lopes (2008),

uma tradução antiga torna-se, portanto, uma base para as demais e constitui-se como o texto sagrado, tornando-se um padrão. Por isso, muitos têm dificuldade em aceitar uma nova tradução, mesmo que esta seja mais compreensível e corresponda mais à realidade linguística atual (p. 56).

A autora chama a atenção para o não reconhecimento do leitor face à linguagem empregada pelas traduções bíblicas com projetos semelhantes às vulgatas. Por se distanciarem da tradição linguística

religiosa, ao ler (ou mesmo ouvir) o texto de uma bíblia vulgata, o leitor poderá não reconhecer essa linguagem como sendo divina, conforme ele assim crê que seja, por apresentar vocábulos/expressões que não fazem parte do registro religioso ao qual possa estar habituado. A manutenção dos termos teológicos na *Nova Bíblia Pastoral* possibilita que o leitor a reconheça como “a Bíblia” e não estranhe sua linguagem. Pelo contrário, dada a sintonia de registro, poderá acolhê-la como “autêntica”, “fiel”, adjetivando outras, como a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, que prefere frases explicativas a usar tais termos, como uma “má tradução”. Evidentemente, como vimos no segundo e terceiro capítulos, essas duas traduções não possuem necessariamente a mesma função, pois a *Nova Bíblia Pastoral* se propõe alcançar o fiel católico inserido na comunidade de fé e a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se propõe a alcançar, além de fieis protestantes, o leigo, ou seja, possui uma função evangelizadora mais latente. Porém, em um país de tradição cristã católica como o Brasil, certamente leigos e fieis em geral possuem alguma representação sobre o registro religioso de modo que as questões relativas à linguagem podem não passar despercebidas. A esse respeito, Eugene Nida (1997) explica que “os problemas da longa tradição são, sobretudo, relevantes no caso de textos religiosos, pois sempre há muitas pessoas cuja fé é baseada muito mais na linguagem do que no conteúdo dos antigos documentos<sup>32</sup>” (p. 189). Consequentemente, uma tradução vulgata poderá ser julgada de forma negativa e, assim, não logrará boa recepção, uma vez que, em se tratando de um texto religioso, certamente um leitor insatisfeito, preocupado em zelar pela fé de outrem, não a recomendará, podendo até mesmo militar contra essa obra, mesmo que não compreenda bem o registro religioso daquela pela qual tanto prima.

Ademais, as traduções bíblicas vulgatas ainda sofrem a pressão da própria língua, especificamente da dinamicidade dela. As línguas estão em constante modificação em todos os aspectos linguísticos: sintático, morfológico, semântico-pragmático, lexical, discursivo etc. Essa constatação provoca a seguinte indagação: o que é uma “linguagem de hoje” (caso da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*) ou uma “linguagem contemporânea” (caso de *A Mensagem: Bíblia em*

---

<sup>32</sup> “The problems of a long tradition are especially relevant in the case of religious texts, because there are always many people whose faith is based as much on the wording of ancient documents as on their content” (tradução própria).

*linguagem contemporânea*)? Diante do que se apresenta, há certo “prazo de validade” nessas traduções expresso desde seus títulos: seja de uma linguagem não perecível (ela sempre permanecerá “de hoje” ou “contemporânea” mesmo décadas após sua publicação), seja de uma linguagem perecível (cujo adjetivo pode ser questionado não muito tempo após sua publicação), variando conforme pensamento do leitor. Em outras palavras, portanto, as traduções bíblicas, principalmente as vulgatas, são mais efêmeras que as traduções formais e/ou eruditas, o que exige delas uma constante atualização ou mesmo constantes retraduições. Segundo explicação de Teixeira e Zimmer (2008), por mais que seja por muito tempo considerada excelente, “uma versão mais antiga [...] torna-se menos e menos adequada a trazer a Palavra de Deus ao povo em termos que as pessoas consigam entender a mensagem em sua plenitude” (p. 59). Por melhores que tenham sido as intenções de Lutero e de outros tradutores para as línguas vernaculares, por exemplo, suas traduções não acompanharam a evolução das línguas; afinal são apenas o registro sincrônico destas. “Como as línguas da primeira modernidade envelheceram, essas monumentais traduções são, hoje, quase tão inacessíveis ao povo e tão pouco ‘pastorais’ quanto a Bíblia latina ou os textos em língua original” (KONINGS, 2009, p. 120). Por essa razão, espera-se que na próxima década novas traduções e/ou revisões dessas bíblias vulgatas sejam realizadas, pois a recomendação das Sociedades Bíblicas Unidas é de que isso seja feito no máximo a cada vinte e cinco anos (A BÍBLIA NO BRASIL, 2017, p. 14).

Outra característica dessas bíblias, como vimos, é a preferência pelo método de equivalência dinâmica, primando pelo sentido do texto (a mensagem) em detrimento à forma quando necessário. Diante da análise textual acima, a aplicação desse método corrobora para maior clareza de algumas ideias do texto bíblico; principalmente, no caso em análise, quanto ao sentido de termos teológicos ligados à noção de justiça. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e a *Bíblia Judaica Completa* estariam à frente da *Nova Bíblia Pastoral* por terem se valido de tal recurso. Esse método permite, ainda, que o texto seja apresentado de forma mais linear e ordenada, caso não seja essa a estrutura da língua-fonte, o que facilita a leitura e a compreensão. As alterações formais quanto à ordem das orações e até mesmo quanto à ordem de versículos feitas pelas três bíblias analisadas são manifestações concretas da busca por uma linguagem que seja, ainda que utópica e questionável, “equivalente” em naturalidade, clareza e exatidão da mensagem. Em termos metodológicos, se poderia dizer que o trabalho realizado sobre a linguagem das bíblias vulgatas constitui-se como uma



forma de domesticação do texto bíblico, conforme Venuti (1995, p. 19-20), uma maneira de trazer o autor ao encontro do leitor, conforme Schleiermacher ([1813] 2010, p. 57). Todavia, é válido relembrar que esse método dificulta o uso dessas traduções em contextos de estudos bíblicos exegéticos, uma vez que uma dada frase explicativa utilizada enquanto paráfrase para clarear a ideia de um termo pode atenuar ou destoar das propriedades semânticas do termo na língua-fonte (KONINGS, 2006, p. 22), bem como pode ser afetada, tanto quanto em bíblias formais ou eruditas, por influências ideológico-doutrinárias (RAUPP, 2015, p. 94). Eis, então, outra barreira encontrada pelas bíblias vulgatas que dificulta o êxito esperado na sua recepção pelo público; nesse caso, principalmente o público acadêmico, com instrução teológica. Assim, o que é dado como benefício pela *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e pela *Bíblia Judaica Completa* ao explicar os termos teológicos, por exemplo, pode retornar contra as obras por possível falta de precisão vocabular. Por essa razão, caberá ao leitor discernir qual tipo de projeto tradutório responde melhor às suas necessidades.

Aliás, é o leitor o foco do projeto tradutório das bíblias vulgatas, ao qual o método de equivalência dinâmica está atrelado. Em nome dele se justificam as escolhas tradutórias dessas bíblias e a elaboração dos paratextos que acompanham as traduções, principalmente as notas de rodapé e as “introduções” a (grupos de) livros, contendo informações tradutórias e/ou hermenêutico-teológicas. Segundo as informações reunidas no segundo capítulo, nota-se abundância e variedade de recursos paratextuais, principalmente de notas de rodapé e de gêneros introdutórios às obras, como apresentações, prefácios ou introduções. A presença desses recursos corrobora para a formação de um letramento tradutório bíblico, pois conscientizam os leitores sobre questões relacionadas tanto ao processo de tradução quanto àquela tradução em especial, concedem visibilidade à figura do tradutor e auxiliam a compreensão do leitor ao fornecer informações complementares.

As normas que permeiam os projetos tradutórios das bíblias vulgatas se manifestam no texto traduzido por meio das estratégias tradutórias aplicadas pelos tradutores, cujo intento é assegurar no texto-alvo a clareza e a naturalidade do texto bíblico em língua original, sem perder a exatidão da mensagem, do sentido. A partir da análise da tradução do trecho de *Romanos*, capítulo 5, na *Nova Bíblia Pastoral*, católica, na *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, protestante, e na *Bíblia Judaica Completa*, judaico-messiânica, foram identificadas, em síntese, as seguintes estratégias: a clarificação de ideias, a mais

abundante delas, principalmente quanto à tradução de termos de cunho teológico ou de vocábulos pertencentes ao contexto discursivo bíblico, mas, também, quanto à explicitação de ideias implícitas no texto; alterações formais quanto à estrutura do texto e à ordem das frases, preferindo a ordem direta e a segmentação de períodos compostos do grego em períodos simples, agindo até mesmo na ordem dos versículos se necessário; uso de parentetizações explicativas; inclusão de recursos coesivos para ordenar o discurso; e promoção de inclusão na tradução ao usar termos genéricos para se referir à humanidade em geral ao invés do uso de termos masculinos como “homens”.

Contudo, nem todas as traduções analisadas recorreram a todas essas estratégias, o que mostra a diversidade dos projetos tradutórios existentes. A *Nova Bíblia Pastoral* mantém-se apegada, linguisticamente, à herança discursiva de traduções anteriores, preservando termos e expressões que são encontradas em traduções formais pelo fato de fazerem parte de uma “linguagem comunitária”. Semelhantemente, a *Bíblia Judaica Completa* deixa claras as marcas de sua filiação doutrinária ao judaísmo, embora seja adepta de estratégias como a clarificação de forma mais contundente que a vulgata católica. Por fim, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, se mostra como a mais ousada na aplicação das estratégias, principalmente a clarificação e na ordenação do discurso recorrendo, para tal, a modificações de ordem estrutural.

Juntos, esses elementos apontam para uma distinção de proposta entre as bíblias vulgatas e as bíblias eruditas (ou formais). Estas, por sua vez, são caracterizadas pela linguagem em registro padrão culto-formal, traduzidas pelo método de equivalência formal e, em grande parte, desprovidas de informações paratextuais que auxiliem a compreensão do leitor. Nas bíblias vulgatas, o alvo é (ou ao menos é assim idealizado) convencer os leitores de que essas traduções o permitirão compreender o texto bíblico como talvez antes não tenham conseguido, prometendo, inclusive, que reagirão ao texto da mesma forma que os primeiros leitores. Tal promessa pode ser questionada pelo distanciamento temporal e cultural que dificulta saber, de fato, como se deu essa recepção, já que ela se configura mais como um pressuposto (“todos compreenderam de forma clara, exata e natural”) do que como fato empírico, dada a escassez de fontes que a sustentem. Vale salientar, inclusive, que, em *2Pedro* 3:16, o apóstolo Pedro diz que “há certas coisas difíceis de entender” nas epístolas do apóstolo Paulo (BÍBLIA, 2009a, p. 1240), o que nos lembra que a mensagem bíblica pode não ser compreendida tão facilmente, não apenas por sua linguagem, mas

também por seu próprio conteúdo. Porém, a intenção por parte dos tradutores de provocar no leitor hodierno alguma reação similar àquela dos primeiros leitores, ao menos quanto ao contato com o texto e sua mensagem, não é de todo ilusória. Na verdade, de acordo com Nord (2016), uma vez que a função do texto traduzido é definido pela situação comunicativa na qual se insere, os tradutores bíblicos podem estar, no presente, em vantagem em relação aos autores do texto-fonte quanto ao trabalho dedicado à clareza do texto, pois

em vista dessa estrita orientação voltada ao público, pode muito bem ser que os tradutores tenham informações mais detalhadas sobre ‘seu’ público do que o próprio autor, considerando que os leitores podem ser encontrados não apenas na cultura fonte, mas, no caso de uma tradução posterior, também nas respectivas culturas alvo (p. 30).

Nessa linha de pensamento, os tradutores têm maior domínio sobre a recepção da tradução do que os autores tiveram quando da produção do texto-fonte. A existência das bíblias vulgatas evidencia, dessa forma, a natureza complexa do fenômeno tradutório e a heterogeneidade da tradução de textos religiosos, levando ao desenvolvimento de projetos tradutórios que atendam a públicos diferentes, em contextos diferentes, ou que possibilitem o acesso ao texto bíblico (ainda que para iniciação) àqueles que nunca ou pouco tiveram contato com ele. Elas ressaltam, então, “o fato de [textos religiosos] serem redigidos a um público leitor muito mais variado do que o dos textos literários ou históricos” (QUEIROZ, 2007, p. 45). Traduzir a Bíblia de forma funcional para diferentes grupos, atendendo às suas diversas demandas (linguísticas, sociais, culturais etc.), parece ser muito mais profícuo que continuar divulgando a ideia, no mínimo incerta, de que os leitores de hoje reagirão da mesma forma que o primeiro público.

A análise dos dados aqui apresentada nos leva, portanto, a concluir que não há um padrão nos projetos tradutórios de bíblias vulgatas. Apesar da identificação de características comuns quanto à filosofia de tradução, método e foco, bem como quanto à utilização de algumas estratégias comuns, as bíblias vulgatas analisadas possuem características próprias atreladas principalmente às instituições e às correntes doutrinárias cristãs direta ou indiretamente responsáveis por sua produção. Os dados recolhidos e discutidos nesta pesquisa

apresentam, portanto, as tendências em voga na profícua atividade de tradução bíblica, em especial de bíblias vulgatas, no Brasil cuja produtividade é relevante e cuja presença no mercado editorial é sólida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bem verdade que a tradução bíblica é uma atividade linguística de muitos séculos de existência. Foi desenvolvida ao longo do tempo sob a influência de movimentos teológicos, linguístico-tradutórios, além de políticos e ideológicos. Chegou ao século XXI com a marca da diversidade. Há projetos tradutórios os mais diversos (desde traduções formais, livres, paráfrases, traduções comentadas, traduções eruditas, filológicas, vulgatas) nos mais diversos ramos da fé judaico-cristã. Do primado de uma tradução oficial única (*Vulgata Latina*), passou gradativamente a alcançar outros idiomas (até mesmo consolidá-los como tais) e hoje alcança o mérito de livro mais traduzido do mundo.

No Brasil, o cenário editorial de traduções bíblicas não é diferente. E, nesse caso, há embates no polissistema literário da Bíblia entre os diferentes projetos tradutórios disponíveis no mercado aos leitores, cada um tentando responder a necessidades específicas. A tradução é promovida por várias agências, desde editoras comerciais até instituições de grande porte vinculadas a grupos cristãos, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, católica, e a Sociedade Bíblica do Brasil, protestante. Consequentemente, os projetos tradutórios desenvolvidos por elas acabam não sendo homogêneos. Um exemplo é a variedade de bíblias vulgatas produzidas no Brasil desde a década de 1960.

Essa pesquisa se propôs a descrever o projeto tradutório das bíblias vulgatas, as quais se propõem a alcançar leitores de média e/ou baixa instrução por meio do emprego de linguagem coloquial. Desde cedo na história das traduções bíblicas houve a preocupação com a acessibilidade de toda a população ao texto bíblico em sua língua, bandeira levantada e defendida principalmente por aqueles envolvidos com os ideais da Reforma Protestante. Constatou-se uma ampla produção desses projetos tradutórios no Brasil; onze, para ser específico. De modo geral, o projeto tradutório das bíblias vulgatas apresenta as seguintes características: o coloquialismo almejado pelos tradutores usado como estratégia de marketing; preferência pelo método de equivalência dinâmica; foco do projeto tradutório no leitor; presença de elementos paratextuais com informações sobre a tradução e/ou sobre o texto. Esses elementos evidenciam a distinção entre as bíblias vulgatas e as bíblias eruditas, as quais são caracterizadas pela linguagem em registro padrão culto-formal, dando primazia à forma sobre o sentido

sem nem sempre disponibilizar recursos paratextuais que auxiliem a compreensão do leitor.

As normas que regularam o projeto tradutório são evidenciadas no texto quando da aplicação de estratégias tradutórias cuja finalidade é assegurar que o texto traduzido será claro e natural ao leitor da tradução. Analisei a tradução do trecho de *Romanos*, capítulo 5, na versão mais recente da primeira vulgata de três ramos do cristianismo: o catolicismo, representado pela *Nova Bíblia Pastoral* (2014); o protestantismo, representado pela *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2000); e o judaísmo messiânico, representado pela *Bíblia Judaica Completa* (2010). Foram identificadas as seguintes estratégias: a clarificação de termos teológicos e de ideias implícitas no texto; alterações formais quanto à estrutura do texto e à ordem das frases; uso de parentetizações de cunho explicativo; inserção de elementos coesivos para ordenar o discurso; e promoção de questões de gêneros ao usar termos mais genéricos no lugar de termos masculinos para se referir à humanidade. Contudo, apesar das características comuns, há peculiaridades próprias a cada tradução. A *Nova Bíblia Pastoral* mostra-se zelosa em manter uma “linguagem comunitária” ligada à tradição linguística religiosa. Semelhantemente, a *Bíblia Judaica Completa* não omite sua filiação doutrinária ao judaísmo. Já a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se mostra como a mais ousada na aplicação das estratégias e propõe uma linguagem muito mais afastada de qualquer tradição ou registro linguístico religioso.

Os dados aqui recolhidos, analisados e apresentados podem ser ampliados a partir de pesquisas complementares. Uma delas é a extensão da análise a outros textos ou gêneros textuais das bíblias analisadas e/ou das demais não contempladas, a fim de averiguar a extensão das estratégias já descritas e de, porventura, identificar a existência de outras que atuem em situações comunicativas mais específicas (como em textos poéticos, por exemplo). Uma segunda possibilidade é a investigação da recepção dessas traduções frente ao público-alvo, visando observar se as intenções das equipes de tradução se concretizam, de fato, junto aos leitores e se o propósito dessas traduções está sendo alcançado. Ainda, é viável ater-se à investigação da evolução e da funcionalidade dos paratextos nas traduções bíblicas em geral, e em especial nas bíblias vulgatas. É possível, também, investigar o registro linguístico empregado nessas traduções de um ponto de vista sincrônico e diacrônico da língua a fim de estabelecer em que medida ele é, de fato, registro comum e contemporâneo. Além dessas, cabe

analisar as marcas ideológico-doutrinárias suspeitas de conduzir a tradução das bíblias vulgatas declaradamente paráfrases.

Concluo esse trabalho admirando a vastidão do campo de estudos que a tradução bíblica apresenta a todos os que se interessarem em desbravá-lo e contribuir para seu desenvolvimento, a partir dos mais diversos olhares disciplinares. Há muito a ser discutido sobre o assunto a fim de mediar diálogos entre leigos e especialistas em Estudos da Tradução e Teologia, por exemplo. Além disso, é preciso munir o público leitor/consumidor dessas bíblias com algum grau de conhecimento especializado para que as críticas não sejam pautadas apenas em senso comum ou preferências subjetivas, mas embasadas em fundamentos teórico-metodológicos coerentes, de maneira que, conseqüentemente, a recepção dessas bíblias possa ocorrer de forma profícua. Espero que os prováveis feixes de luz que este trabalho lança sobre esse campo possam servir de ajuízo a outros pesquisadores que se interessem em explorá-lo para além dos limites impostos nesta ocasião.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA NO BRASIL. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*: 40 anos de história. Ed. 240. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

A BÍBLIA NO BRASIL. *Traduções da SBB: fieis aos originais e preferidas pelos leitores*. Ed. 252. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

ABDUL-RAOF, Hussein. *Qur'antranslation: discourse, texture and exegesis*. London/New York: Routledge, 2001.

ALVES, Herculano. João Ferreira de Almeida: tradutor da Bíblia. IN.: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Fórum de Ciências Bíblicas: a tradução da Bíblia para a língua portuguesa – 325 anos da 1ª edição do Novo Testamento em português*. Vol. 2. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, p. 23-52.

BARNWELL, Katharine. *Tradução bíblica: Um curso introdutório aos princípios básicos de tradução*. 3ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis, GO: Associação Internacional de Linguística, 2011.

BÍBLIA. *Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. *Versão Hebraica do Mekhon Mamre*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Com notas do rabino J. de Oliveira. Israel: União Sefardita Hispano-Portuguesa, 2004. Edição Almeida Revista e Atualizada. Disponível em: <http://goo.gl/vFDQsU>, acesso em 23/01/2018.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. – Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009a.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009b.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia Almeida Século XXI. São Paulo: Vida Nova, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Bíblia Pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Transformadora. 1ª ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

BÍBLIA SAGRADA DE APARECIDA. Tradução de Pe. José Raimundo Vidigal. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2006.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Tradução de Israel Belo de Azevedo e Valdemar Kroker. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João [1509-1564]. *Romanos*. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos – SP: Editora Fiel, 2014.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Bíblias no Mercado: o poder dos consumidores e a competição entre os editores – o caso da sociedade bíblica do Brasil. *Rever: Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, v. 12, n. 2, 2012, p.1-27.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 1992. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html), acesso em 29/05/2018.

CIAMPA, Roy E.. Contemporary Approaches to Bible Translation Origins, Characteristics and Issues. *Série Monográfica de Ciência das Religiões* - coleção (Re)pensar a Religião, Vol. 6, nov. 2013, p. 59-101. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/seriemonograficacienciasdasreligi/article/view/3957>. Acesso em: 23/03/2018.

COMFORT, Philip Wesley. História da Bíblia em Língua Inglesa e em Língua Portuguesa. IN.: COMFORT, Philip Wesley. *A origem da Bíblia*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998, p. 301-338.

DESLILE, Jean & WOODSWORTH, Judith(orgs.). *Os tradutores na História*. [Trad. Sérgio Bath]. São Paulo: Ática, 1998.

FURLAN, Mauri. A teoria de tradução de Lutero. IN.: ENDRUSCHAT, Annette; SCHÖNBERGER, Axel. *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004, p. 11-21.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. 2ª ed. São Paulo: Editora Madras, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GIRALDI, Luiz Antônio. *História da Bíblia no Brasil*. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013a.

GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil República: como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013b.

GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil Império: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013c.

GOETHE, Johann Wolfgangvon. Três trechos sobre tradução. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. IN.: HEIDERMAN, Werner. *Clássicos da Teoria da Tradução*: antologia bilíngue. Vol. 1: Alemão – Português. 2ª ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010, p. 29-35.

GOHN, Carlos Alberto. Pesquisa em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. IN.: PAGANO, Adriana Silvina (org.). *Metodologias de pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 147-170.

GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odayr. *Novo Testamento interlinear analítico grego-português*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

GUIDÈRE, Mathieu. *Introduction à la traductologie : penser la traduction : hier, aujourd’hui, demain*. 2<sup>ème</sup> ed. Bruxelles: Groupe De Boeck, 2010.

GUTT, Ernst-August. Teoria da Relevância e tradução: em busca de um novo realismo para a tradução da Bíblia. IN.: ALVES, Fábio; GONÇALVES, José Luiz (org.) *Relevância em tradução: perspectivas teóricas e aplicadas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 35-55.

KONINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

KONINGS, Johan. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. IN.: GOHN, Carlos; NASCIMENTO, Lyslei. *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 103-126.

LIMA, Francinaldo de Souza. *Análise da “Nova Tradução na Linguagem de Hoje” da Bíblia à luz da Analítica da Tradução de Antoine Berman*. Monografia apresentada ao curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa da Universidade Federal de Campina Grande. UAL: 2016.

LIMA, Francinaldo de Souza; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. *Ponderações sobre a tradução bíblica para linguagem contemporânea*. Revista UNIABEU, v. 9, n. 21, 2016, p. 32-46.

LIMA, Francinaldo de Souza. *História da tradução bíblica brasileira: o lugar da “Nova Tradução na Linguagem de Hoje”*. Revista Percursos Linguísticos, v. 8, nº 18, 2018, p. 153-167.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. *A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene A. (editores). *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUTERO, Martinho. Carta aberta sobre a tradução. Tradução de Mauri Furlan. IN.: FURLAN, Mauri. (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue*. Vol. 4: Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006, p. 91-115.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MILLER, S. M; HUBER, R. V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura; LOPES, Mariú Moreira Madureira. Texto bíblico e “tradução”: a “voz divina” no plano humano da coenunciação. *Cadernos de Tradução*. Vol. 36, nº 2, 2016, p. 205-236.

NIDA, Eugene E. Linguistics and ethnology in translation problems. *Word* 1, 1945, p. 194–208.

NIDA, Eugene E. *Toward a Science of Translating*. Leiden: Brill, 1964.

NIDA, Eugene E. Translating a text with a long and sensitive tradition. IN.: SIMMS, Karl (org.). *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. Amsterdam – Atlanta: GA, 1997.

NIDA, Eugene E; TABER, Charles Russell. *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill, 1974.

NIDA, Eugene E. Un nuevo concepto de traducción. [Trad. de A. de la Fuente Adánez]. In: VEGA, Miguel Ángel (ed.). *Textos clásicos de teoría de la traducción*. Madrid: Cátedra, 2004. pp. 351-359.

NIDA, Eugene E. Principles of correspondence. IN.: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. 3ª ed., London and New York: Routledge, 2012, p. 141-155.

NORD, Christiane. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

NOVA BÍBLIA VIVA. 1ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Editora Vida, 2011.

PINHEIRO, Carolina Dias. “*Feita Especialmente para Você*”: considerações sobre a Tradução de Bíblias Temáticas no Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017.

QUEIROZ, Marta Maria Romeiro de. *Do plurilinguismo em Babel ao ecumenismo na tradução bíblica: o caso da versão católica da Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

RAUPP, Marcelo. *Uma análise descritiva de três traduções brasileiras da Bíblia a partir de alterações introduzidas nos manuscritos em língua original*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

RAUPP, Marcelo. *A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

RITCHIE, Daniel E. Three recent Bible translations: A literary and stylistic perspective. *JETS*, september 2003, p. 533-545.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. *NVI: a Bíblia do século 21*. 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2003.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braidão. IN.: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue alemão-português*. Vol. 1. 2ª ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2010, p. 37-101.

SCHOLZ, Vilson. Bíblia de Almeida: sua origem, as revisões e os princípios envolvidos. IN.: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Fórum de Ciências Bíblicas: 1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia – Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina*. Vol. 1. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 7-35.

SCHOLZ, Vilson. A transmissão do texto bíblico. IN.: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Manual do Fórum de Ciências Bíblicas*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 27-39.

SCHOLZ, Vilson. O desafio da tradução bíblica para o Português hoje. *Série Monográfica de Ciência das Religiões - coleção (Re)pensar a Religião*. Nov. 2013, p. 121-139. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/seriemonograficacienciadasreligi/article/view/3959>. Acesso em: 23/03/2018.

SILVA, Severino Pedro da. *A Bíblia: o livro de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

SIMMS, Karl. (Org.). *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. Amsterdam – Atlanta: GA, 1997.

SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. *Rapport sur l'accès aux Ecritures dans le monde*. 2016. Disponível em: <https://www.unitedbiblesocieties.org/fr/rapport-sur-lacces-aux-ecritures-dans-le-monde/>, acesso em 22/01/2018.

STERN, David H. *Novo Testamento Judaico*. Tradução de Rogério Portella. 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.

STERN, David H. *Bíblia Judaica Completa: o Tanakh [AT] e a B'riHadashah [NT]*. Tradução de Rogério Portella, Celso Eronildes Fernandes. São Paulo: Editora Vida, 2010.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

TEIXEIRA, Paulo; ZIMMER, Rudi. Traduições da Bíblia: história, princípios e influência. IN.: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Manual do Fórum de Ciências Bíblicas*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 41-70.

TORRE, Esteban. La traducción: concepto e evolución histórica. In: *Teoria de la traducción literaria*. Barcelona: Editorial Síntesis, 2001.

TREBOLLE BARRERA, Julio C. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Tradução de Pe. Ramiro Mincato. Petrópolis: Vozes, 1996.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London, Great Britain: Routledge, 1995.